Reabilitar e Valorizar a Memória de Beja

Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Cristina Santos Palma

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa

Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

Júri:

Presidente: Professor Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Vogal: Professor Doutor Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, março, 2019

Reabilitar e Valorizar a Memória de Beja

Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Cristina Santos Palma

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado

para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa

Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

Júri:

Presidente: Professor Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Vogal: Professor Doutor Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira

Lisboa, FA ULisboa, março, 2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e irmãos, pelo esforço, dedicação e apoio incondicional. Obrigado por me terem acompanhado durante esta jornada universitária, fazendo os possíveis para estarem sempre presentes nos bons e maus momentos, mostrando que, com esfoço, persistência e bastante trabalho é possível alcançar um propósito;

Aos meus orientadores, Professora Doutora Isabel Rosa e Professor Doutor Flávio Lopes, por me terem aceitado como orientanda, proporcionando-me uma oportunidade de trabalho única. E pela disponibilidade, dedicação e atenção manifestados ao longo deste trabalho;

E, também,

Ao Arquivo Municipal de Beja, particularmente à sua funcionária, D. Isabel Campaniço, pela ajuda e tempo disponibilizado na digitalização dos documentos;

À Dra. Maria Teresa Rosa, diretora da Residência de Estudantes de Beja e à sua funcionária, D. Emília, por toda a ajuda e empenho despendidos na procura incansável de informação;

Aos meus tios e familiares, que acreditaram sempre nas minhas competências, um obrigado especial pela ajuda e apoio neste longo percurso,

e por último, aos meus amigos e colegas, pela amizade, pelo espírito de entreajuda ao longo desta etapa, pois sem eles não seria possível suportar todas estas tormentas.

O meu sincero agradecimento a todos.

Título:
Reabilitar e Valorizar a Memória de Beja
Subtítulo:
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados
Autora:
Cristina Santos Palma
Orientadores Científicos:
Professora Doutora Isabel Rosa
Professor Doutor Flávio Lopes
Mestrado Integrado em Arquitetura
FAUL
Lisboa, março 2019

Este documento foi regido segundo o atual Acordo Ortográfico.

Resumo

O **turismo** é um fenómeno com impacto crescente em Portugal e a atividade turística constitui uma ferramenta fundamental, em termos de crescimento económico e de desenvolvimento sociocultural, no nosso país. O seu acentuado crescimento, nos últimos tempos, torna imperiosa a necessidade de se conceberem e operacionalizaram novas estratégias e apoios, para dar resposta às necessidades dos turistas.

A relevância da arquitetura, neste domínio, advém do seu carácter de atividade de suporte que, através da criação de novos programas organizativos, permite valorizar os inúmeros recursos existentes em Portugal e, em particular, no Baixo Alentejo, onde se vai ancorar este caso de estudo.

O presente estudo visa a reabilitação do antigo Palácio dos Maldonados, edifício do séc. XVIII, situado no centro histórico da cidade de Beja, qualificando-o para um novo uso - uma Escola de Hotelaria e Turismo e um Hotel de Aplicação.

Deste modo, o projeto pretende pôr em destaque o importante património da antiga *Pax Julia* e, assim, contribuir para ampliar a relevância da cidade, na região do Alentejo.

PALAVRAS-CHAVE

Reabilitação | Memória | Valorizar | Turismo |

Património Arquitetónico

Title:
Rehabilitate and Valorizate the Memory of Beja
Subtitle:
Catering School and Hotel United: Palácio dos Maldonados
Author:
Cristina Santos Palma
Scientific Guiding:
Doctor Architect Isabel Rosa
Doctor Architect Flávio Lopes
Master in Architecture FAUL
Lisboa, march 2019

This document was written under the current Portuguese orthoraphic agreement.

Abstract

Tourism is a phenomenon with a growing impact in Portugal and the touristic activity is a fundamental tool in terms of economic growth and socio-cultural development in our country. Its strong growth in recent times makes imperative the need to design and operationalize new strategies and support to meet the needs of tourists.

The relevance of architecture in this area comes from its nature of supporting activity which, through the creation of new organizational programs, allows to value the numerous resources in Portugal and, in particular, in Baixo Alentejo, where this study will be done.

The present proposal aims the rehabilitation of the old Palácio dos Maldonados, a building of the XVIII century, located in the historical center of the city of Beja, qualifying it for a new use - a school of hotel and tourism courses.

In this way, the project aims to highlight the important heritage of the old Pax Julia and, thus, contribute to increase the relevance of this city in the region of Alentejo.

KEY-WORDS

Rehabilitation | Memory | Appreciate | Tourism | Architectural Heritage

Índice

1. Introdução 1

1.1. Enquadramento 1

1.2. Objeto, âmbito e justificação do tema 2

1.3. Metodologia e objetivos 6

1.4. Organização da dissertação 9

2. Contextualização Temática e Histórica 13

2.1. Contextualização Temática 13

2.2. Contextualização Histórica 15

2.3. O local. O meio físico e social envolvente 25

2.4. A construção inicial e as remodelações posteriores 28

3. Os Valores Históricos e Artísticos a Preservar 35

3.1. Os principais valores do "Palácio dos Maldonados" e as questões relevantes para uma metodologia de intervenção 35

3.2. Questões de autenticidade 35

3.3. Questões de integridade 51

3.4. Questões de identidade 53

4. Estado de Conservação e Prioridades de Intervenção 55

4.1. Principais patologias em estruturas, fachadas, coberturas e interiores 55

4.2. Prioridades de Intervenção 62

5. Aprender com os Exemplos Recentes 65

5.1. Aspetos que justificaram a escolha dos casos a estudar. 65

5.2. Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve - Convento de São Francisco, Faro 69

5.3. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre 73

5.4. O Palácio Belmonte 77

6. Proposta de Reabilitação (Projeto) 83

6.1. Contextualização da Proposta 83

6.1.1. O Conceito de Turismo 83

6.1.2. O Turismo em Portugal 84

6.1.3. O Turismo no Alentejo 85

6.1.4. O Turismo e o Património 86

6.1.5. A Escola de Hotelaria e Turismo e o Hotel de Aplicação .. 88

6.2. Proposta de programa funcional 90

6.3. Implantação do programa: reutilização física do edifício 92

6.3.1. A Escola de Hotelaria e Turismo 92

6.3.2. O Hotel de Aplicação 93

6.4. Descrição das opções arquitetónicas 96

6.4.1. Integração dos novos volumes 96

6.4.2. Pavimentos 97

6.4.3. Cobertura 98

7. Conclusões 99

8. Listagem de Referências Bibliográficas 101

9. Anexos 107

Índice de Figuras

CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA E HISTÓRICA

Fig. 2. Panorâmica da Cidade de Beja, Desenho de Francisco da Paula Graça, 1850. p.12

Fonte: http://bejayarrabaldes.blogspot.com/2012/04/cidade-de-beja-1850-desenho-de.html

Fig. 3. Levantamento da cidade no último quartel do século XIX. p.18

Fonte: Ilustração elaborada pela autora

Fig. 4. Crescimento Urbano da Cidade. p.19

Fonte: Ilustração da autora

Fig. 5. Evolução Urbana de Beja. p.23

Fonte: "Ordenamento Potencial da Paisagem de Base Ecológica. Aplicação a Portugal", CEAP/ISA (ROSA, Isabel, LOPES, Joana)

Fig. 6. Mapa de Portugal com delimitação do concelho de Beja. p.24

Fonte: Ilustração da autora

Fig. 7. Mapa do Concelho de Beja com delimitação das freguesias. p.24

Fonte: Ilustração da autora

Fig. 8. Portas de Moura, Beja, Fotografia atual. p.27

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 9. Rua do Esquível, Beja, Fotografia atual. p.27

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 10. Rua da Casa Pia, Beja, Fotografia atual. p.27

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 11. Cintura Muralhada na Rua da Muralha, Beja, Fotografia atual . p.27

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 12. Ermida de Stº André, Beja, Imagem postal. p.28

Fonte: https://seralentejano.blogspot.com/2018/04/postais-do-alentejo-beja-ermida-de_27.html

Fig. 13. Torre de Menagem, Beja, Imagem postal. p.28

Fonte:
http://ww3.aeje.pt/avcultur/Avcultur/Postais2/BejaPostais/010_Beja.jpg

Fig. 14. Antigo Mercado, Beja, Imagem postal. p.28

Fonte: http://omelhoralentejodomundo.blogspot.com/2015/05/postais-antigos-de-beja.html

Fig. 15. Igreja da Conceição, Beja, Imagem postal. p.29

Fonte:
http://ww3.aeje.pt/avcultur/Avcultur/Postais2/BejaPostais/004_Beja.jpg

Fig. 16. Praça da República remodelada em 1940, Beja, Imagem postal. p.29

Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 17. Palácio dos Pereiras e Lacerdas, Fotografia exterior, Beja. p.30

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 18. Palácio dos Pereiras e Lacerdas, Fotografia exterior, Beja. p.30

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 19. Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara, Fotografia exterior, Beja. p.31

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 20. Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara, Pormenor do Brasão Fotografia exterior, Beja. p.31

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 21. Solar dos Guedes, Fotografia exterior, Beja. p.32

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 22. Solar dos Guedes, Pormenor dos símbolos heráldicos, Beja. p.32

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 23. Casa da Torrinha, Fotografia exterior, Beja. p.33

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 24. Casa da Torrinha, Fotografia exterior, Beja. p.33

Fonte: Imagem capturada pela autora

OS VALORES HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS A PRESERVAR

Fig. 25. Palácio dos Maldonados, Fotografia Exterior da Fachada Este, Rui Eugénio. p.34

Fonte:https://www.facebook.com/BejaEmImagens/photos/a.165275666840069/180809201953382/?type=3&theater

Fig. 26. Palácio dos Maldonados, Planta do Piso 0, Projeto de Execução/ Alterações. p.41

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 27. Palácio dos Maldonados, Planta do Piso 1, Projeto de Execução/ Alterações p.42

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 28. Palácio dos Maldonados, Planta do Piso 2, Projeto de Execução/ Alterações. p.43

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 29. Palácio dos Maldonados, Alçado Sul, Projeto de Execução/ Alterações p.44

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 30. Palácio dos Maldonados, Alçado Este, Projeto de Execução/ Alterações p.45

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 31. Palácio dos Maldonados, Corte Longitudinal, Projeto de Execução/ Alterações. p.46

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 32. Palácio dos Maldonados, Corte Transversal, Projeto de Execução/ Alterações p.47

Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 33. Palácio dos Maldonados, Alçado Oeste/ Corte Transversal, Projeto de Execução/ Alterações. p.48
Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 34. Palácio dos Maldonados, Alçado Norte/ Corte Longitudinal, Projeto de Execução/ Alterações. p.49
Fonte: Projeto de Execução/ Alterações por J.M. Alves de Sousa amavelmente cedida por Dra. Maria Teresa Rosa

Fig. 35. Pormenor de painel de teto pintado, Palácio dos Maldonados. p.50
Fonte: ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – Inventário Artístico de Portugal: distrito de Beja. II volume. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes, 1992.

Fig. 36. Pormenor de painel de teto pintado, Palácio dos Maldonados. p.50
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 37. Pormenor de painel de teto pintado, Palácio dos Maldonados. p.51
Fonte: ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – Inventário Artístico de Portugal: distrito de Beja. II volume. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes, 1992.

ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO

Fig. 38. Fachada Sul, pormenor de uma janela. p.56
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 39. Fachada Sul, pormenor da cantaria. p.56
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 40. Fachada Sul. p.57
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig.41. Fachada Sul, pormenor de uma porta. p.57

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 42. Fachada Sul, pormenor do degrau. p.57

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 43. Fachada Sul, pormenor do portal de acesso. p.57

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 44. Fachada Sul, pormenor do brasão. p.57

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 45. Fachada Este, pormenor das abóbadas. p.59

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 46. Fachada Este, pormenor da arcada. p.59

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 47. Fachada Este, pormenor da escadaria de acesso. p.59

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 48. Fachada Este. p.59

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 49. Fachada Este. p.59

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 50. Fachada Norte. p.61

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 51. Fachada Norte. p.61

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 52. Fachada Norte. p.61

Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 53. Fachada Norte. p.61

Fonte: Imagem capturada pela autora

APRENDER COM OS EXEMPLOS RECENTES

Fig. 54. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia Exterior, Carrilho da Graça, 1997. p.68

Fonte:https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ConventoSFranciscoFaro.JPG

Fig. 55. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia Exterior, Carrilho da Graça, 1997. p.68

Fonte: https://regiao-sul.pt/2018/07/04/economia/sessao-em-faro-aborda-solucoes-de-financiamento-para-atividade-turistica/440945

Fig. 56. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia Exterior, Carrilho da Graça, 1997. p.68

Fonte: https://escolas.turismodeportugal.pt/escola/algarve/

Fig. 57. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia do bar. p.70

Fonte: https://escolas.turismodeportugal.pt/escola/algarve/

Fig. 58. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia das arcadas de acesso ao pátio. p. 70

Fonte: AA.VV. – Hotelaria e Turismo do Algarve, Convento de São Francisco, Faro in Anuário de Arquitectura Interiores e Design. Lisboa: ESTAR, 2002.

Fig. 59. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Alçado Este, Carrilho da Graça, 1997. p. 70

Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 60. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Alçado Sul, Carrilho da Graça, 1997. p. 70

Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 61. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Corte Transversal, Carrilho da Graça, 1997. p. 70

Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 62. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Corte Longitudinal, Carrilho da Graça, 1997. p. 70

Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 63. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Planta do Piso 0, Carrilho da Graça, 1997. p. 71
Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 64. Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Planta do Piso 1, Carrilho da Graça, 1997. p. 71
Fonte: AA.VV. – Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos. Lisboa: Prototypo, 1999.

Fig. 65. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto Moura, 2008. p.72
Fonte: https://divisare.com/projects/204265-eduardo-souto-de-moura-graca-correia-luis-ferreira-alves-christian-richters-hotel-and-catering-school#lg=1&slide=36

Fig. 66. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto Moura, 2008. p. 72
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 67. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto Moura, 2008. p. 72
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 68. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Sala de reuniões. p. 74
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 69. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Pormenor do pátio interior. p. 74
Fonte: Imagem capturada pela autora

Fig. 70. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta de Implantação do Conjunto, Souto Moura, 2008. p. 75
Fonte: AA.VV. – Escuela de Hostelaría y Turismo in Domesticar la arquitectura Eduardo Souto de Moura (2009-2014). El Croquis nº176. Madrid: 2015, p.30.

Fig. 71. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta do Piso 0, Souto Moura, 2008. p. 75
Fonte: AA.VV. – Escuela de Hostelaría y Turismo in Domesticar la arquitectura Eduardo Souto de Moura (2009-2014). El Croquis nº176. Madrid: 2015, p.35.

Fig. 72. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta do Piso -1, Souto Moura, 2008. p. 75
Fonte: AA.VV. – Escuela de Hostelaría y Turismo in Domesticar la arquitectura Eduardo Souto de Moura (2009-2014). El Croquis nº176. Madrid: 2015, p.34.

Fig. 73. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Alçado Sul, Souto Moura, 2008. p. 75
Fonte: AA.VV. – Escuela de Hostelaría y Turismo in Domesticar la arquitectura Eduardo Souto de Moura (2009-2014). El Croquis nº176. Madrid: 2015, p.35.

Fig. 74. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Corte Transversal, Souto Moura, 2008. p. 75
Fonte: https://www.archdaily.com/297474/hotel-catering-school-eduardo-souto-de-moura-graca-correia/50aef4dbb3fc4b2785000152-section

Fig. 75. Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000. p. 76
Fonte: http://palaciobelmonte.com/image-video-gallery/

Fig. 76. Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000. p. 76
Fonte: http://palaciobelmonte.com/image-video-gallery/

Fig. 77. Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000. p. 76
Fonte: http://palaciobelmonte.com/image-video-gallery/

Fig. 78. Palácio Belmonte, Composição de imagens do interior, Quirino da Fonseca, 2000. p.78
Fonte: http://palaciobelmonte.com/image-video-gallery/

Fig. 79. Palácio Belmonte, Planta do Piso 0, Quirino da Fonseca, 2000. p.79
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por D. Maria João Granate

Fig. 80. Palácio Belmonte, Planta do Piso 1, Quirino da Fonseca, 2000. p. 79
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por Sra. Maria João Granate

Fig. 81. Palácio Belmonte, Alçado Sudoeste, Quirino da Fonseca, 2000.

2000. p. 79
Fonte: FONSECA, Pedro Henrique Quirino da – Palácio Belmonte. Architécti nº52. Lisboa: 2000, p.86-95.

Fig. 82. Palácio Belmonte, Planta do Piso 2, Quirino da Fonseca, 2000. p.80
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por Sra. Maria João Granate

Fig. 83. Palácio Belmonte, Planta do Piso 3, Quirino da Fonseca, 2000. p. 80
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por Sra. Maria João Granate

Fig. 84. Palácio Belmonte, Corte/ Alçado Sudoeste, Quirino da Fonseca, 2000. p.80
Fonte: FONSECA, Pedro Henrique Quirino da – Palácio Belmonte. Architécti nº52. Lisboa: 2000, p.86-95.

Fig. 85. Palácio Belmonte, Planta do Piso 4, Quirino da Fonseca, 2000. p.81
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por Sra. Maria João Granate

Fig. 86. Palácio Belmonte, Planta do Piso 5, Quirino da Fonseca, 2000. p. 81
Fonte: Autoria alunos do IST amavelmente cedida por Sra. Maria João Granate

Fig. 87. Palácio Belmonte, Alçado Sudeste, Quirino da Fonseca, 2000. p. 81
Fonte: FONSECA, Pedro Henrique Quirino da – Palácio Belmonte. Architécti nº52. Lisboa: 2000, p.86-95.

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO (PROJETO)

Fig. 88. Esquiço da proposta do espaço verde. p.91
Fonte: Ilustração da autora

Fig. 89. Proposta do alçado este do hotel. p.97
Fonte: Ilustração da autora

Fig. 90. Proposta do alçado interior do hotel. p.97

Fonte: Ilustração da autora

Fig. 91. Proposta do alçado oeste da Escola de Hotelaria. p.97

Fonte: Ilustração da autora

Fig. 92. Proposta do alçado norte da Escola de Hotelaria. p.97

Fonte: Ilustração da autora

1. Introdução

1.1. Enquadramento

Quando se pretende estudar um edifício ou um local, torna-se imperativo conhecer e compreender a sua contextualização histórica, arquitetónica e socioeconómica, através da análise dos seus antecedentes e da sua posterior evolução.

Apesar de a cidade de Beja não apresentar a mesma densidade de casas senhoriais e palacetes que as vizinhas cidades de Serpa e Moura ou até mesmo que a vila de Alvito, existem alguns edifícios de relevo, entre os quais se destaca o "Palácio dos Maldonados", importante casa brasonada que é das poucas existentes na cidade e que simboliza bem o valor cultural de uma memória que tem persistido ao longo do tempo. É neste edifício que se centrará este trabalho, assumido como uma proposta de reabilitação e requalificação deste valioso património construído, de modo a devolvê-lo à cidade, como uma importante mais-valia para os seus crescimento e desenvolvimento.

Numa consulta ao "Plano de Salvaguarda e Recuperação do Centro Histórico de Beja" verifica-se que a Câmara Municipal prioriza a reabilitação do património da cidade, como via para melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Nesse sentido, o Plano prevê que sejam efetuadas as alterações necessárias, para que exista a "*participação do antigo na construção da cidade*, [nascendo daí o] *caminho do verdadeiro progresso*"[1].

Com este enquadramento, a escolha do local para implementar a proposta deste trabalho é o centro histórico da cidade de Beja, local onde se encontram os edifícios com maior valor patrimonial e onde existe uma maior urgência de reabilitar,

[1] MASSAPINA, António; MASSAPINA, João; MARTINS, Jorge – *Beja: Centro Histórico: Plano de Salvaguarda e Recuperação*. Beja: Federação das Associações de Estudo, Defensa e Divulgação do Património Cultural e Natural, 1981, p.2

observável através da enorme quantidade de edifícios devolutos e ao abandono, marcados pelas intempéries do passar dos anos.

Atualmente, apesar de a cidade de Beja sofrer do decréscimo populacional que afeta todo o interior do nosso país e particularmente o Alentejo e, dentro deste, de forma ainda mais acentuada, o Baixo Alentejo, é possível e desejável valorizar esta região alentejana, aproveitando o seu potencial turístico, assente em recursos tão diversificados como o clima, a cultura, a história e a tradição. O aproveitamento destes recursos, ainda tão pouco explorados, poderá travar a perda de importância de Beja, enquanto cidade capital de distrito, e reposicioná-la, numa relação mais equilibrada, face à vizinha cidade Évora.

Partindo da premissa de que o turismo é um instrumento impulsionador fundamental para o desenvolvimento dos territórios e da cidade de Beja em particular, é preciso planear e preparar o seu crescimento, criando apoios que suportem e sustentem o seu desenvolvimento. Tal é possível através da reabilitação e requalificação do património edificado, bem como do investimento em novos projetos estruturantes que valorizem a região.

1.2. Objeto, âmbito e justificação do tema

Objeto

Localizado em pleno centro histórico de Beja, mais especificamente na encosta norte, na Rua do Esquível, encontra-se o "Palácio dos Maldonados". A construção do edifício data da primeira metade do século XVIII, possivelmente a mando do "*coronel de Dragões, Luís Guedes de Miranda Mendonça Lima e Albuquerque, 11º senhor de Murça, administrador do morgado de Bacalhoa e comendador da Ordem de Avis, filho de Pedro Guedes de Miranda e D. Maria Josefa de*

Mendonça, que teve como esposa D. Maria de Ataíde, filha de 2º Conde de Vale dos Reis"[2].

A atual designação, pela qual é conhecido o edifício, advém do nome de família de quem o habitou durante o século XIX: a família Maldonado.

Além de habitação, o palácio teve, ao longo dos tempos, várias outras funções: serviu como colégio – Colégio Maria do Céu – durante os derradeiros anos da monarquia; foi quartel militar, na Primeira República; acolheu, de seguida, uma instituição religiosa; anos mais tarde, deu lugar a uma escola do Magistério Primário - altura em que sofreu graves descaracterizações, devido à ausência de planeamento adequado e de supervisão técnica das obras; e, por fim, em 1983, foi adquirido pelo Instituto de Ação Social Escolar (IASE), do Ministério da Educação, com o objetivo de aí ser instalada uma residência de estudantes, afetação que atualmente mantém.

No palácio é de salientar o sumptuoso portal de acesso, possivelmente um dos poucos, para não dizer o único, representativo de "*(…) uma entidade identitária socialmente estruturante*"[3] que pretendia demonstrar uma hierarquia típica da época, representada através de um "*portado, tipo renascença* [com] *uma bela cantaria talhada em blocos de mármore de S. Brissos*"[4] e um enorme portão férreo "*munido de gonzos e fechos de bronze*"[4] de estilo neoclássico.

Trata-se, portanto, de em edifício singular, no contexto da cidade de Beja, representativo do tipo de construções do século XVIII, um dos poucos existentes na cidade, devido à destruição de edifícios ou conjuntos de edifícios marcantes que devastou partes da cidade, baseada num ideal de modernização, de intenções políticas ou, até mesmo, de restauro, que assolaram o século XIX e XX.

---

[2] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p.137-138

[3] FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos – *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015, p.24

[4] Arquivo de Beja, p.361

É neste contexto que surge a necessidade de estimular, nos bejenses, a criação de um sentido de dever e de uma consciência cívica de que a cidade apenas pode progredir se forem tomadas medidas de salvaguarda, conservação, reabilitação e valorização do seu património edificado.

Âmbito:

Circundado pelas muralhas, o centro histórico de Beja, caracteriza-se por um núcleo urbano compacto e consistente, apresentando uma premente necessidade de revalorização, numa evidência da premissa de que a cidade apenas pode reflorescer se forem tomadas medidas, onde, segundo Nuno Portas, "*as palavras de ordem são agora 'recuperar', 'reabilitar', 'revitalizar' as partes antigas ou existentes da cidade, sempre sujeitas a deteriorações várias e à mudança dos usos e das pessoas*"[5]

Nota-se, também, que a área urbana envolvente, no que respeita à prática arquitetónica, não tem tomado em consideração a relação existente entre o centro e a paisagem envolvente, que remonta à origem da cidade.

O abandono - que se tem vindo a acentuar nos últimos anos - é um dos principais motivos deste estado de coisas, levando à degradação e desertificação desta zona da cidade. Apesar de existir, no município, um plano intitulado "Centro Histórico - Plano de Salvaguarda e Recuperação", datado de 1980, poucas foram as mudanças observadas nesta zona da cidade, no decorrer das últimas quatro décadas, que apoiassem o seu desenvolvimento. E isto, enquanto "*Em Portugal, a questão da salvaguarda e da reabilitação dos*

[5] PORTAS, Nuno – Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 1983, p.10

núcleos históricos urbanos tem merecido muito debate nos últimos anos, embora nem sempre resultando nas esperadas (e acertadas) ações"[6].

Os projetos que, desde então, viram a luz do dia, foram escassos, circunscrevendo-se a casos pontuais, não tendo a capacidade de alterar a imagem degradada da zona antiga da cidade. Situação esta, em linha com a análise de Nuno Portas, ao referir que "*as políticas municipais e governamentais têm contribuído, paulatinamente, talvez sem terem disso consciência e levadas pelos próprios técnicos que fazem os planos, à morte lenta das áreas antigas dos aglomerados*"[7].

Por tudo isto, é necessário tomar medidas corporizadas em ações concretas que contrariem os problemas relativos à falta de planeamento e de ordenamento urbano. Nesse sentido, *Choay* afirma que "*os centros e os bairros antigos só podem ser conservados e integrados na contemporaneidade, caso o seu uso e destino seja compatível com a morfologia e a escala dos mesmos*"[8].

No entanto, a atribuição de um novo uso a um edifício histórico, como é o "Palácio dos Maldonados", é uma intervenção complexa e trabalhosa, devendo esta ser justificada em função do fluxo dos seus possíveis utilizadores.

Deste modo, é fundamental ter em conta a realidade do fenómeno "turismo" e catapultá-lo a elemento chave do desenvolvimento urbano e económico da cidade e da própria região envolvente.

Justificação do Tema:

Neste contexto, a opção que fizemos pelo tema "Reabilitar e Valorizar a Memória de Beja", resulta da consciência de que o

---

[6] QUEIROZ, Francisco; PORTELA, Ana Margarida – Conservação Urbana e Territorial Integrada: Reflexões sobre Salvaguarda, Reabilitação e Gestão de Centros Históricos em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 2009, p.161

[7] PORTAS, Nuno – Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 1983, p.18

[8] CHOAY, Françoise – *A Alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2000, p.204

primeiro passo para concretizar o imperativo de revitalizar o centro histórico da cidade, passa pelo combate à enorme carência de sensibilização e informação da comunidade *pacence*, sobre o seu património histórico construído.

Queremos, em continuidade, mostrar que é possível contribuir para a revitalização do centro histórico da cidade de Beja, através da reabilitação e adequação a um novo uso, de um dos edifícios mais emblemáticos do seu centro histórico, o "Palácio dos Maldonados".

Tema

O trabalho parte do tema proposto para o 9º semestre do Mestrado em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 2017/2018, inserindo-se no projeto de investigação "A Casa Senhorial como Espaço Matriz".

O tema centra-se na conceção de um projeto de reabilitação e adaptação de um palácio oitocentista a escola de hotelaria e turismo e hotel de aplicação, de modo a colocá-lo ao serviço da comunidade, dando-lhe um uso em sintonia com o tempo atual e valorizando o imóvel, a longo prazo, assim se justificando também a escolha do título para este trabalho.

1.3. Metodologia e objetivos

Metodologia

Para a realização da dissertação, será utilizada uma metodologia de trabalho constituída por distintos passos, desenvolvidos ao longo do projeto, segundo o respetivo planeamento.

Em primeiro lugar, apresenta-se uma contextualização territorial, compreendendo o elemento "casa senhorial", desde os contextos rurais aos urbanos, inerentes a estatutos sociais, culturais e económicos. Nesta parte, fez-se um prévio reconhecimento,

investigação e identificação do local onde se insere a casa, começando por uma recolha de informação sobre a cidade e sobre o edifício a intervir, recorrendo-se também a um levantamento fotográfico da zona de intervenção. Posteriormente, procedeu-se ao levantamento cartográfico, seguido da recolha de fotografias antigas obtidas, nomeadamente, junto da Câmara Municipal de Beja e do Arquivo Municipal. A evolução histórica e urbana da cidade, essa, tratou-se mediante a consulta de bibliografia, sobretudo na biblioteca local e na câmara municipal. Para a recolha de informação complementar relativa ao palácio, contou-se com o testemunho oral de pessoas ligadas à gestão do serviço aí instalado, o que permitiu uma melhor compreensão da evolução espacial, na sua adaptação aos vários usos que tem vindo a ter, nas últimas décadas. É de referir que a atual diretora da residência de estudantes, nos facultou a consulta dos arquivos com os desenhos do edifício, como plantas, alçados e cortes, documentos que - ao que apurámos após busca exaustiva junto de diversas entidades e serviços – se extraviaram nos serviços regionais e centrais do Ministério da Educação, pelo que o exemplar disponibilizado é já o único existente. Para a sua reprodução e digitalização, contámos com o departamento de digitalização de documentos da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo.

Esta investigação começou com a compreensão de conceitos chave, de um âmbito geral para o particular, culminando-se num ponto essencial, que é o projeto, resultando este, também, de uma exaustiva investigação e reflexão sobre esses conceitos.

É, então, com base nos conceitos de "turismo", "memória" e "reabilitação", este associado, ao de "reconversão de usos", que se foi à procura de uma função compatível que imprimisse qualidade ao projeto de reabilitação, integrando a ideia de dar uma nova vida ao edifício, valorizando as suas características mais autênticas. O último

objetivo da intervenção foi, assim, a valorização e integração na cidade do seu património local.

Para aperfeiçoar o entendimento dos conceitos acima enunciados e interligá-los com a realidade que é o "turismo", recorreu-se a exemplos recentes, a fim de se compreender de que forma(s) é possível articular edifícios antigos com novos usos, de modo a gerar um programa que compreenda todo o edificado. Esta análise foi efetuada recorrendo a documentos que descrevem os projetos e através da visita a alguns dos exemplares mais significativos.

Por fim, deu-se início à aplicação prática dos conceitos, partindo das necessidades existentes.

O projeto, implementando os conceitos estudados, contempla dois tipos de intervenção: uma intervenção urbana e uma intervenção arquitetónica, sendo a sua finalidade a reabilitação do antigo "Palácio dos Maldonados", sito dentro do perímetro amuralhado da cidade de Beja.

Os **objetivos** a atingir com o desenvolvimento do projeto são os seguintes:

Objetivos Gerais

- Contribuir para a salvaguarda do património da cidade de Beja;
- Demonstrar como é possível intervir numa pré-existência com valor cultural, mantendo as suas características primordiais;
- Preservar e valorizar o centro histórico de Beja, potenciando, através dele, o turismo no Baixo Alentejo;

Objetivos Específicos

- Recuperar e valorizar um edifício apalaçado, representativo do século XVIII e com elevado significado na cidade,

historicamente associado a uma importante família nobre local;

- Elaborar uma proposta de projeto, interligando o "novo" e o "antigo" e mantendo os valores deste último;
- Criar um espaço adequado para albergar uma unidade hoteleira;
- Criar um espaço adequado para albergar uma escola de hotelaria e turismo;
- Estabelecer uma ligação hierárquica entre a categoria do "hotel" e o tipo de "escola";
- Compreender como, através da seleção dos materiais a utilizar, se pode conseguir a coesão entre o "novo" e o "antigo".

1.4. Organização da dissertação

O trabalho foi dividido em duas partes: a primeira composta por uma componente teórica - a dissertação, e a segunda pelo desenvolvimento do projeto.

Na **fase inicial** de elaboração do projeto são aplicados os conceitos estudados anteriormente, fazendo-se também uma análise e seleção de autores de referência que ajudam na definição dos diferentes conceitos. Esta fase integra, igualmente, uma recolha de informação relativa ao local de estudo - a cidade de Beja, como a sua evolução histórica e urbana, o valor arquitetónico do seu núcleo histórico, o estado de conservação do edificado e o respetivo uso, bem como a cartografia antiga e atual da cidade.

Paralelamente, foi efetuado um enquadramento com o estudo de exemplos recentes, contemplando a criação de escolas de hotelaria e turismo, na base da articulação entre o "novo" e o "antigo", servindo esses exemplos como ponto de partida para a conceção da intervenção urbana e arquitetónica que se pretendeu desenvolver.

Na **segunda fase**, o projeto, é dividido em cinco partes. A **primeira parte** começa pela análise do local, através do estudo da cartografia, incluindo também o estudo da estrutura urbana e do edificado. Na **segunda parte**, moldaram-se já algumas ideias de projeto, através do estudo, do desenho e da formulação de diversas hipóteses. Na **terceira fase**, é elaborado um esboço geral da estratégia a adotar na implementação do programa escolhido, no qual se procedeu à escolha dos diversos espaços e áreas que irão compor o programa a implementar. Na **quarta fase**, é finalmente desenvolvido o projeto urbano e arquitetónico, com a criação de espaços tanto interiores como exteriores. E, por fim, a **quinta e última fase,** integra a elaboração dos desenhos e maquetes finais.

Fig. 2. *Panorâmica da Cidade de Beja, Desenho de Francisco da Paula Graça, 1850.*

Nesta imagem é possível observar uma representação de como seria a cidade medieval, ladeada pela muralha, imagem esta que será uma representação aproximada à urbe que aí existia no século XVII.

2. Contextualização Temática e Histórica

2.1. Contextualização Temática

O início do século XXI assinala o reconhecimento internacional da riqueza do nosso país, em termos de património natural e cultural, incluindo-se, neste último, o património histórico construído. E são estes componentes patrimoniais de Portugal que desempenham um papel crucial para o desenvolvimento do turismo, de uma forma sustentável.

Porém, apesar dessa evidente riqueza patrimonial e das manifestações de interesse e da vontade em intervir, reveladas por entidades públicas e privadas, continuam a existir, no nosso país, inúmeros edifícios que se encontram devolutos ou em mau estado de conservação. Decorrente desse estado de coisas, é evidente que existe bastante a fazer, no domínio da **reabilitação**. Este conceito torna-se, assim, palavra chave, quando nos propomos conceber um projeto de intervenção no património construído na cidade da Beja. É que, se queremos manter viva a nossa memória, é fundamental pensarmos a cidade como um todo, uma vez que, como refere Orbasli "*urban heritage cannot be narrowed down to individual buildings or momunents of historic interest* (…)"[9], porque a cidade é composta por edifícios, praças, espaços públicos, ruas, bairros e também pelas pessoas e suas atividades.

Preservar e reabilitar o património é manter viva a identidade coletiva, pelo que, quando se pretende elaborar um projeto de reabilitação, é essencial manter as características fundamentais que

[9] O Património Urbano Não Pode Ser Reduzido a Edifícios Individuais ou a Monumentos de Interesse Histórico. ORBASLI, Aylin – *Tourists in Historic Towns: Urban Conservation and Heritage Management*. London: Taylor & Francis, 2000, p.13

definem o edifício, nomeadamente, os seus valores arquitetónicos, culturais, históricos e artísticos, nele refletidos. Deste modo, os valores arquitetónicos pré-existentes assumem uma importância crucial na intervenção, devendo esta ser baseada na compreensão das características originais e das intervenções feitas posteriormente no edifício, bem como noutros exemplos recentes, através da interpretação da lógica evolutiva e das soluções tipológicas e construtivas adotadas.

Neste contexto, o antigo e o moderno devem manter uma relação de simbiose, para que a cidade se mantenha um corpo vivo que se transforma continuamente, num processo evolutivo que contempla várias funções.

> *"Devemos ter sempre presente que o antigo só é eficazmente preservado e defendido, se reabilitado e com participação ativa no moderno desenvolvimento das cidades. Fazer com que o antigo e o moderno participem conjuntamente na evolução global da cidade (...)"*[10].

[10] MASSAPINA, António; MASSAPINA, João; MARTINS, Jorge – *Beja: Centro Histórico: Plano de Salvaguarda e Recuperação*. Beja: Federação das Associações de Estudo, Defensa e Divulgação do Património Cultural e Natural, 1981, p.133

2.2. Contextualização Histórica

Sobressaindo da paisagem rural envolvente, a *urbe pacence* emerge do campo circundante, percecionando-se a existência de uma fronteira natural entre dois mundos, o rural e o urbano, mas também de um vínculo indissociável entre ambos (Fig. 2.).

Este vínculo remonta à própria fundação do povoado, possivelmente durante a Pré-História, mais especificamente na Idade do Ferro. Conclusão a que se chegou após ser descoberto um troço da sua primeira muralha histórica, na Rua do Sembrano, evidência que permitiu dissipar as incertezas sobre a existência, no espaço da atual Cidade de Beja, de povos anteriores à ocupação romana.

Foi, no entanto, durante o período romano que a cidade mais se expandiu, atingindo a qualificação de "*civitas*", isto é, uma urbe responsável por gerir e administrar a região. Fundada em meados do século I a. C, por Júlio César ou por Augusto, imperadores romanos, a cidade então denominada "*Pax Julia*", mostrou ser um povoado de grande importância, refletindo o modo de vida sumptuoso, característico da época do Alto Império Romano. O núcleo urbano era composto por um conjunto de edifícios notáveis. O *fórum*, localizado junto da atual Praça da República, integrava um templo dedicado ao culto imperial, cujos vestígios foram encontrados, em 1939, durante as escavações realizadas pelo arqueólogo Abel Viana (1896-1964), aquando da construção, no local, de um depósito de água, recentemente demolido. Além deste templo, foram também descobertos, noutros pontos da cidade, vestígios de mais edifícios públicos da época romana, de entre os quais sobressaem as termas, o teatro, o anfiteatro, o circo, etc.

No período Visigodo (418-711), Beja continuaria a apresentar-se como uma das principais cidades do Ocidente, mantendo-se como centro administrativo da região. Da passagem deste povo, sobressai a

Igreja de Santo Amaro, onde atualmente se encontra instalado o Núcleo Visigótico, e também um hospital de média dimensão (*xenodoquian*, do grego), semelhante ao de Mérida, um dos primeiros no mundo de então (ainda não alvo de prospeção arqueológica).

Mas as vastas riquezas da Península Ibérica tornam-na num alvo apetecível, também para os árabes do sul do Mediterrâneo, o que conduziu a que, em 715, estes tivessem conquistado a cidade de Beja. E, a partir desse momento, a urbe iniciou um período de declínio, com a perda da sua importância, do ponto de vista administrativo e religioso.

Paradoxalmente, foi nessa altura que a estrutura da cidade sofreu profundas modificações, vendo a sua planta ortogonal, própria das cidades romanas, transformar-se, gradualmente, numa planta radial.

São variadas as tentativas da sua reconquista aos árabes, primeiro por parte dos reis de alguns dos reinos da Península Ibérica, como Afonso I de Leão e Astúrias e Fruela I de Oviedo, entre 715 e 718, Fernando Magno de Leão, em 1037, e depois, entre 1115 e 1150, já pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, o qual acabaria por tomá-la em 1162. Perdida novamente para os árabes, só em 1200, já no reinado de D. Sancho I (1185-1211), a cidade volta definitivamente a integrar o reino de Portugal.

A Reconquista aos árabes representou um momento bastante violento e destrutivo na história da cidade. De tal modo que as muralhas que a ladeavam ficaram completamente arruinadas, levando a que a urbe quase se extinguisse.

Apesar da longa permanência dos muçulmanos na região (715-1200), pouco se conhece da cidade nesse período, já que os vestígios encontrados são mínimos, representados apenas por

algumas inscrições funerárias e artefactos diversos. Sabe-se apenas que, do século XI em diante, a cidade começou a entrar em declínio, perdendo relevância para as cidades vizinhas, como Évora.

Procurando inverter esse ciclo de declínio e face à premente necessidade de repovoar a região, D. Afonso III (1210-1279), em 1254, concedeu o foral à cidade de Beja e reconstruiu as suas muralhas, criando um novo sistema defensivo, composto por um novo tecido de muralhas, integrando o castelo ao qual, em 1310, no reinado de D. Dinis, foi incorporada uma torre de menagem, considerada a mais alta da Península Ibérica.

Com a fundação do Ducado de Beja, criado em 1453, por D. Afonso V, que o concedeu, originalmente, ao seu irmão, o Infante D. Fernando, Condestável de Portugal, inicia-se uma nova etapa para a cidade. A vinda dos primeiros Duques para Beja trouxe uma nova vitalidade à cidade alentejana. Foram construídos o Convento de Nossa Senhora da Conceição, o Palácio dos Duques de Beja, também conhecido por Palácio dos Infantes, de estilo mudéjar e, em seu redor, começaram a surgir novos edifícios, como conventos e palácios. A nova edificação marcaria então a distinção entre a destruída e decadente cidade velha e uma nova zona que emergia.

A ascensão de D. Manuel (1484-1521), duque de Beja, à condição de rei de Portugal, em 1495, sob o nome de D. Manuel I, proporcionou à cidade de Beja um momento dourado, traduzido por um processo de enobrecimento, com a construção do primeiro Convento-Hospital de Nossa Senhora da Piedade e o deslocamento dos Paços do Concelho.

Depois disso, o desenvolvimento da cidade voltaria a um ritmo lento, com a sociedade local a não acompanhar o progresso registado no resto do país, sendo as obras realizadas pequenas e pontuais.

Nos séculos XIX e XX, dá-se o segundo momento destrutivo, nascido de uma vontade de modernizar a cidade, sendo disso representativa, no final do séc. XIX, a intervenção do Visconde da Ribeira Brava, Francisco Correia de Herédia, governador civil de Beja entre 1895 e 1896. Este anseio de substituir o velho pelo novo e a tentativa de criar novas vias desafogadas, fez com que a cidade fosse despojada de edifícios marcantes. A destruição fez-se particularmente sentir no Largo dos Duques, onde o "Palácios dos Infantes" desapareceu, o mesmo tendo acontecido com mais de metade do edifício do "Convento de Nossa Senhora da Conceição". Também o "Hospital Convento de Santo António" e a "Igreja de São João" tiveram o mesmo destino.

E, assim, despojada da sua essência, a cidade entra no século XX como um espaço completamente alterado.

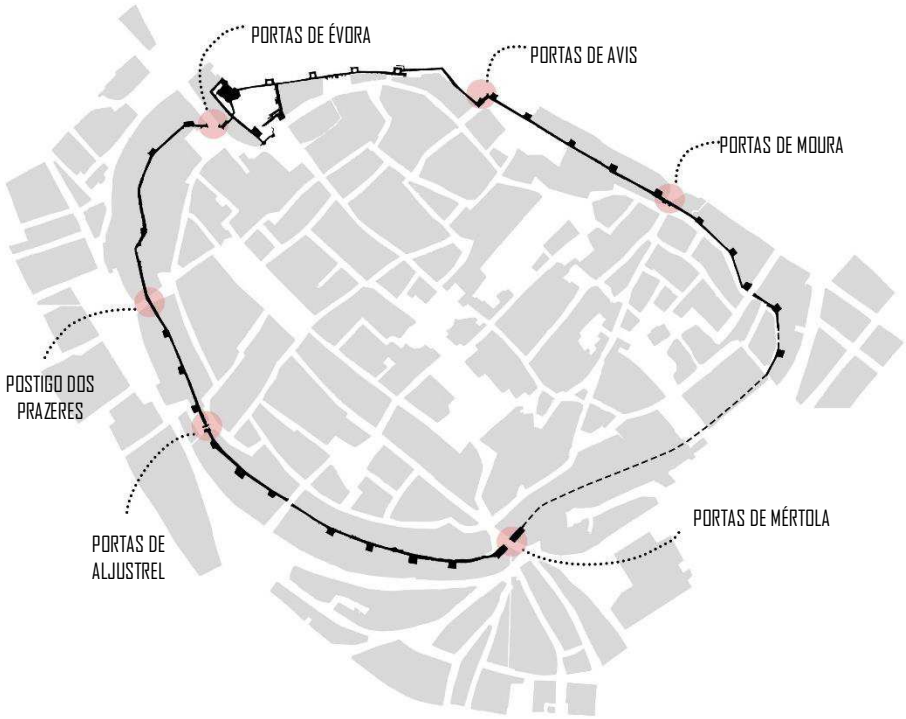


Fig. 3. *Levantamento da cidade no último quartel do século XIX*

ANTIGUIDADE – SÉC 4 a.C ATÉ SÉC. XII

ÉPOCA MEDIEVAL– SÉC XII AO SÉC XVI

ÉPOCA MODERNA – SÉC XVII E SÉC XVIII

ÉPOCA COMTEPORÂNEA– SÉC XIX E SÉC XX

Já no período do Estado Novo (28.5.1926 – 24.4.1974) o modo de construção manteve-se sem alterações assinaláveis, mas foram surgindo novos edifícios, destinados a albergar serviços estatais e repartições, nomeadamente:

- O edifício do Governo Civil do distrito, sob projeto de 1928, dos arquitetos *Raul Lino* e *Francisco dos Santos*, sendo do primeiro a traça do salão nobre;

- O Liceu Nacional de Beja, projetado pelo arquiteto *Luís Cristino da Silva*, em 1929, e construído em 1934, considerado um exemplo importante do primeiro modernismo na arquitetura portuguesa;

- O edifício dos Correios, construído entre 1937 e 1951, sob projeto do arquiteto *Adelino Alves Nunes*;

- O Palácio da Justiça, surgido no âmbito de um programa nacional de renovação do parque judiciário, projetado pelo arquiteto *Raul Rodrigues Lima* (1946), com intervenções do escultor Raul Xavier (1950) e do pintor Severo Portela (1950), construído com recurso ao trabalho das Brigadas de Trabalho Prisional e inaugurado em 1951;

- O edifício da Câmara Municipal, edificado entre 1948 e 1953, sob projeto do arquiteto *Rodrigues de Lima*, com intervenção do pintor *Portela Júnior*, na criação do painel do salão nobre;

- A sede local do Banco de Portugal, projetada entre 1950 e 1959, segundo o gosto neo-joanino, pela Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, edificada na zona onde existiu o antigo Convento de Nossa Senhora da Esperança;

- O edifício da CGD, sob projeto datado de 1958, do arquiteto *Francisco Augusto Batista*, inaugurado em 1962.

Em termos de construção habitacional, o acentuado crescimento da população da cidade, entre 1920 e 1940, levou ao aparecimento de novos quarteirões de casas, ocupando áreas consideráveis. Em consequência desse crescimento, o perímetro urbano da cidade estendeu-se para poente, nascendo, em 1940, o Bairro Social da Apariça e, mais tarde, em 1948, viria ainda a surgir o Bairro Salazar, que vem aumentar a urbe, na zona oeste-noroeste. Posteriormente, surge o Bairro de Nossa Senhora da Conceição que chegou a ter um regulamento municipal próprio, datado de 1956.

À medida que a cidade se foi expandindo, o traçado urbano foi sofrendo alterações, em função das necessidades e exigências de cada época.

Neste contexto da expansão urbana ocorrida na primeira metade do século XX, surge o primeiro Plano Geral de Urbanização, datado de 1949.

O traçado urbano é então influenciado pelas grandes afluências à cidade, como mercados e feiras, tornando as áreas em que estes eventos se inserem verdadeiros elementos dinamizadores. Se anteriormente, com os árabes (715 – 1200) ou com o próprio rei D. Afonso III (1210-1279), a localização da feira era influenciada pela situação do edifício onde se praticava o culto religioso, em meados do século XX, o crescimento da população leva a que se torne impossível conter a mesma dentro da cintura amuralhada, levando a que a feira se transfira para a periferia.

Na segunda metade do século XX, o pós revolução de 25 de Abril de 1974, determinou o crescimento da cidade, sobretudo, para a periferia, com a criação de bairros residenciais, a nascente e sul.

Mais recentemente, com a expansão do perímetro de regra da Barragem de Alqueva, é a envolvente da cidade que está a sofrer maiores transformações, estando os campos de sequeiro a ser substituídos por vastas áreas de cultura intensiva de regadio, sobretudo de vinha e olival.

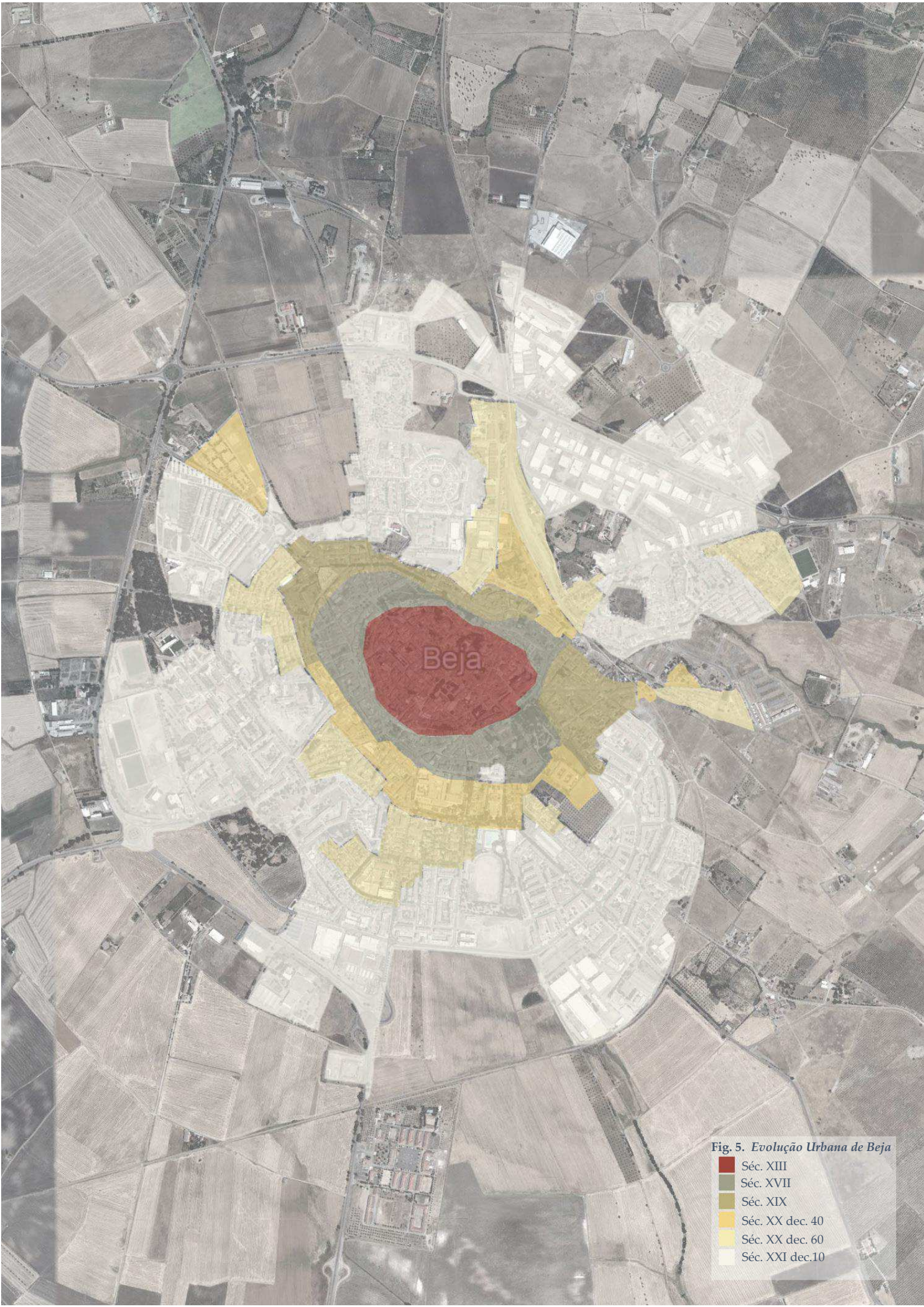


Fig. 5. ***Evolução Urbana de Beja***

Fig. 6. *O concelho é delimitado, a norte, pelos municípios de Cuba e Vidigueira, a leste pelo concelho de Serpa, a sul pelos concelhos de Mértola e Castro Verde e a oeste pelos concelhos de Aljustrel e Ferreira do Alentejo.*

Fig. 7. *O concelho é composto por um total de doze freguesias, duas delas urbanas e as restantes dez rurais.*

2.3. O local: O meio físico e social envolvente

Localizada no Baixo Alentejo, a cidade de Beja (Fig. 6. e 7.) é capital de distrito, integrando cerca de 23 500 habitantes, segundo os últimos censos, de 2011.

Em termos geográficos, a cidade de Beja insere-se numa colina com 277m de altitude e destacam-se nela alguns aspetos particulares, assim enunciados:

- **Núcleo amuralhado**, típico da cidade medieval, privilegiando o ponto elevado, a possibilitar o domínio visual da envolvente e, deste modo, utilizando o desnível natural como uma estratégia defensiva;
- A **rede viária**, no centro histórico, isto é, intramuros, define-se por um traçado livre, onde as ruas não têm larguras constantes e permitem um vislumbre da silhueta da muralha;
- **Rua do Esquível (**Fig. 9.) – Trata-se de uma das mais antigas ruas da cidade de Beja, que estabelece a ligação entre a Rua Dr. Manuel de Arriaga e as Portas de Moura. Obteve esta designação por nela ter habitado, em meados do século XVIII, "*Miguel Jacome Esquível, licenciado em cânones, vigário-geral e capitão-mor de Beja, onde desempenhou o lugar de alcaide, na ausência do efetivo*"[11]. Atualmente insere-se na União de freguesias do Salvador e de Santa Maria da Feira, constituindo a via de acesso ao "Palácio dos Maldonados";
- O **quarteirão** onde se insere o "Palácio dos Maldonados" é limitado a oeste pela Rua Dr. Manuel de Arriaga, a sul pelas ruas do Esquível e das Portas de Moura, a este pelo Largo da Amoreira e a norte pelas ruas da Casa Pia **(**Fig. 10.) e dos Ferreiros;

[11] CAMARA MUNICIPAL DE BEJA – 3ª Parte: Apontamentos para a História de Beja: Praças, Largos, Ruas e Becos da Cidade. Boletim do Município de Beja nº 16. Beja: A comissão Executiva da Camara, 1922, p.254.

- O **tipo de arruamentos** desta zona da cidade é composto por vias estreitas, de origem medieval;
- A **afetação residencial** é a característica dominante **dos edifícios** da Rua do Esquível, onde se situa o "Palácio dos Maldonados", constituídos maioritariamente por casas de habitação;
- A **configuração das construções** na Rua do Esquível é, na maior parte dos casos, de 1 a 2 pisos, existindo, no entanto, algumas exceções, com 3 pisos;
- A funcionar como **elementos delimitadores do núcleo histórico (**Fig. 8. e 11.) da cidade, figuram a cintura amuralhada e o castelo com a sua torre de menagem, os quais definem o limite máximo de expansão urbana radial.

Fig. 8. *Portas de Moura, Beja, Fotografia atual.*

Fig. 9. *(à esquerda) Rua do Esquível, Beja, Fotografia atual.*

Fig. 10. *(à direita) Rua da Casa Pia, Beja, Fotografia atual.*

Fig. 11. *Cintura Muralhada na Rua da Muralha, Beja, Fotografia atual.*

2.4. A construção inicial e as remodelações posteriores

CRONOLOGIA	
Datas	Acontecimentos
ANTIGUIDADE - Cerca do séc. IV a.C. até ao séc. XII	
Séc. IV a.C.	Formação da cidade pelos celtas
Meados do séc. I d.C.	A cidade *Pax Julia* é fundada pelos imperadores romanos Júlio César ou Augusto ; Construção das muralhas: Porta de Évora, Porta de Avis, Porta de Aljustrel, Porta de Mértola
Séc. V ao início do séc. VIII	Declínio da *Pax Julia* e sua conquista pelos Visigodos. A cidade passa a ser conhecida por Paca
418-711	Domínio Visigodo - Igreja de Santo Amaro (atual núcleo Visigótico do Museu Regional)
715	Musa Ibn Nusair, general árabe que já conquistara Sevilha, apodera-se de Beja
715 a 718	Tentativa de reconquista por parte de Afonso I de Leão e Astúrias e por Fruela I de Oviedo
808	Os mouros opõem-se a Al Kaken
914	Ordonho II transforma-se em senhor de Beja
1037-1038	Reconquista por Fernando Magno de Leão, que depois perde a cidade
1115 a 1150	Nova tentativa de Reconquista por parte de D. Afonso Henriques de Portugal
1162	A cidade é finalmente tomada com Fernão Gonçalves, no reinado de D. Sancho I
1162	Fundação da Ermida de Santo André, por D. Sancho I, com o intuito de comemorar a vitória sobre os Mouros (Fig. 12.)
ÉPOCA MEDIEVAL - séc. XII ao séc. XVII	
1252	D. Afonso III recebe a cidade completamente em ruínas
1254	1º Foral de Beja, por de D. Afonso III, surgido da necessidade urgente em repovoar a cidade e reconstruir as suas muralhas
1279- 1325	A cidade de Beja continua a ressurgir dos escombros, durante o reinado de D. Dinis, o "Rei Lavrador"
1310	Construção da Torre de Menagem, a mando de D. Dinis (Fig. 13.)
1342	A "Rainha Santa", D. Isabel, esposa de D. Dinis, funda o Mosteiro de S. Francisco, um dos primeiros edifícios exterior à muralha
1372	D. Fernando manda restaurar as muralhas
1459	Construção do Palácio dos Duques de Beja, também conhecido por Palácio dos Infantes, de estilo mudéjar, por D. Fernando e D. Brites
1470	Fundação do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição
1506	D. Manuel financia as obras do dormitório, do refeitório e do claustro, no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição. Ocorre a construção de Pousadas na Praça da Vila, embelezada com a implantação do pelourinho
10 de abril de 1521	Beja eleva-se à categoria de cidade, através do diploma de D. João III
1550	D. Luís manda construir o "Açougue" da cidade (Fig. 14.), local onde se vendiam, além de carne, hortaliças e legumes (in Origem e Evolução Histórica de Beja, pág 24). Mais tarde transformado em igreja, aí se instalou a Confraria da Misericórdia
1630	Construção da cadeia Filipina
1725-1727	Reuniões de figuras eruditas e perseguição pela Inquisição (..."quando esta cidade de Beja - diz um contemporâneo - estava feita huma Universidade de

Fig. 12. *Ermida de Santo André, Beja, Imagem postal.*

Fig. 13. *Castelo e Torre de Menagem, Beja, Imagem postal.*

Fig. 14. *Antigo Mercado, Beja, Imagem postal.*

Fig. 15. *Igreja da Conceição, Beja, Imagem postal.*

Fig. 16. *Praça da República, Beja, Imagem postal.*

	Medicina, assim em Conclusoens publicas que se defendião, como em continuos exercicios Medicos, em que se falava"...) - in Origem e Evolução Histórica de Beja, pág. 29
ÉPOCA MODERNA - séc. XVII ao séc.XVIII	
1770	Cria-se o bispado de Beja, ao qual pertence D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas.
Finais séc. XVIII	**Construção do palácio a mando do coronel de Dragões, Luís Guedes de Miranda Mendonça Lima e Albuquerque**
ÉPOCA CONTEMPORÂNEA - séc. XIX ao séc. XX	
Séc. XIX	**Residência da família Maldonado, da qual advém o nome por que é conhecido o edifício**
1862	Inauguração do troço de caminho de Ferro
1881	São construídos os novos Paços do Concelho, na Praça de D. Manuel
1892-1896	Demolição da Casa dos Corvos ou de Aladim e do Paço Ducal
1893 a 1895	Demolição de maior parte do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição (Fig. 15.)
1895	Demolição do Palácio dos Infantes
1897	Demolição do convento de Nossa Senhora da Esperança e de uma parte da muralha medieval
1919	Demolição da Igreja de S. João Baptista e do Hospício de Santo António
Início do séc. XX	**Instalação do Colégio Maria do Céu, nos derradeiros anos da monarquia (1843 e 1910)**
Início do séc. XX	A cidade entra no século XX como um espaço completamente diferente, despojada da sua essência
Início do séc. XX	**Instalação do Quartel Militar, na Primeira República (1910 a 1926)**
Início do séc. XX	**Instalação de uma Instituição Religiosa**
Meados do séc. XX	**Instalação da Escola do Magistério Primário, altura em que sofreu graves descaracterizações**
1933 a 1974	Estado Novo - Beja sofre novas intervenções, nomeadamente no centro histórico
1940	Intervenção na Praça da República, sendo-lhe atribuída a sua configuração atual (Fig. 16.)
1940	Destruição da Cadeia Filipina, na Praça da República, construindo-se, no seu lugar, um novo edifício para o Serviço de Finanças
1947	Incêndio nos Paços do Concelho, sucedido da construção de um novo edifício, em sua substituição
Década de 30 e 40	Nascem novos espaços, como o Banco de Portugal (edificado no espaço do antigo Convento de Nossa Senhora da Esperança), o Palácio da Justiça, o Governo Civil, a Caixa Geral de Depósitos e o Cineteatro Pax Júlia
março de 1983	**O Instituto Português do Património Cultural inicia os estudos tendentes à classificação do palácio, tendo decidido, mais tarde, encerrar esse procedimento.**
7 de janeiro 1983	**O IASE (Instituto de Ação Social Escolar) adquire o "Palácio dos Maldonados", com o intuito de aí instalar uma residência de estudantes**
16 de abril de 1986	**O imóvel é abrangido pelo "Plano Parcial de Urbanização do Núcleo Central Histórico de Beja"**

2.5. Importância relativa - Outros palácios em Beja

Palácio dos Pereiras e Lacerdas [12]

Apesar da escassa quantidade de edifícios apalaçados em Beja, o "Palácio dos Maldonados" não é único na cidade. No Largo de Santa Maria, com os números 24-25, assinala-se o "Palácio dos Pereiras e Lacerdas" (Fig. 17. e 18.).

Destacam-se as seguintes referências mais significativas acerca do edifício:

- *Inácio Correia Pereira de Lacerda* foi o seu proprietário em 1721;
- *António Correia Biker da Costa*, introduziu-lhe melhorias, vindas de várias partes da cidade e do palácio Estoi, em Faro;
- Vestígios quinhentistas são visíveis nos alçados;
- As linhas arquitetónicas datam dos séculos XVII-XVIII;
- A planta retangular é composta por apenas um sobrado;
- O pátio interior, espaçoso, é circundado por um murete alto;
- O portão está construído em cantaria aparelhada, "*com pilastras de quartões rectos e empena quebrada*"[13];
- O escudo de armas é em calcário regional, "*do tipo ovolado e ondulante paquife barroco, quinto joanino, da heráldica de família*"[12] sendo o timbre constituído pelo "*escudete da cruz florenciada dos Pereiras*"[12].
- Integra a zona de Proteção da Igreja de Santa Maria da Feira.

Fig. 17. e 18. *Palácio dos Pereiras e Lacerdas, Fotografia exterior, Beja*

[12] IPA.00004396

[13] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p.140

Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara[14] (Largo do Lidador)

Com data de construção desconhecida, este edifício (Figs. 19 e 20) apresenta, na estrutura, particularmente a nível térreo, vestígios da primeira metade do século XVI.

Referências a destacar são:

- Edifício classificado como de interesse municipal;
- Planta retangular, com cobertura de 4 águas de onde emergem 2 chaminés;
- Frontaria nobre ligada ao "Solar dos Guedes", comtemplando quatro "*balcões de sacada apoiados em repisas de modilhões de volutas com enrolamento*"[15];
- Escudo de armas, no cunhal, "*com elementos simbólicos dos Campos e Câmara (de Castela), esmaltados com três cabeças de leão, cortadas, e a aspa de oiro*"[13].
- Acesso ao sobrado feito por uma escadaria de calcário regional, composta por dois patamares;
- Existência, em duas salas do andar nobre, de pinturas a fresco e a óleo;
- Tetos de quatro esteiras e em madeira de carvalho;
- Integra a Zona Especial de Proteção do Castelo de Beja.

Fig. 19. *(à esquerda) Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara, Fotografia exterior, Beja*

Fig. 20. *(à direita) Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara, Pormenor do brasão, Beja*

[14] IPA.00016811

[15] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p.123

Solar dos Guedes [16] (Largo do Lidador) IPA.00016972

Casa nobre (Figs. 21 e 22) possivelmente da segunda metade do século XVIII, onde durante vários anos habitou a família Guedes. Neste edifício destacam-se os seguintes aspetos:

- Planta oblonga, com cobertura de duas águas;
- Na fachada principal, ao nível do piso térreo, observam-se três amplos portais (nobre, carruagem e celeiro). No piso 1 rasgam-se sete janelas de sacada, ornamentadas com "*vergas ondulantes e jambas de pedra, do modelo de corda saliente*"[17];
- A varanda central apresenta-se mais trabalhada, sobressaindo o frontão semicircular;
- Grades férreas trabalhadas exibindo desenhos de inspiração francesa, as quais apresentam ramagens e volutas com enrolamento e terminam com esferas estetizadas;
- Ornatos envieirados, provavelmente criados para símbolo heráldico, de ambos os lados da janela axial;
- Existência na sala principal do andar nobre, de quatro retratos pintados a óleo sobre tela, onde se observam os "*Reis D. José I e D. Maria Victória de Bourbon, D. José, Príncipe do Brasil e D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas*"[18];

Fig. 21. *(à esquerda) Solar dos Guedes, Fotografia exterior, Beja*

Fig. 22. *(à direita) Solar dos Guedes, Pormenor dos símbolos heráldicos, Beja*

[16] IPA.00016972

[17] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p.122

[18] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p.123

- Integra a Zona Especial de Proteção do Castelo de Beja.

Casa da Torrinha

Este edifício (Figs. 23 e 24) situa-se no Largo de Santa Maria, com os números 1-3, dele se salientando os seguintes aspetos:

- A partir de 1721, foi residência de Luiz da Silva Telo e Menezes (1682-1741), 4º conde de Aveiras;
- Edifício de planta retangular com cobertura de três águas;
- Pátio interior espaçoso e circundado por um muro;
- Cantaria classificada como de interesse municipal;
- Sem escudo de armas.

Fig. 23. e 24. *Casa da Torrinha, Fotografia exterior, Beja*

Fig. 25. *Palácio dos Maldonados, Fotografia da fachada este, Rui Eugénio*

3. Os Valores Históricos e Artísticos a Preservar

3.1. Os principais valores do "Palácio dos Maldonados" e as questões relevantes para uma metodologia de intervenção

Ao longo do tempo, o "Palácio dos Maldonados" foi sofrendo intervenções várias, mas os elementos que caracterizam o edifício palaciano do século XVIII ainda subsistem. Na fachada **sul** assinalam-se, ao nível do piso nobre, grandes vãos sequenciais com molduras de cantaria encimadas pelo entablamento e elementos decorativos como pilastras, cornijas, varandas com gradeamentos em ferro e o brasão de armas, este, no portal de acesso.

No alçado **este** (Fig. 25) sobressaem elementos como a arcada com dois arcos, o pequeno terraço, os vãos com molduras de cantaria e diversos elementos decorativos, nomeadamente pilastras, cornijas e o duplo beirado.

Na cobertura destaca-se o telhado à portuguesa, já com intervenções mais recentes.

Quanto aos **interiores**, destaca-se a escadaria de acesso ao piso nobre e os tetos, alguns em abóboda e outros em madeira contendo pinturas.

3.2. Questões de autenticidade

Num edifício a "*autenticidade*"[19] compreende a estrutura, os materiais, a forma e a sua função. O entendimento desde conceito chave deve ser a questão prévia de qualquer intervenção, já que, como afirma Sérgio Infante, "*…não podemos aceitar a destruição ou*

[19] Autenticidade: qualidade de ser autêntico. Provém do grego "authenti", que significa "genuíno" (Ciclo de Debates 99, p. 56)

substituição sistemática da substância física daquilo que pretendemos conservar. Caso contrário, o futuro que tentamos assegurar para esses testemunhos passará a estar alicerçado numa "mentira" (…)"[20]

No que se refere ao "Palácio dos Maldonados", a compreensão daquilo que terá sido originalmente o edifício e a respetiva evolução ao longo dos tempos, vê-se dificultada pela escassa informação disponível, senão mesmo, nalguns aspetos, praticamente inexistente. Devido a isso, a questão de autenticidade será tratada através dos seguintes suportes:

- Observação dos desenhos relativos à adaptação da casa nobre à utilização atual, na sequência da sua aquisição, em 1983, por parte do IASE, tendo por base a documentação fornecida pela entidade proprietária;
- Informação disponibilizada no *site* do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA);
- Visualização local e análise das alterações que foram sendo feitas, recorrendo a fotografias.

Este edifício nobre, construído nos finais do século XVIII, apresenta uma configuração em vários volumes que se articulam formando um todo, o qual dá origem a uma planta em "L", composta e ao mesmo tempo irregular.

Procuraremos, de seguida, elencar os elementos do edifício que foram sendo alterados ao longo dos tempos, apresentando-os por ordem decrescente da sua importância.

[20] Infante, Sérgio, citado por Silva, Vitor Cóias em AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002, p. 57

Ao estudar as "questões de autenticidade" foram evidenciados cinco elementos sobre os quais se vai fundamentar a análise ao edifício:

- **Relação com a envolvente** - Aparentemente a relação do edifício com a rua ter-se-á mantido constante ao longo dos anos, conforme se infere pela única planta antiga disponível que é um levantamento, datado do século XIX, onde se observa o contorno do palácio;
- **Estrutura** - O edifício é composto por "*paredes de alvenaria de pedra e cal, e tijolo furado,* [posteriormente] *rebocadas e pintadas*"[21]. As estruturas e as lajes já são, atualmente, de betão armado. Um conjunto de elementos, como o portal principal, as molduras dos inúmeros vãos, as escadas e outros elementos de menores dimensões, são lavrados em mármore de Trigaches. Os vários vãos, portas e janelas, estão feitos em madeira. No interior, encontram-se "*abóbadas de tijolo rebocadas e pintadas*"[16];
- **Fachadas** - As fachadas apresentam poucas alterações. A fachada principal, virada para a Rua do Esquível, integra a fachada do palácio, direcionada a SE e aparece "*dividida em três panos por cunhais apilastrados e pilastras de cantaria*"[22], sendo que cada pano repousa num "*soco de cantaria*"[17], e está rematado por um "*entablamento de argamassa caiado a cinzento e beirado*"[17] e pelo portal de entrada do mesmo.

  No **primeiro pano**, ao nível do **piso térreo**, abre-se uma porta central composta por "*moldura de cantaria com pequenas orelhas e encimada por cornija*"[17], acompanhada por duas janelas, uma de cada lado *"com moldura de cantaria com pequenas orelhas encimadas por moldura cega de cantaria*"[17]. Já ao

[21] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118
[22] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

nível do **primeiro piso**, surgem três janelas de sacada definidas por "*molduras de cantaria com pequenas orelhas, encimadas por entablamento*"[17] e, a demarcar as varandas, guardas em ferro fundido que, posteriormente, repousam em "*bacias de cantaria que se destacam da moldura divisória dos registos*"[18].

O **segundo pano** contempla, no **piso térreo**, três portas com "*moldura de cantaria com pequenas orelhas e encimadas por molduras cegas de lados curvos*"[18], alternadas com janelas com "*moldura de cantaria com pequenas orelhas encimadas por moldura cega de cantaria*"[18]; no **primeiro piso** aparece um conjunto de cinco janelas de sacada, em tudo idênticas às do primeiro piso do primeiro pano.

O **terceiro e último pano**, contempla, no piso térreo, três janelas emolduradas por cantaria. No **primeiro piso**, surgem três janelas de sacada com "*moldura de cantaria*"[18], a demarcar as varandas, com uma guarda em ferro fundido que, posteriormente, repousa em "*bacias de cantaria que se destacam da moldura divisória dos registos*"[18].

O **muro que contorna o pátio de entrada**, no lado direito, é composto por um pano, apenas "*assente em soco de argamassa pintado a cinzento e rematado por cornija também pintada a cinzento*"[18], sendo que, no meio, surge um enorme portal "*de verga recta com moldura de cantaria, enquadrado por pilastras com capitéis assentes em mísulas, que suportam uma empena curva onde se destaca uma pedra de armas lavrada em mármore branco*"[23].

A **fachada Este**, virada para o interior do pátio, pousa sobre cinco degraus de cantaria, a partir dos quais se começa a desenvolver uma arcada de "*dois panos definidos por pilastras e*

[23] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

rematados superiormente por balaustrada que integra plintos no coroamento das pilastras, encimados por urnas de cantaria"[19]. No canto direito existe uma estátua em mármore branco, representando um anjo. Cada pano da arcada integra um arco de volta perfeita "*com moldura de chave saliente assente em pilastra*"[19]. Na parede de dentro da arcada desenha-se uma porta com "*moldura de cantaria, encimada por nicho em forma de arco de volta perfeita*"[19]. No **lado direito**, está uma janela com moldura e nas paredes laterais surge uma porta com "*moldura de cantaria encimada por entablamento*"[18]. Num pano, um pouco mais recuado, "*rematado por cornija e beirado*"[19], na parte superior da arcada, surgem, no **primeiro andar,** duas janelas com "*molduras de cantaria encimadas por cornijas*"[19], enquanto que, ao nível do **segundo andar**, aparecem duas janelas com molduras de cantaria. No **lado esquerdo**, surge um pano que pousa num "*soco de cantaria e rematado por entablamento e duplo beirado*"[24], integrando três janelas de sacada, ao nível do **primeiro andar**;

- **Cobertura** - As coberturas do edifício associam-se aos vários volumes. O modelo é conhecido e utilizado noutros palácios, como no "Palácio dos Pereiras e Lacerda" ou no "Palacete dos Fidalgos Campo e Câmara";

  O telhado à portuguesa é composto pela telha cerâmica de aba e canudo, característica dos telhados de duas águas intercaladas com terraços e contendo cornijas, as quais percorrem a fachada SE, bem como a fachada que dá para o interior do pátio;

- **Interiores** – O interior é composto por três pisos, efetuando-se o acesso ao piso térreo por "*uma arcada coberta por dois tramos*

[24] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

de abóbada de aresta"[25]. Do lado esquerdo, encontramos uma arcada que permite o acesso à escadaria em forma de "U", composta por três lanços de escadas. Os degraus são "*de cantaria, com guarda de alvenaria e corrimão de cantaria*"[20].

Os pavimentos são em tijoleira, e as lajes em mármore de Trigaches e mosaicos hidráulicos. Os tetos, alguns de madeira, contêm pinturas, ou possuem abóbadas.

[25] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

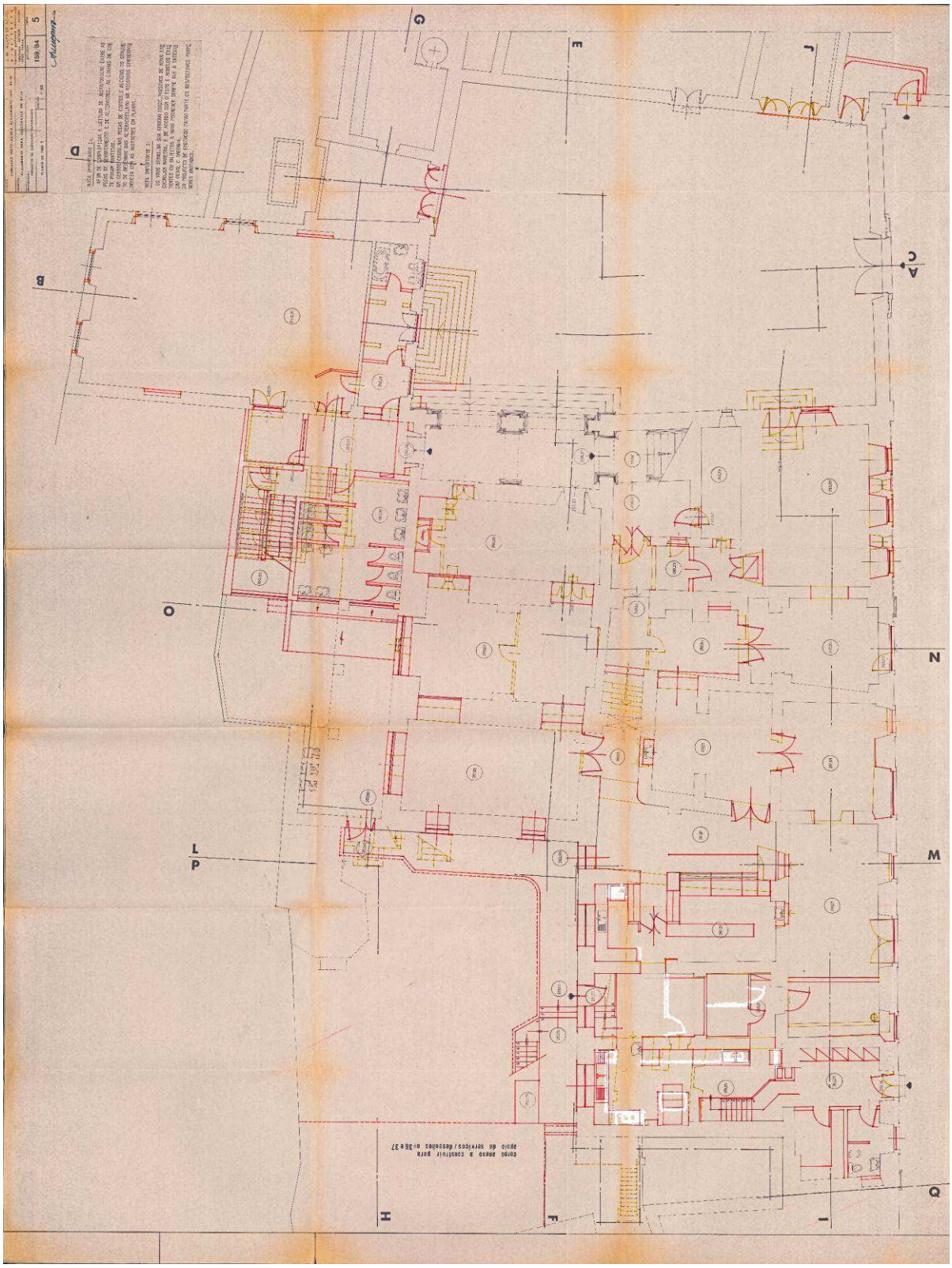


Fig. 26. *Palácio dos Maldonados, Planta do Piso "0", Projeto de Execução/Alterações*

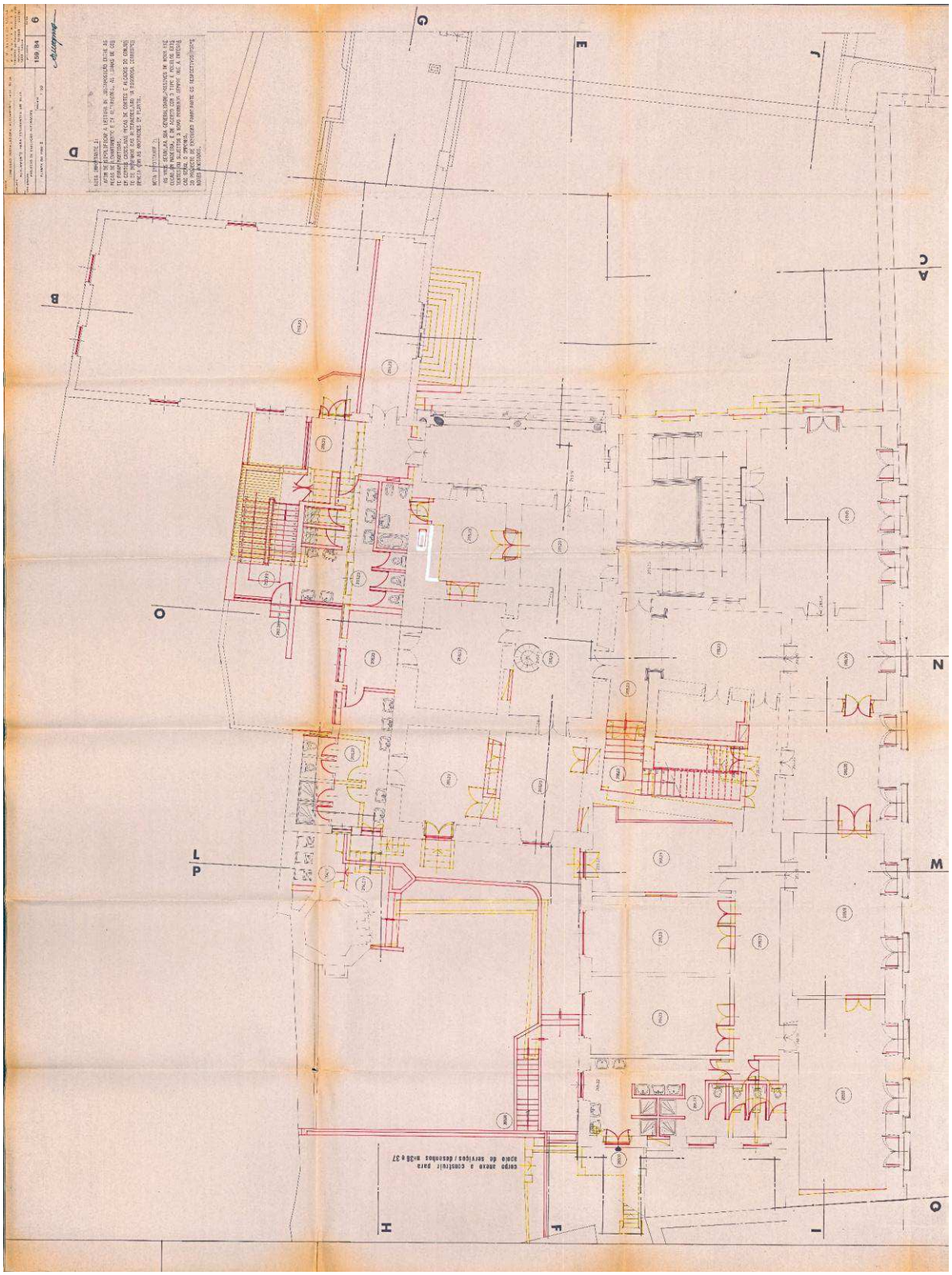


Fig. 27. *Palácio dos Maldonados, Planta do Piso "1", Projeto de Execução/Alterações*

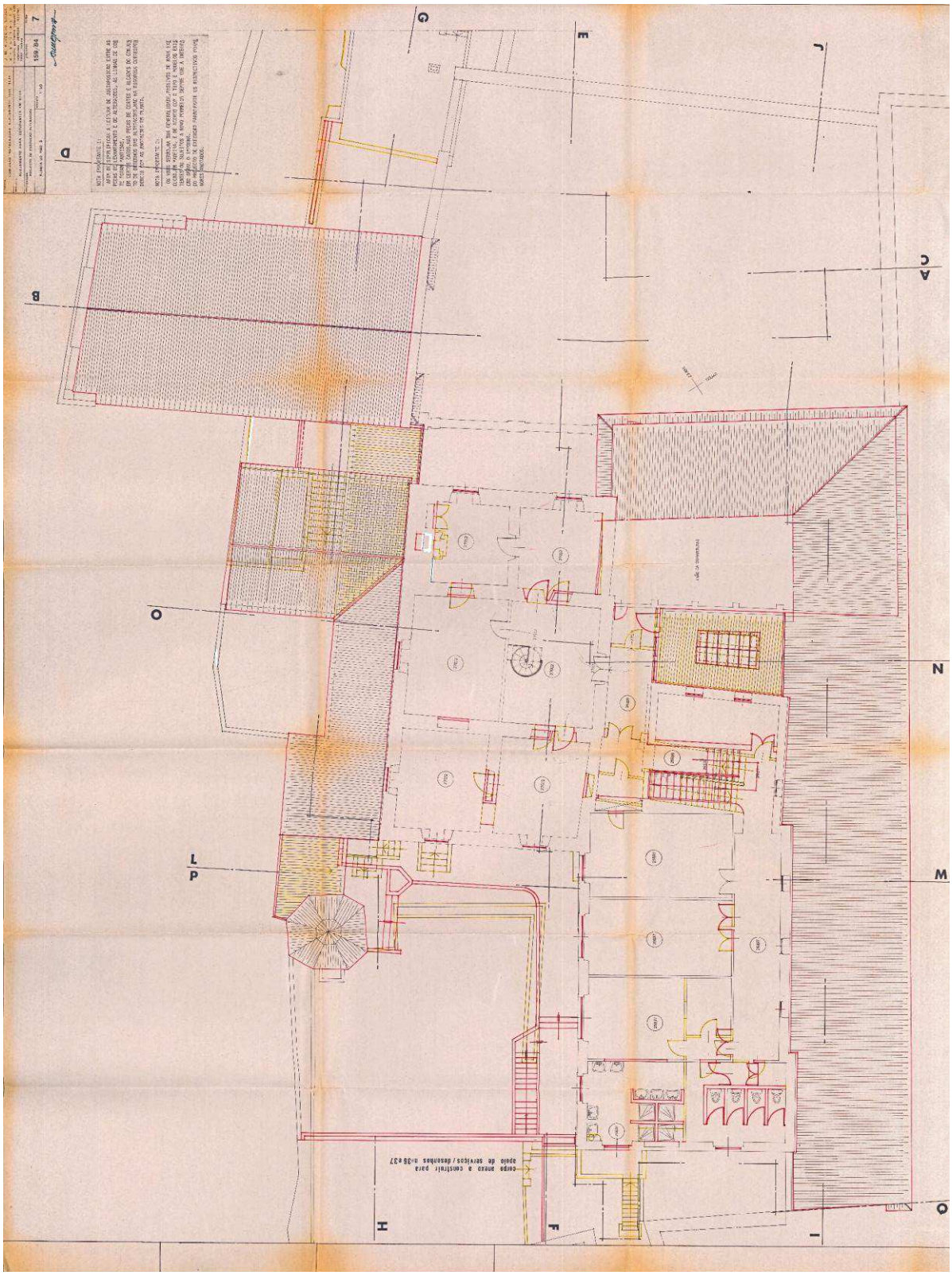


Fig. 28. *Palácio dos Maldonados, Planta do Piso "2", Projeto de Execução/Alterações*

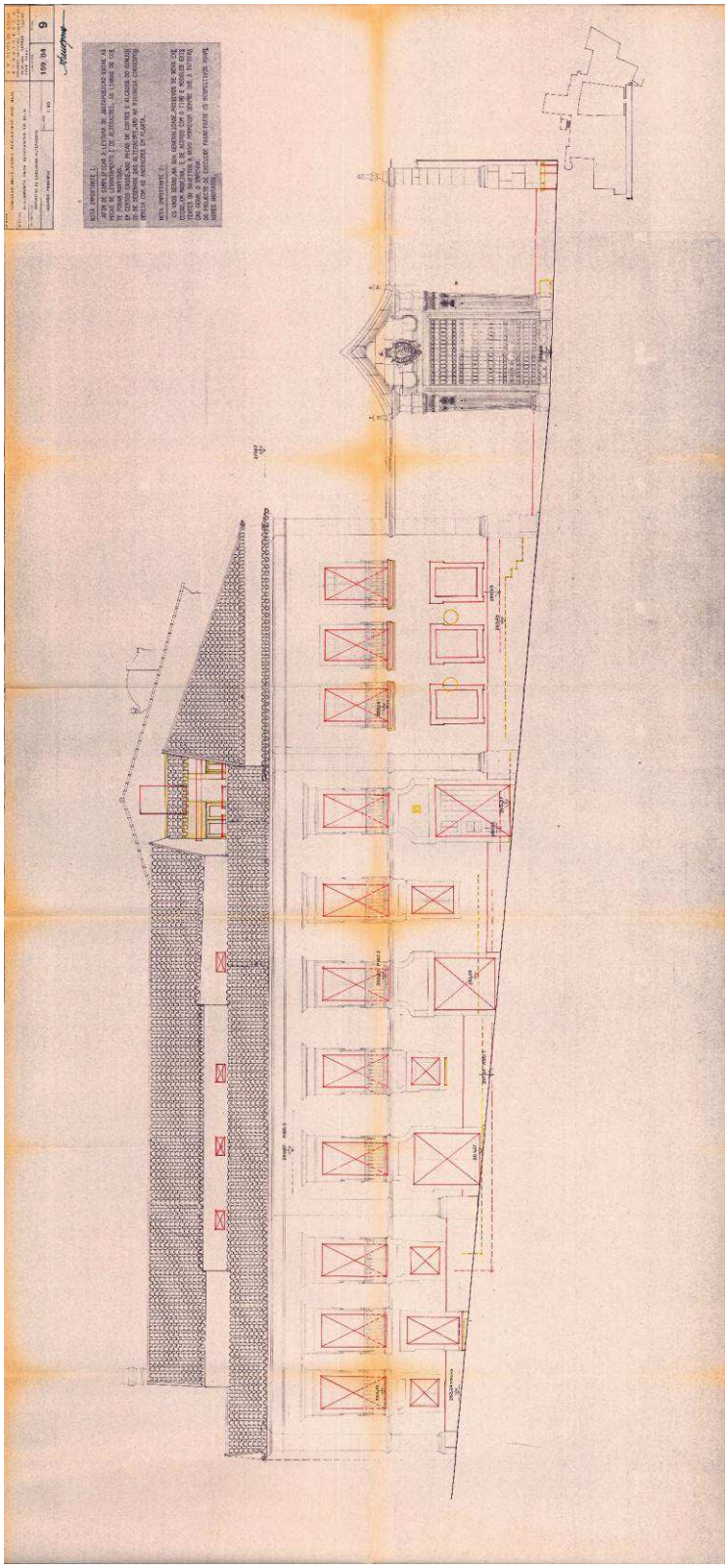


Fig. 29. *Palácio dos Maldonados, Alçado Sul, Projeto de Execução/ Alterações*

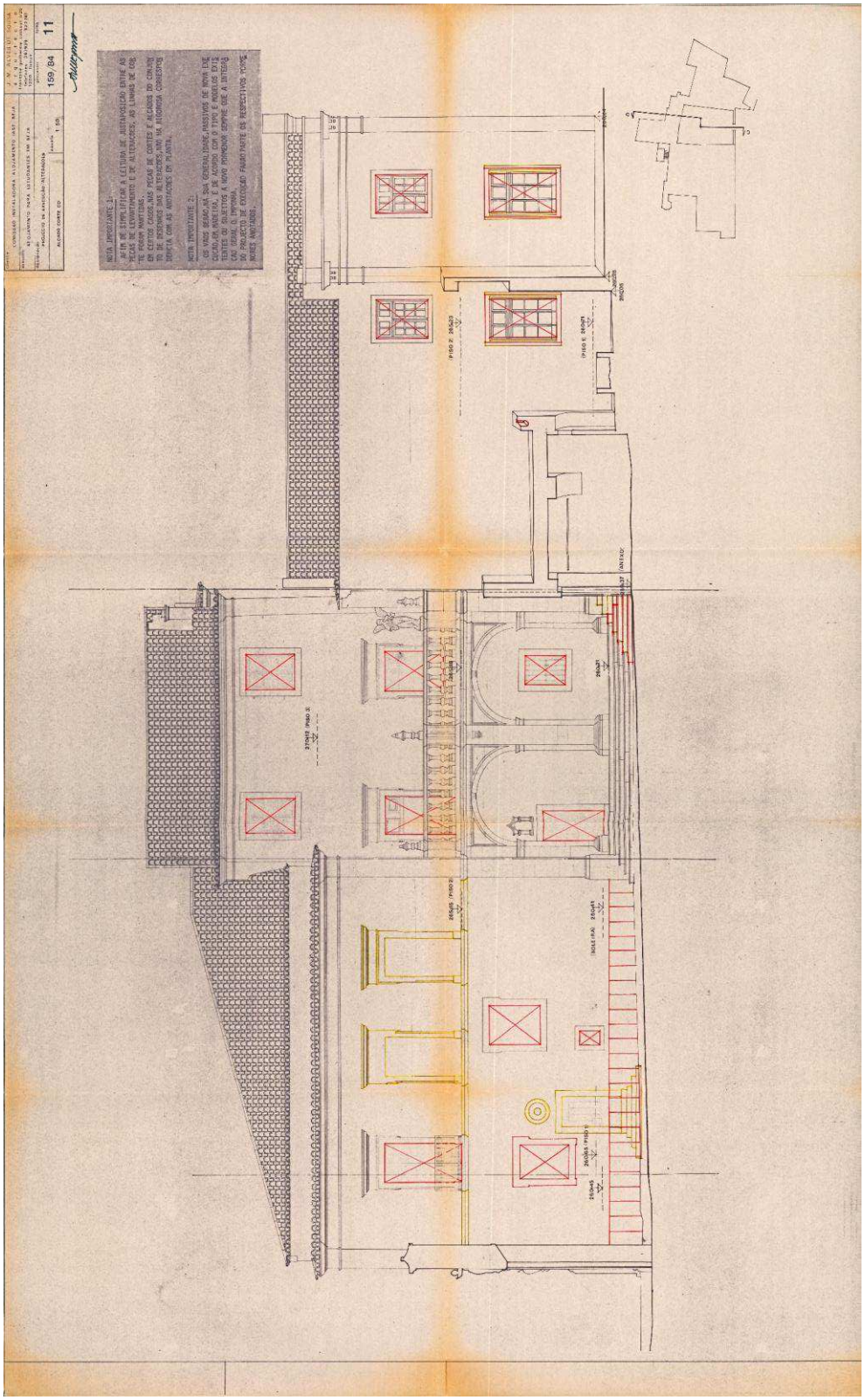


Fig. 30. *Palácio dos Maldonados, Alçado – Corte CD, Projeto de Execução/Alterações*

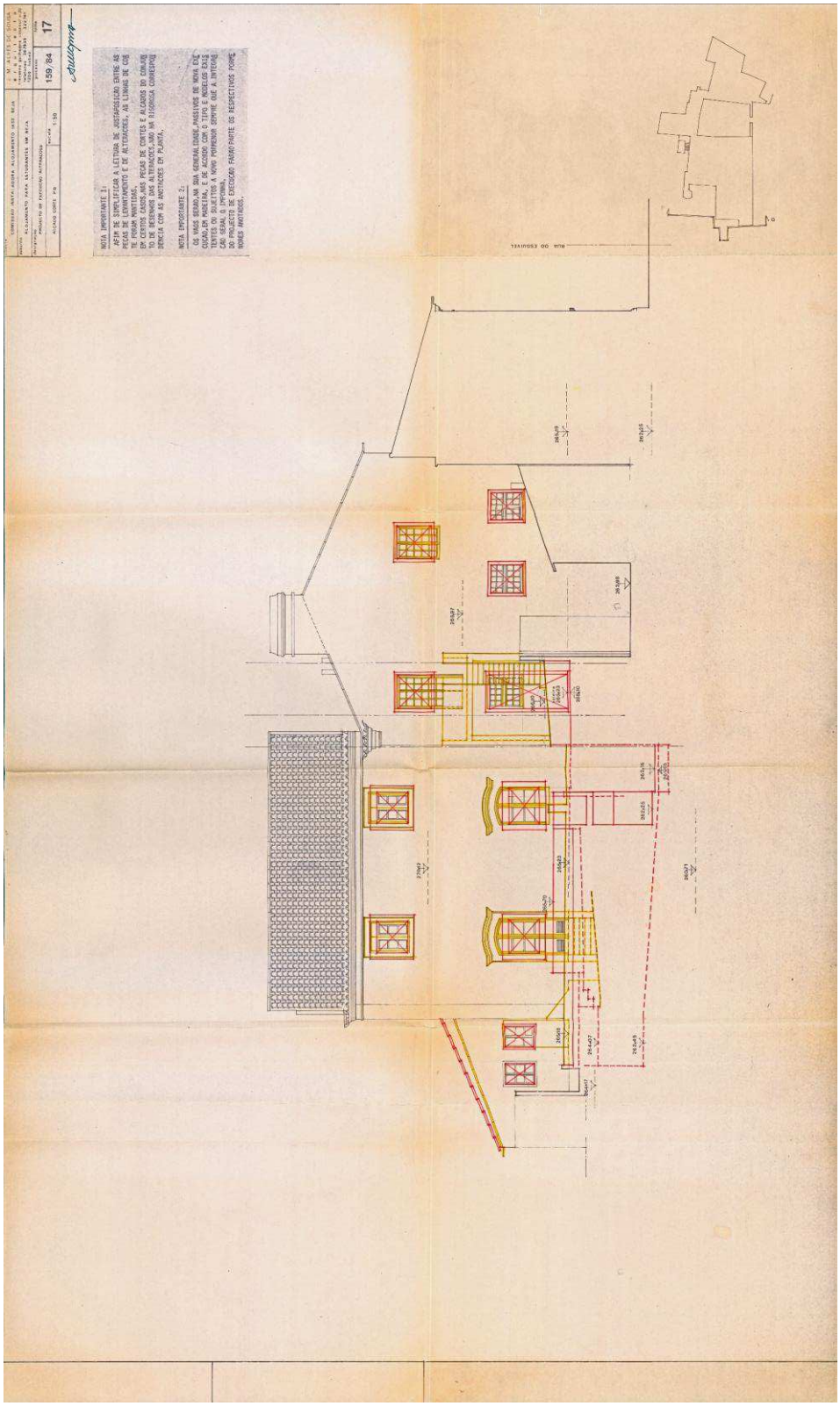


Fig. 31. *Palácio dos Maldonados, Alçado – Corte PQ, Projeto de Execução/Alterações*

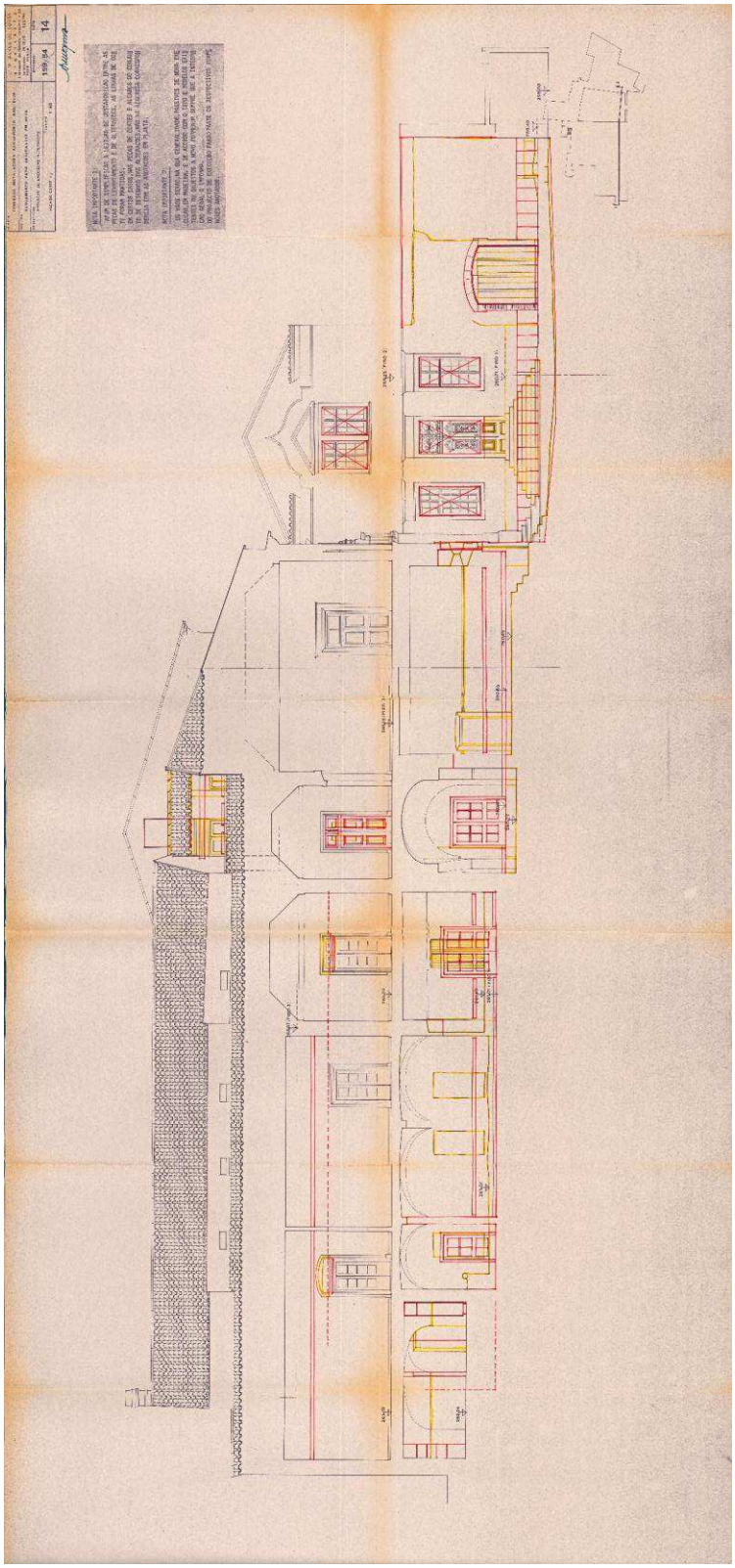


Fig. 32. *Palácio dos Maldonados, Alçado – Corte IJ, Projeto de Execução/Alterações*

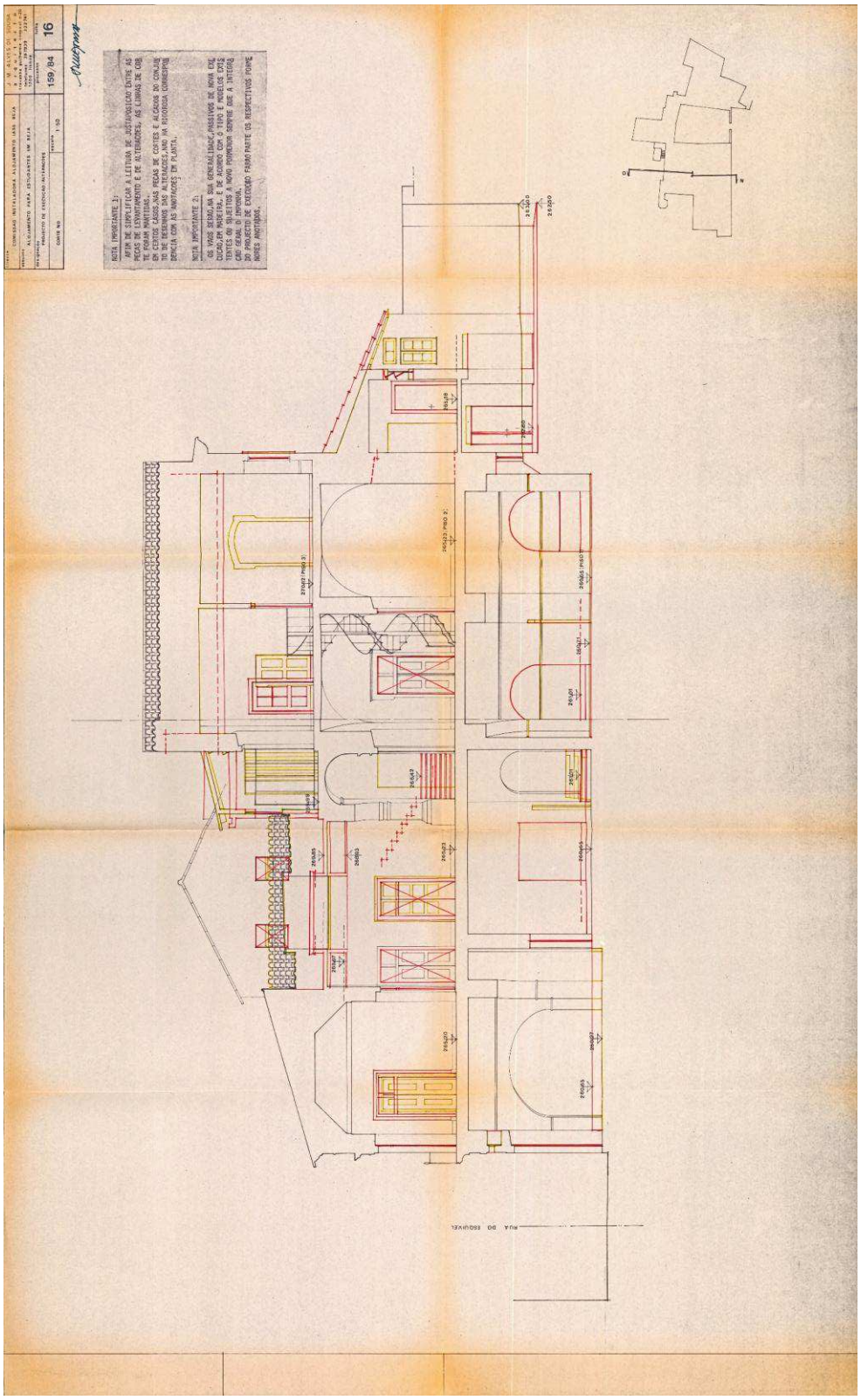


Fig. 33. *Palácio dos Maldonados, Corte NO, Projeto de Execução/Alterações*

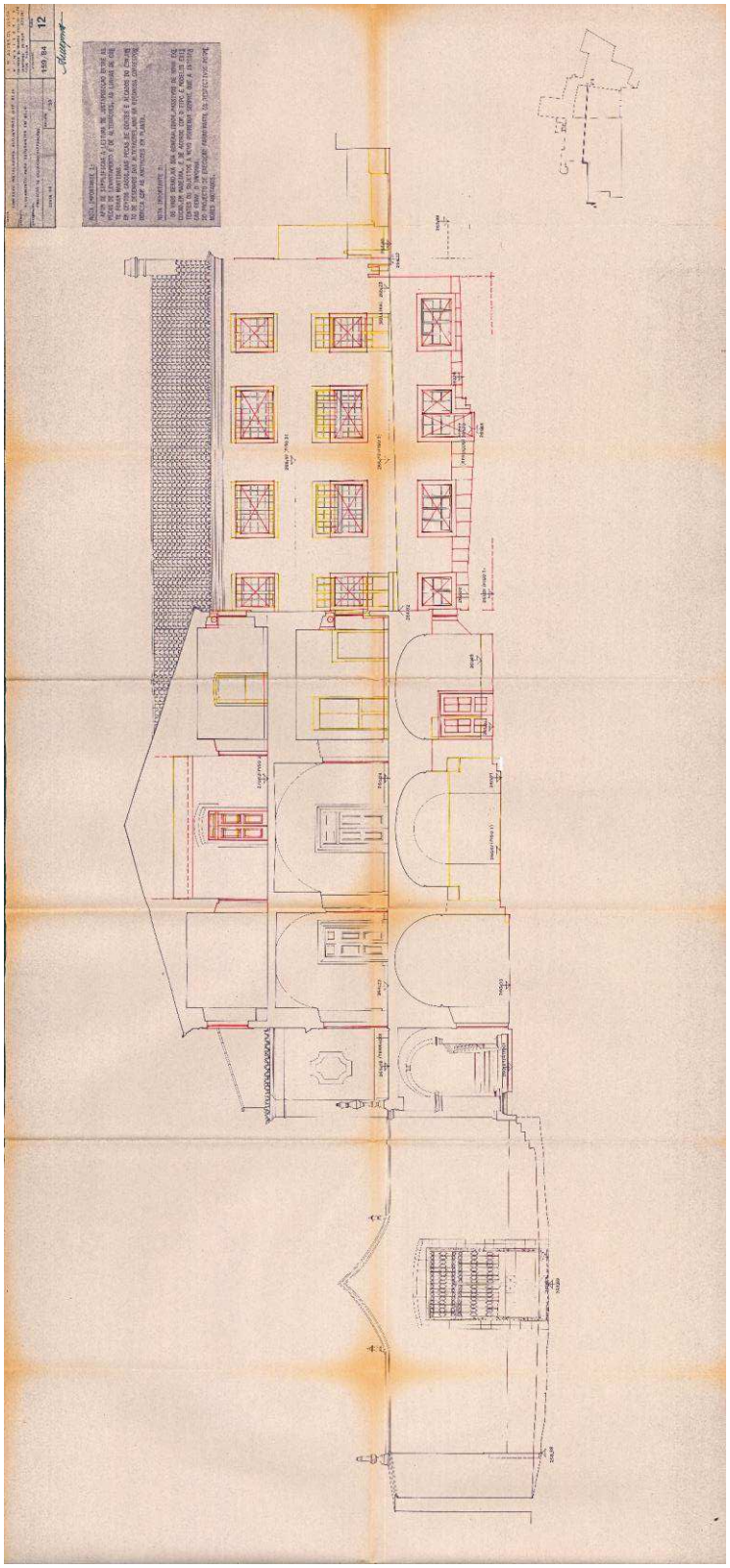


Fig. 34. *Palácio dos Maldonados, Alçado – Corte EF, Projeto de Execução/Alterações*

- **Elementos Decorativos** - Apenas resistiram, até à atualidade, duas "*decorações artísticas dos tetos*"[20] pintadas a óleo e compostas por "*quatro esteiras de madeira fasquiada*"[20] datadas do século XVIII. O primeiro painel encontrava-se no espaço da escadaria de acesso ao andar nobre "*de onde parte um corredor paralelo à fachada SE que conduz aos diversos compartimentos*"[20], sendo que, na fachada, se situam os principais compartimentos, como a atual biblioteca. Também ela possuiu em tempos, um teto em madeira com pinturas alusivas a "*arquiteturas ilusionistas, ornatos apilastrados, volutas, querubins, medalhões elipsoides, contendo bustos de cavaleiros e, no centro de uma pomposa panóplia de guarnição heráldica, o brasão de armas*"[26] da família (Fig. 35). Uma sala contígua, de menor dimensão, contém, no teto, "*painéis onde dominam brutescos polícromos e ao centro, possui um medalhão polilobado com moldura godronada, representando uma alegoria ao tempo, destacando-se, em cada um dos quatro painéis laterais, um medalhão circular com moldura godronada, representando uma figura feminina*"[27] (Fig. 36.).

  A sala seguinte, com duas janelas para o exterior, contém um teto formado por cinco caixotões, pintado por um artista desconhecido, possivelmente inspirado em "*estampas de origem flamengo-francesa, num estilo adaptado à nossa historiografia*"[28]. Nesta pintura observamos, no painel superior, uma representação da "*Tomada da Cidade de Beja aos Mouros*", no lado oriental está representado o "*Milagre de Ourique ou a Coroação do Rei*", a ocidente observa-se D. Afonso Henriques e sua esposa, a rainha D. Mafalda, sentados nos seus tronos,

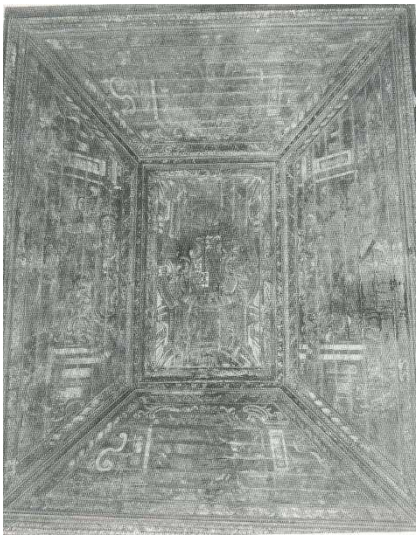


Fig. 35. *Palácio dos Maldonados, Teto de caixotões de madeira pintados*

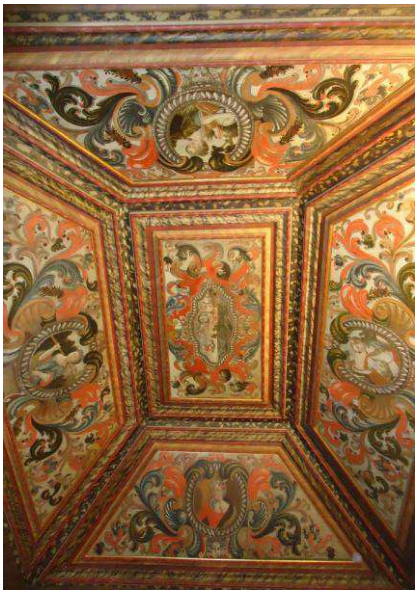


Fig. 36. *Palácio dos Maldonados, Teto de caixotões de madeira pintados*

[26] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p. 138

[27] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

[28] ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes,1992, p. 139

Fig. 37. *Palácio dos Maldonados, Teto de caixotões de madeira pintados*

enquanto que o último painel exibe a "*Aparição de Cristo a D. Afonso Henriques, no Campo de Ourique*" (Fig. 37.).

3.3. Questões de integridade

Em termos de **integridade**, o edifício apresenta características de nível médio, pelas razões seguintes:

> "*Destaca-se a sua sofisticada conceção erudita que, apesar de não ser patente na planta, deve ter partido de construções preexistentes e adições sucessivas, refletida no tratamento das fachadas, em particular nas molduras do rés do chão e no portal principal, com a assimilação da linguagem formal do Barroco, pouco frequente na região, assim como no percurso teatral de acesso ao interior, que traduzem uma sofisticação rara*"[29].

Estão íntegros e preservados os seguintes elementos do edifício:

- Fachadas
    1. Fachada sul/este - Segundo o alçado do projeto de execução/alteração é a fachada que sofreu menos alterações, notando-se, apenas, a abertura de três vãos, ao nível do piso térreo;
    2. Fachada este - Foram suprimidos dois vãos, bastante característicos do palácio, ao nível do piso nobre e, no piso térreo, eliminou-se a porta que daria acesso a uma zona de celeiro;
    3. Fachada oeste - As alterações nesta fachada observam-se especialmente com a adição de duas novas janelas que dão para o jardim interior, no piso "0", ao nível do

[29] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

piso "1", a porta anteriormente existente é substituída por uma janela;

4. Fachada norte - Os grandes vãos com janelas de guilhotina, que davam para o segundo pátio, viram a sua dimensão reduzida, assim como ambas as portas que levavam ao pátio.

- Elementos estruturais - surgem pequenas alterações, introduzidas aquando da adaptação do palacete a residência de estudantes, nomeadamente, o núcleo de escadas anteriormente existente que dava acesso ao terceiro piso é readaptado;
- Relação com a envolvente – O edifício mantém a relação que, desde sempre, se conhece com a Rua do Esquível que é atualmente uma via de tráfego automóvel de cariz secundário e apenas com um sentido. A sua fachada principal contém edifícios adossados a oeste. Junto ao portal de acesso e à fachada encontra-se um espaço de estacionamento automóvel;
- Materiais e substâncias - Paredes rebocadas e pintadas.

As principais alterações afetando a integridade são:

- No interior do pátio do palácio existia, originalmente, um corpo anexo, as cavalariças, no qual se guardavam as carruagens e os cavalos, e que acabou por ser demolido, aquando da realização das obras de adaptação do edifício a residência de estudantes, por meras razões de gestão;
- O último projeto de intervenção no edifício contemplou a construção de um corpo anexo destinado a serviços, nomeadamente a lavandaria/rouparia;
- As funções para as quais o palácio é atualmente utilizado, apenas afetam minimamente a sua integridade.

3.4. Questões de identidade

Apesar de este palácio ser um dos poucos que subsistiram em Beja, o mesmo não se apresenta como um monumento relevante da cidade, como é o caso do castelo com a sua torre de menagem, do Convento da Conceição (atual Museu Regional), da Praça da República, do Convento de S. Francisco onde existe a Capela dos Túmulos, da Igreja de Santo Amaro ou da Igreja da Misericórdia.

Para a comunidade local, o "Palácio dos Maldonados" é apenas comumente associado à sua atual função de residência estudantil, aí instalada na sequência da aquisição do edifício pelo Instituto de Ação Social Escolar (IASE), em 1983.

Por isso, um projeto de reabilitação física e funcional do palácio, para ser bem sucedido, terá que reabilitar também o seu valor como testemunho histórico e associá-lo aos valores atuais da comunidade.

4. Estado de Conservação e Prioridades de Intervenção

4.1. Principais patologias em estruturas, fachadas, coberturas e interiores

Tendo em conta a vetustez do edifício que data do século XVIII, com obras de adaptação à sua atual função realizadas há três décadas, e sem posteriores intervenções de conservação consistentes, o imóvel apresenta, nos dias de hoje, várias **patologias**, as quais, por enquanto, ainda não comprometem o bom funcionamento do espaço, delas se destacando as seguintes:

- **Estrutura:** A este nível, o edifício aparenta estar em bom estado de conservação, não demonstrado qualquer tipo de patologia;

- **Fachadas:** Neste âmbito, sobressaem patologias como o destacamento da pintura, pilastras degradadas ou fissuradas e cantarias das janelas degradadas, assim descritas:

Fachada principal, a Sul-Este:

- Gradeamentos das varandas oxidados (Fig. 38.);
- Cantarias degradadas, ocorrendo em alguns casos a fissuração (Fig. 39.);
- Empolamento e desagregação da pintura, ao longo da fachada, tanto ao nível do piso térreo como do primeiro andar (Fig. 40.);
- Infiltração por capilaridade, na barra, ao nível do piso térreo, levando ao aparecimento de manchas escuras;
- Presença de pátina biológica nas bacias de cantaria das varandas (Fig. 38.);

- Evidentes sinais de degradação na maioria das caixilharias, devido à falta de manutenção, com os revestimentos e acabamentos deteriorados, apresentando laminação da pintura (Fig. 41.);
- Depósito superficial existente em toda a fachada, resultante da acumulação de materiais de diversa natureza, como pó e terra (Fig. 40.);
- Oxidação da grade férrea do portal principal de acesso ao pátio;
- Degradação das cantarias do portal principal, apresentando filmes negros (Fig. 43.);
- Vegetação infestante presente no portal principal (Fig. 44.);
- Vestígios de atos de vandalismo (patologia resultante pela ação humana), observável no *grafitti* existente no degrau de acesso ao edifício. (Fig. 42.).

Fig. 38. *(à esquerda) Fachada Sul, pormenor de uma janela:*
- Gradeamentos oxidados
- Pátina biológica
- Depósito superficial

Fig. 39. *(à direita) Fachada Sul, pormenor da cantaria:*
- Fissuração da cantaria

Fig. 40. *Fachada Sul:*
- Infiltração por capilaridade
- Manchas escuras
- Empolamento e degradação da pintura
- Depósito superficial

Fig. 41. **(***à esquerda) Fachada Sul, pormenor de uma porta:*
- Caixilho degradado
- Delaminação da pintura

Fig. 42. *(à direita) Fachada Sul, pormenor do degrau:*
- *Vandalismo*

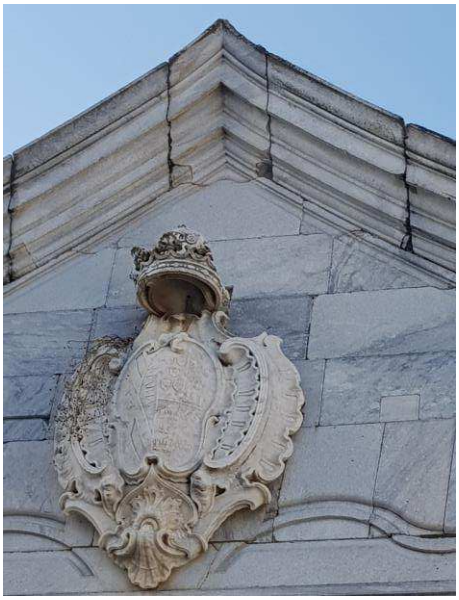


Fig. 43. *(à esquerda) Fachada Sul, pormenor do portal de acesso:*
- Cantaria degradada
- Filmes negros

Fig. 44. *(à direita) Fachada Sul, pormenor do brasão:*
- Cantaria degradada
- Vegetação infestante

Fachada Este:

Esta fachada, virada para o interior do pátio, é composta por paredes de alvenaria de pedra e cal, rebocadas e pintadas na cor branca. Compreende, ao nível do **piso térreo**, tal como a fachada principal, diversos vãos, onde sobressai uma bela arcada de dois panos, cada um incorporando um arco de volta perfeita. Ao nível do **primeiro piso**, as janelas apresentam-se guarnecidas por cantarias em mármore associando-se às varandas, uma delas com gradeamento em ferro.

Destacam-se, nesta fachada, as seguintes patologias:

- Gradeamentos das varandas oxidados;
- Cantarias degradadas ocorrendo, em alguns casos, fissuração (Fig. 47.);
- Empolamento e desagregação da pintura, ao longo da fachada, ao nível dos dois pisos (Fig. 45., 48. e 49.);
- Infiltração por capilaridade, na barra, ao nível do piso térreo e nas abóbadas, levando ao aparecimento de manchas escuras (Fig. 45. e 49.);
- Presença de pátina biológica nas bacias de cantaria das varandas;
- Sinais de degradação evidentes na maioria das caixilharias, devido à falta de manutenção, com os revestimentos e acabamentos deteriorados, apresentando laminação da pintura;
- Depósito superficial existente em toda a fachada, resultante da acumulação de materiais de diversa natureza, como pó e terra (Fig. 49.);
- Presença de vegetação infestante nos degraus de acesso ao interior do palácio e nas arcadas (Fig. 46. e 47.).

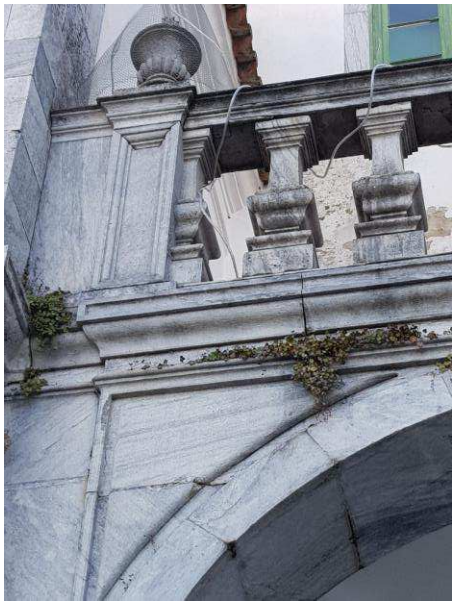


Fig. 45. *(à esquerda) Fachada Este, pormenor das abóbadas:*
- Empolamento e degradação da pintura
- Manchas escuras

Fig. 46. *(à direita) Fachada Este, pormenor da arcada:*
- Cantaria degradada
- Vegetação Infestante

Fig. 47. *(à esquerda) Fachada Este, pormenor da escadaria de acesso:*
- Cantaria degradada
- Vegetação infestante nos degraus

Fig. 48. *(à direita) Fachada Este:*
- Cantaria degradada
- Empolamento e degradação da pintura
- Manchas escuras

Fig. 49. *Fachada Este:*
- Empolamento e degradação da pintura
- Manchas escuras
- Pátina biológica
- Depósito superficial

Volume Norte:

Pelas suas características, este volume aparenta ser um acrescento à estrutura pré-existente do palácio, realizado em época posterior. É possível observar esta diferenciação de épocas de construção dos vários volumes do edifício, através das seguintes particularidades do mesmo:

- Ausência de compartimentação interior, característica dos edifícios do século XVIII;
- Menor espessura das paredes exteriores;
- Ausência de elementos decorativos nas fachadas, tais como cantarias, pilastras e entablamento;
- Vãos com dimensões diferentes do pré-existente, tanto ao nível do piso térreo como do primeiro piso.

Esta fachada apresenta as seguintes patologias:

- Depósito superficial existente em toda o volume, resultante da acumulação de materiais de diversa natureza, como pó e terra (Fig. 50.);
- Manchas escuras, reveladoras da presença de humidade (Fig. 50., 52. e 53.);
- Fissuração das fachadas, revelada através de pequenas ruturas (Fig. 52.);
- Queda ou perda do revestimento da fachada, nomeadamente reboco e pintura (Fig. 53.);
- Desgaste do rodapé, aparentemente devido à existência de infiltração por capilaridade (Fig. 51.).

Fig. 50. *Fachada Norte:*
- Depósito superficial
- Manchas escuras

Fig. 51. (à esquerda) *Fachada Norte:*
- Desgaste do rodapé

Fig. 52. (à direita) *Fachada Norte:*
- Depósito superficial
- Manchas negras
-Fissuração da fachada

Fig. 53. *Fachada Norte:*
- Depósito superficial
- Manchas negras
- Queda ou perda do revestimento da fachada

- **Coberturas:**

A cobertura inclinada é composta por telhados de duas águas, revestido por telha cerâmica de aba e canudo, com beirado.

A nível da cobertura destacam-se as seguintes patologias:

- Existência de algumas telhas fraturadas no beirado;
- Ocorrência de infiltrações no interior do edifício, provocadas por telhas danificadas;
- Existência de depósito superficial;
- Registo de infiltrações provenientes de um dos terraços.

- **Interiores:**

Na generalidade, os interiores encontram-se em razoável estado de conservação, necessitando apenas de pinturas, carecendo a lareira de uma readaptação para corrigir deficiências na extração dos fumos.

4.2. Prioridades de Intervenção

Efetuado o levantamento das patologias do edifício, existe a necessidade de proceder à sua hierarquização, segundo a relação entre o tipo de patologia e o correspondente nível de intervenção.

Os danos que afetam a estrutura são divididos em quatro categorias: segurança, funcionalidade, conforto e aspeto.

As patologias que afetam a segurança têm um nível de intervenção imprescindível, já que podem comprometer a segurança dos utilizadores do edifício.

Exemplo deste tipo de patologia afetando a **segurança** são os gradeamentos oxidados que se podem quebrar.

Já os danos que interferem com a **funcionalidade** têm um nível de intervenção necessário.

Enquadram-se neste nível de intervenção as telhas partidas que podem comprometer a boa função da cobertura.

Quanto aos danos que comprometem o **conforto** têm um nível de intervenção conveniente.

É o caso da degradação das caixilharias que poderá comprometer o bem-estar no interior do espaço.

Qualificando-se também no nível de intervenção conveniente, estão os danos que comprometem o **aspeto**, condicionando a aparência física e estética do edifício, na ótica do utilizador.

Nesta categoria incluímos todas as degradações associadas a patologias superficiais em fachadas, como o depósito superficial, as infiltrações por capilaridade, a degradação da pintura e a existência de patina biológica nas bacias de cantarias das varandas.

5. Aprender com os Exemplos Recentes

5.1 Aspetos que justificaram a escolha dos casos a estudar.

Ao descrever a metodologia de trabalho a adotar, referimos a intenção de recorrer a exemplos recentes, com o objetivo de os utilizar como base de trabalho, a fim de melhor compreender como se podem articular as características originais e autênticas do edifício a intervencionar e os novos programas funcionais a nele desenvolver.

Caso de Estudo	Convento de S.Francisco - Escola de Hotelaria e Turismo	Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre	Palácio Belmonte
Localização	Faro	Portalegre	Lisboa
Utilização original	Convento pertencente aos frades Capuchos	NA	Casa Nobre
Data da Construção	1529	2011	Primeiras construções 1449
Nova Utilização	Escola de Turismo e Hotelaria	Escola de Turismo e Hotelaria	Hotel
Autor do Projeto Reabilitação/ Adaptação	João Luís Carrilho da Graça	Eduardo Souto de Moura e Graça Moreira	Arq Pedro Quirino da Fonseca e Gabinete de Reabilitação da CML
Objetivo	Comprender a interligação entre o novo e a pré-existência	Programa funcional de uma Escola de Turismo e as relações entre os espaços	Implantação de uma unidade hoteleira num edifício apalaçado
Aspectos Exteriores - Volumetria e fachadas			
Volumetria	Adição de um novo volume ao pré-existente	Nova construção	NA
Alçados	Recuperação das fachadas do Convento	Priviligia-se a vista sobre a planície alentejana	Recuperação das fachadas do Palácio
Materialidade	Nova construção em betão, na junção ao pré existente, o betão é branco e bujardado, criando uma união com a cal do Convento	Construção em betão armado	Materiais tradicionais
Imagem Exterior	Novo volume com uma linguagem e forma distinta do pré-existente	criação de uma conexão que integra edifícios novos entre os pré-existentes - antigo complexo da fábrica Robison	Criação de terraços e do jardim
Os Interiores - Aspectos estruturais e funcionais			
Configuração Interior	Edifício pré existente: piso térreo + 1 piso Edifício novo: piso térreo + 1 piso	piso -1 com áreas técnicas e apoios à cozinhas e piso térreo	Planta composta por 6 pisos: piso térreo + 5 pisos superiores
Materialidade Interior	Materiais novos e restauro do pré existente	Materiais novos	Os azulejos foram retirados, restaurados e recolocados. Preservação e evidenciação das várias materialidades das diferentes épocas: frescos, abobádas, tetos "en caisson"
Imagem Interior	Recuperação, sempre que possível, da linguagem estética pré-existente. Imagem estética diferente no volume novo	Linguagem estética distinta	Recuperação, sempre que possível, da linguagem estética

Fig. 54. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia exterior, Carrrilho da Graça, 1997.*

Fig. 55. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia exterior, Carrrilho da Graça, 1997.*

Fig. 56. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia exterior, Carrrilho da Graça, 1997.*

5.2 Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve - Convento de São Francisco, Faro

O primeiro caso de estudo escolhido é o Convento de São Francisco (Fig. 54., 55. e 56.), em Faro. Esta escolha justifica-se por se tratar de um edifício classificado, em 2012, como MIP – Monumento de Interesse Público, onde coexistem três programas articulados entre si: a escola de hotelaria e turismo, a residência de estudantes e o hotel, constituindo um bom exemplo de reabilitação, onde é evidente a interação da contemporaneidade com uma preexistência de valor patrimonial.

A edificação original é datada de 1529, e foi erguida num terreno cedido por D. Branca de Vilhena que também patrocinou as obras. Inicialmente o convento pertenceu aos Frades da Província.

No século XVI, o edifício foi incendiado e saqueado pelos ingleses e, posteriormente, em 1775, com o terremoto que também destruiu a cidade de Lisboa, ficou totalmente em ruínas.

Em 1995, o convento foi alvo de obras de restauro e reabilitação (Fig. 59., 60., 61., 62., 63. e 64.), projetadas pelo arquiteto Carrilho da Graça[30], daí surgindo a Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, dando simultaneamente resposta às necessidades funcionais da escola e à proteção do património.

Como o espaço do edifício original do convento era insuficiente para albergar a totalidade dos serviços da Escola de Hotelaria e Turismo, o arquiteto autor do projeto de reabilitação propôs que as instalações técnicas se localizassem num novo volume.

Este novo volume foi assim desenvolvido nas traseiras do convento, apresentando uma forma retangular que se alonga no sentido sul - norte, ligando-se ao convento através de um pátio (Fig.

[30] João Luís Carrilho da Graça (Portalegre, 1952-), Arquiteto português e professor.

58.). No início do volume encontramos a biblioteca, as salas de aulas e os espaços destinados a aulas práticas. No extremo desse volume temos uma parte destinada à residência que alberga apenas os estudantes da Escola.

Fig. 57. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia do bar.*

Fig. 58. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Fotografia das arcadas de acesso ao pátio.*

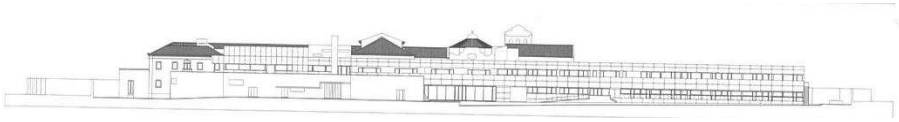


Fig. 59. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Alçado Este, Carrilho da Graça, 1997.*

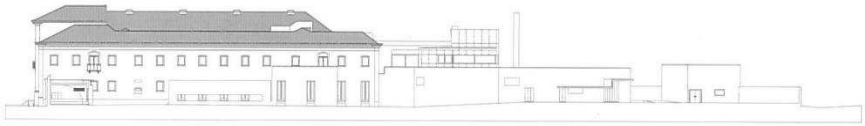


Fig. 60. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Alçado Sul, Carrilho da Graça, 1997.*

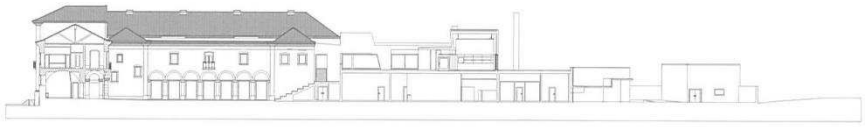


Fig. 61. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Corte Transversal, Carrilho da Graça, 1997.*

Fig. 62. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Corte Longitudinal, Carrilho da Graça, 1997.*

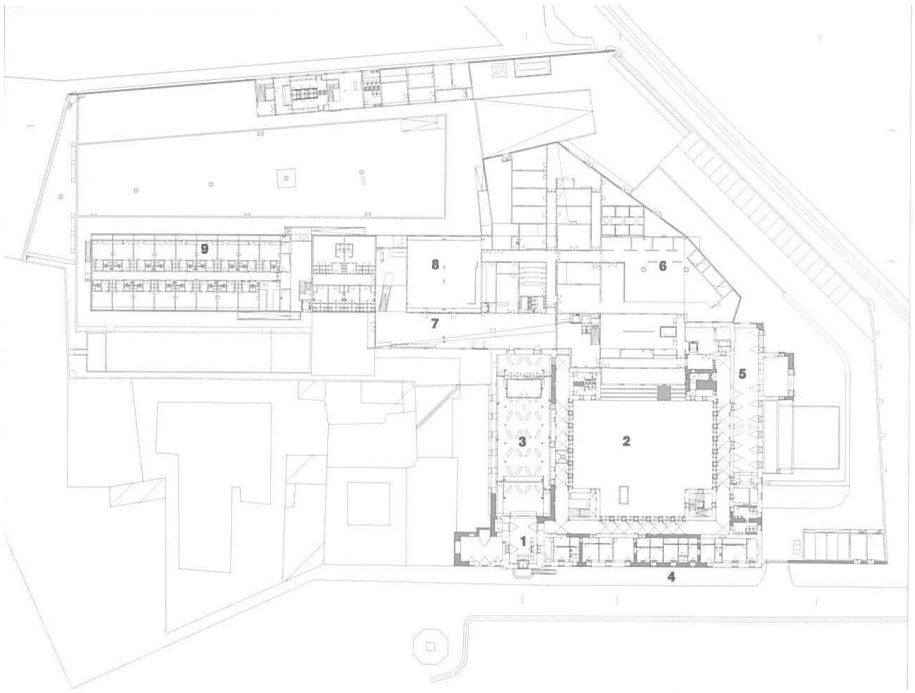


Fig. 63. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Planta do Piso "0", Carrilho da Graça, 1997.*

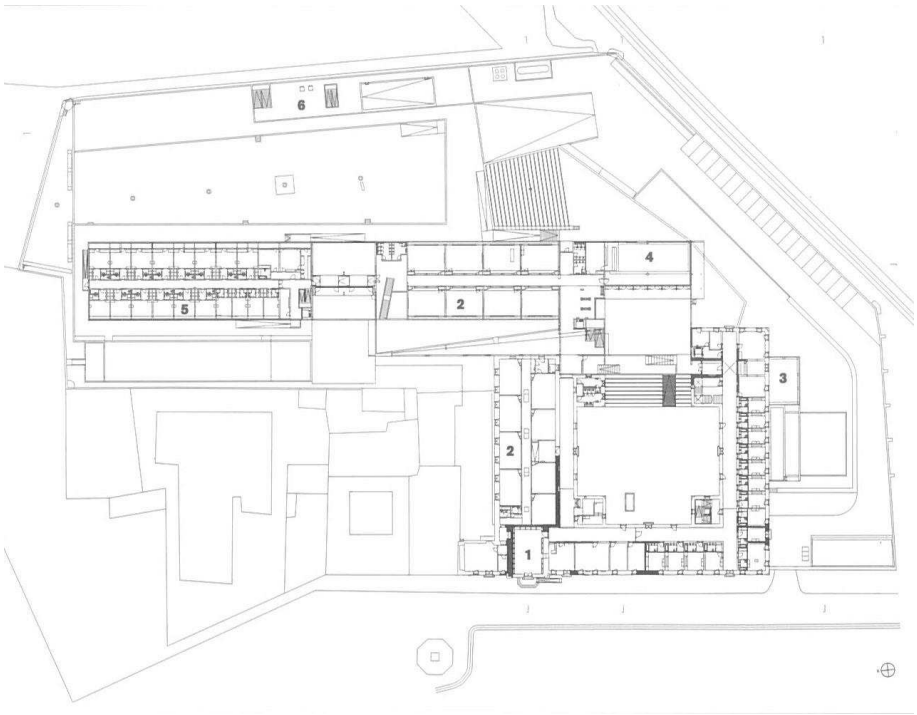


Fig. 64. *Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, Planta do Piso "1", Carrilho da Graça, 1997.*

Fig. 65. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto de Moura, 2008.*

Fig. 66. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto de Moura, 2008.*

Fig. 67. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Fotografia exterior, Souto de Moura, 2008.*

5.3 Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre

Durante o século XVIII, a cidade de Portalegre desenvolveu uma íntima relação com a indústria têxtil, albergando também, a partir do século XIX, a fábrica *Robinson*, ligada à indústria da cortiça, a qual se manteve em funcionamento por aproximadamente 170 anos.

Mas as exigências colocadas atualmente às unidades industriais fizeram com que estas se deslocassem para novos locais da cidade, deixando disponível, no centro desta, uma área construída de cerca de 60.000m2.

Em 2011, os arquitetos Souto de Moura[31] e Graça Correia[32] traçaram um novo plano de ordenamento deste centro da cidade de Portalegre, onde o objetivo era a "creación de un 'paseo urbano' que integra edifícios de nueva construcción entre los preexistentes"[33].

Este segundo caso de estudo foi escolhido com o intuito de compreender a interligação dos vários espaços, numa escola de turismo: a zona destinada às salas de aula; a zona da aprendizagem e aplicação e a cozinha.

O projeto da Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre (Fig. 65., 66. e 67.) foi concebido para aproveitar o desnível do terreno, enquadrando perfeitamente o volume na paisagem, privilegiando a vista sobre a planície alentejana, articulando o "novo" com os edifícios já existentes, e conseguindo configurar um conjunto arquitetónico representado por uma volumetria articulada com um desenho simples e ordenado. O novo volume tem uma forma em "L" que se alonga no sentido poente-nascente (Fig. 70., 71., 72., 73. e 74.).

[31] Eduardo Souto de Moura (Porto 1952-), arquiteto português.
[32] Graça Moreira (1965-), arquiteta portuguesa.
[33] AA.VV. – Escuela de Hostelaría y Turismo in Domesticar la Arquitectura. Eduardo Souto de Moura (2009-2014) El Croquis nº 176. Madrid: 2015, p.28

O primeiro volume, de maior dimensão e de configuração retangular, estende-se no sentido poente-nascente. O acesso ao mesmo é feito pelo átrio de entrada, elemento de separação e, ao mesmo tempo, de conexão. Na zona poente, pintada a amarelo ocre, desenvolve-se um corpo com dois tipos de zonas: uma de cariz principal, a sul, composta por salas de aula, sala de reuniões (Fig. 68.) e zonas de estar; outra, a norte, onde ocorre o oposto, encontrando-se o volume fechado, definindo uma zona de cariz secundário, composta por escritórios e sala de professores (cada espaço dotado de um pátio individual (Fig. 69.) e espaços com menor área, como as instalações sanitárias, arrumos e receção. Ainda no mesmo volume, na zona nascente, existem espaços destinados ao bar, ao restaurante e ao laboratório sensorial. Estes espaços, assim como as salas de aula e áreas de estar, "debruçam-se" sobre uma enorme varanda que percorre o corpo de menor dimensão, com um acabamento na cor azul e que integra toda a área destinada às cozinhas, desde a cozinha principal de apoio ao restaurante - composta por zona de confeção, preparação, pastelaria, cozinha fria, e cave do dia - às cozinhas individuais destinadas ao ensino e o refeitório dos alunos. No piso "-1" deste edifício encontram-se todas as áreas técnicas de apoio às cozinhas, como as despensas de frios (carne, peixe, frutas e legume, ovos e lacticínio e *mise en place*), os economatos, os balneários e as restantes áreas técnicas.

Fig. 68. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Sala de reuniões.*

Fig. 69. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Pormenor do pátio interior.*

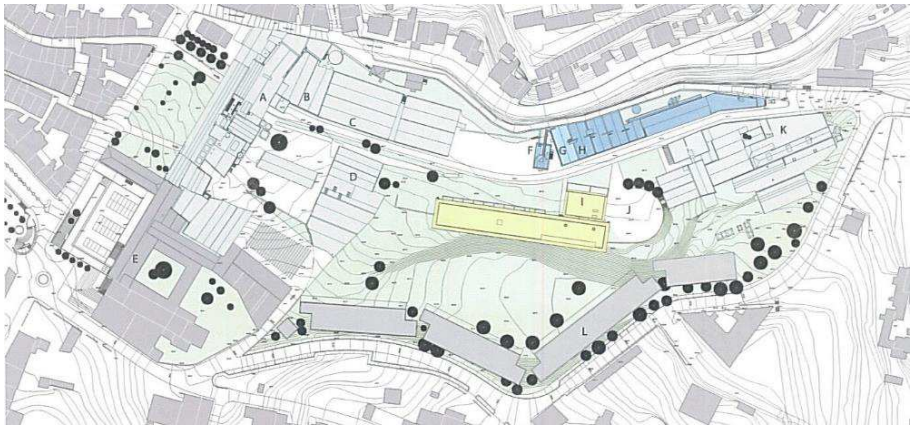


Fig. 70. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta de Implantação do Conjunto, Souto Moura, 2008.*

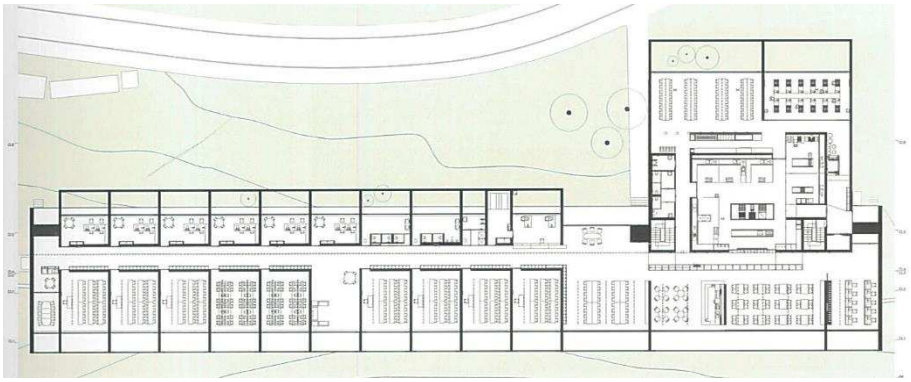


Fig. 71. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta do Piso 0, Souto Moura, 2008.*

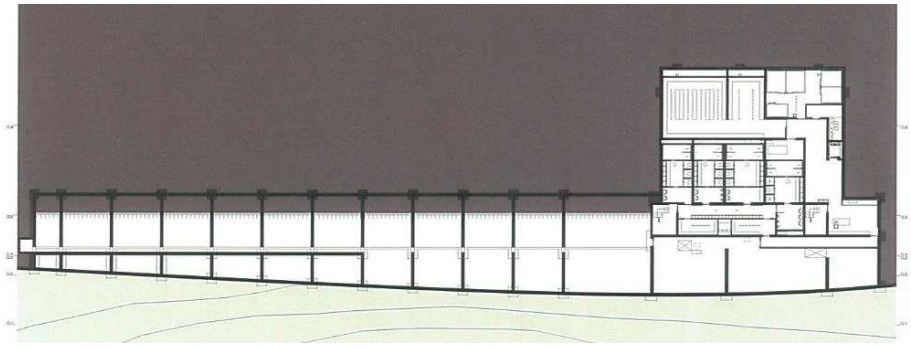


Fig. 72. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Planta do Piso -1, Souto Moura, 2008.*

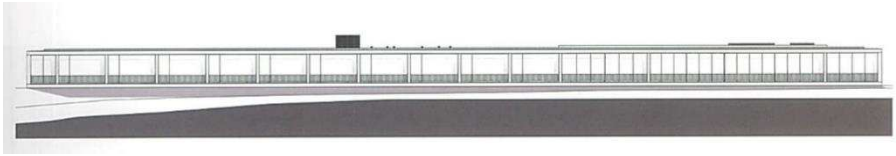


Fig. 73. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Alçado Sul, Souto Moura, 2008.*

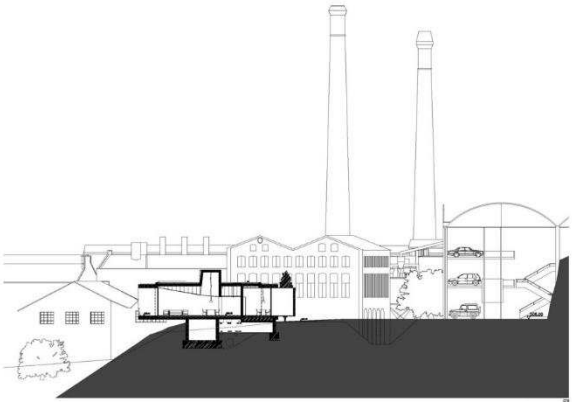


Fig. 74. *Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, Corte Transversal, Souto Moura, 2008.*

Fig. 75. *Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000.*

Fig. 76. *Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000.*

Fig. 77. *Palácio Belmonte, Fotografia exterior, Quirino da Fonseca, 2000.*

5.4 O Palácio Belmonte

O terceiro caso de estudo escolhido foi o **Palácio Belmonte** (Fig. 75., 76. e 77.), localizado junto à muralha do Castelo de S. Jorge, no cimo de uma das sete colinas lisboetas e com uma extensa vista sobre o rio Tejo.

As primeiras construções da residência datam de 1449, a mando de Brás Afonso Correia. Nos séculos XVI e XVII, o edifício sofreu obras que conferiram a esta antiga residência o aspeto de palácio. E "*à volta de três torres: uma guarda retangular na ponta oeste; uma torre de esquina da ala norte, assente sobre fundações romanas, e uma torre pentagonal para oeste*"[34], surgem um magnífico terraço e cinco fachadas clássicas. Em 1720 e 1730, foram encomendados a Manuel Santos e a Valentim de Almeida, 59 painéis de azulejaria portuguesa, compostos por mais de 3.800 mosaicos espalhados em pouco por todo o palácio.

O nome Belmonte advém do facto de nele ter habitado D. Vasco Manuel de Figueiredo Cabral da Câmara (1767-1830), 1º Conde de Belmonte.

Em 1996, Pièrre Fredèric Coustols adquire o palácio com o intuito de aí instalar a sua residência. No entanto "*com mais de 380 portas e janelas para abrir todos os dias, foi decidido o contrário*"[35], o proprietário quis dar a conhecer aquela magnífica obra, circunstância que, aliada ao facto de Lisboa carecer de alojamentos turísticos, o levou a implementar a ideia de aí criar um hotel.

As obras de restauro e as correspondentes alterações (Fig. 79., 80., 81., 82., 83., 84., 85., 86. e 87.) foram geridas pelo arquiteto Quirino da Fonseca[36], em conjunto com o Gabinete de Reabilitação da CML,

[34] FONSECA, Pedro Henrique Quirino da – Palácio Belmonte. Architécti nº 52. Lisboa: 2000, p.86
[35] in http://palaciobelmonte.com/history/
[36] Pedro Quirino da Fonseca, arquiteto português

tendo os dois primeiros anos sido integralmente dedicados à compreensão das várias épocas de construção.

Os planos de salvaguarda e reabilitação, esses, basearam-se numa proteção dos "*recursos naturais do meio ambiente*" aliada a um "*espírito de desenvolvimento sustentado*", resultando numa estratégia onde as inovações tecnológicas se conectam com os materiais tradicionais. Nasce, assim, um novo projeto hoteleiro (Fig. 78.), composto por um total de nove suites que se desenvolvem ao longo dos pisos do palácio, vários espaços de estar interiores, como biblioteca, salas de estar e de refeições e um pequeno oratório. No exterior, vão surgindo terraços, que permitem uma vista privilegiada sobre a cidade e o rio.

Fig. 78. *Palácio Belmonte, Composição de imagens do interior, Quirino da Fonseca, 2000.*

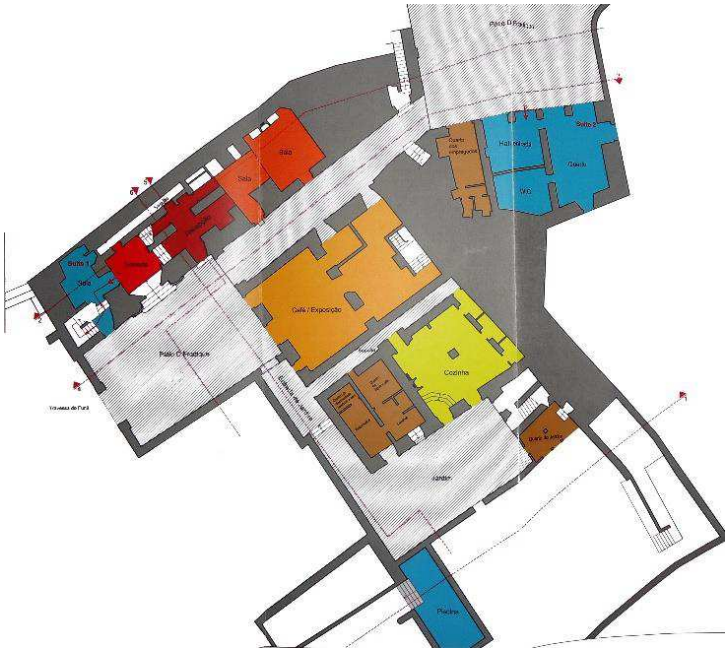


Fig. 79. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "0", Quirino da Fonseca, 2000.*

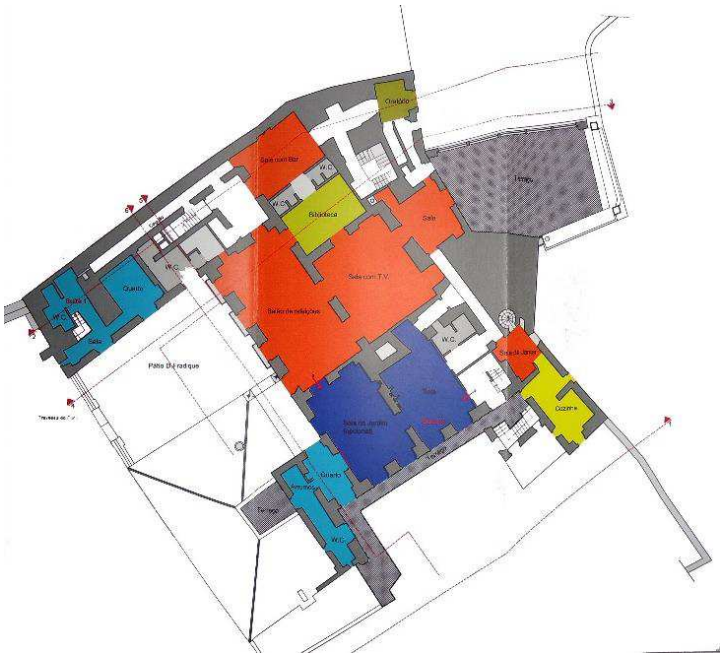


Fig. 80. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "1", Quirino da Fonseca, 2000.*

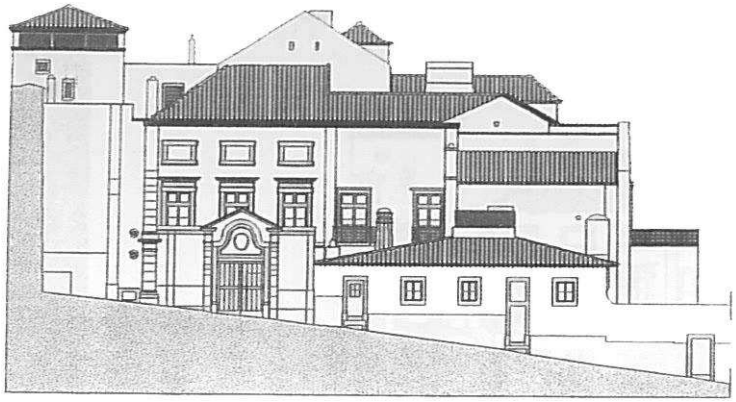


Fig. 81. *Palácio Belmonte, Alçado Sudoeste, Quirino da Fonseca, 2000.*

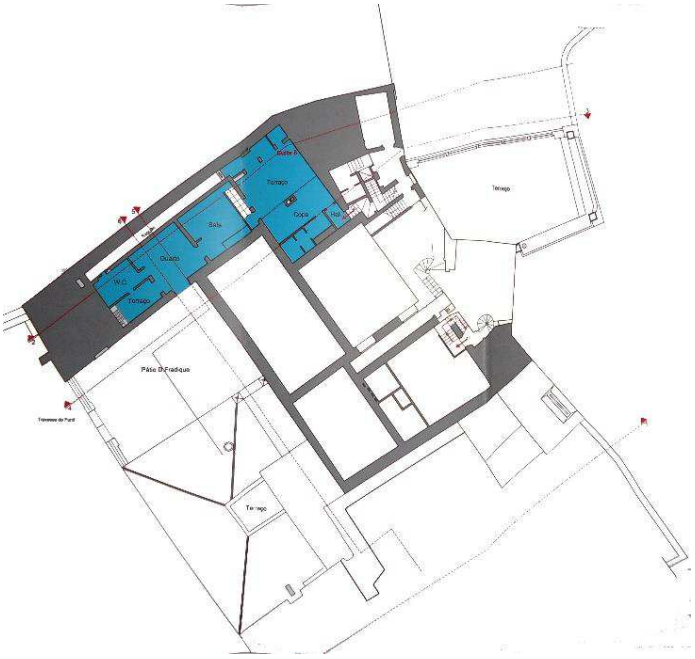


Fig. 82. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "2", Quirino da Fonseca, 2000.*

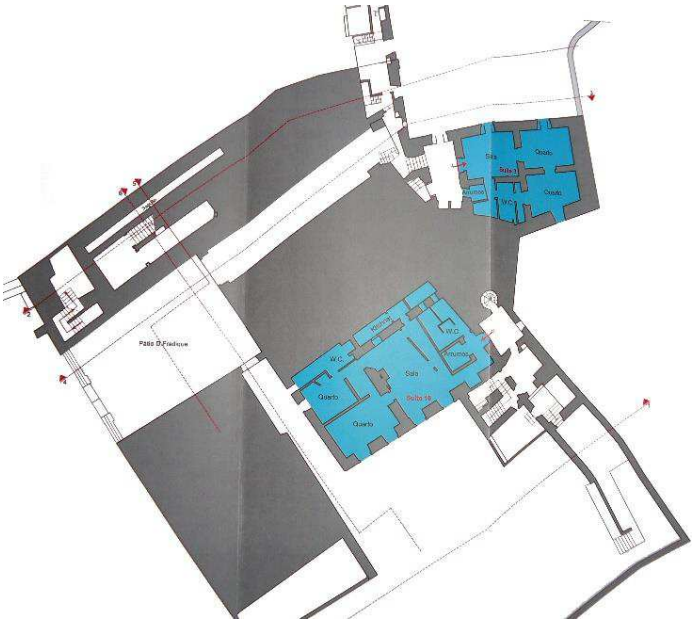


Fig. 83. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "3", Quirino da Fonseca, 2000.*

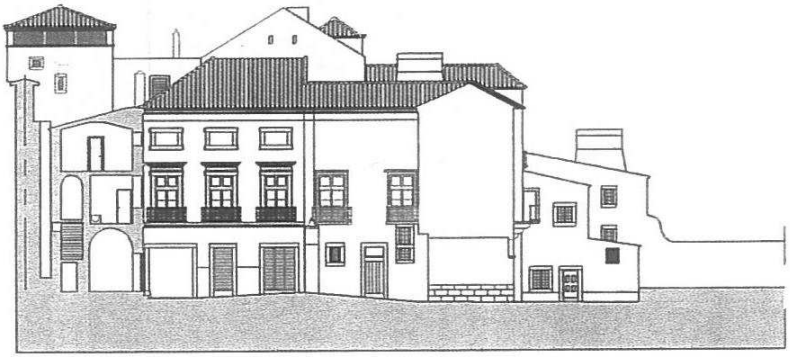


Fig. 84. *Palácio Belmonte, Corte/ Alçado Sudoeste, Quirino da Fonseca, 2000.*

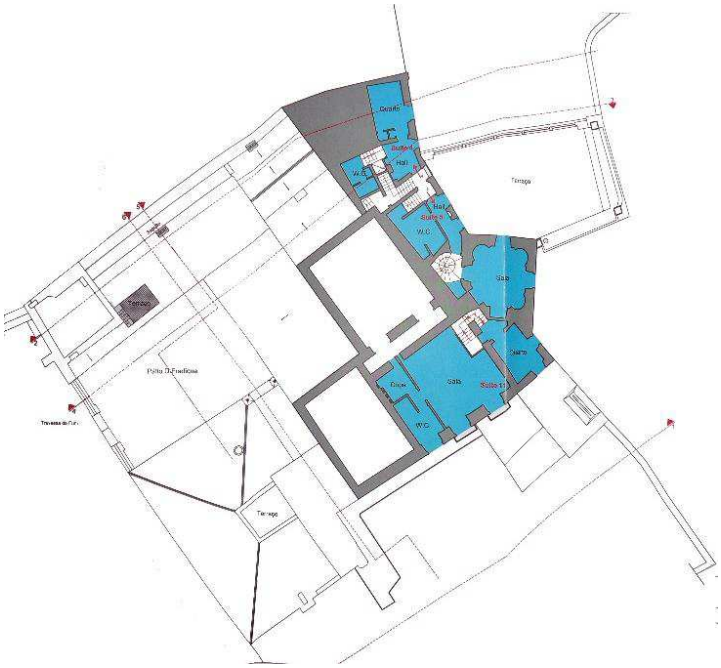


Fig. 85. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "4", Quirino da Fonseca, 2000.*

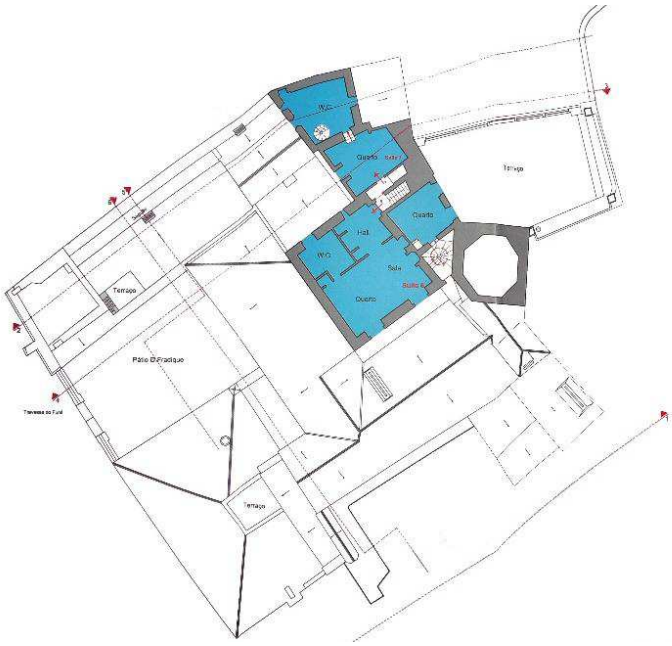


Fig. 86. *Palácio Belmonte, Planta do Piso "5", Quirino da Fonseca, 2000.*

Fig. 87. *Palácio Belmonte, Alçado Sudeste, Quirino da Fonseca, 2000.*

6 .Proposta de Reabilitação (Projeto)

6.1. Contextualização da Proposta

O "Palácio dos Maldonados" teve a sua origem num projeto habitacional, mas atualmente é difícil perspetivar, para o edifício, uma utilização idêntica à original, atendendo a que a forma de habitar evoluiu aos longo dos tempos e, nos dias de hoje, a estrutura das famílias é de natureza restrita, em contraposição às famílias extensas do séc. XVIII que acolhiam também os criados e as visitas da casa.

Neste estudo, optámos por uma estratégia de readaptação funcional do edifício para albergar um programa hoteleiro, o qual é espacialmente compatível com as características do palácio.

Para justificar a escolha e a oportunidade desse programa funcional julgámos importante verificar a dinâmica do turismo em Portugal e, em particular, no Alentejo.

Para esse efeito, recorremos a um conjunto de dados estatísticos, conceitos e necessidades que fundamentam a nossa escolha.

6.1.1. O Conceito de Turismo

A Organização Mundial de Turismo (OMT), considera que *"O **turismo** compreende as atividades que realizam as pessoas durante as suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras"*[37].

[37] Organização Mundial de Turismo, 2001

O acontecimento "turismo" está intimamente associado ao progresso das zonas onde é realizado, constituindo-se como uma mais valia para esses territórios, uma vez que os progressos são visíveis a vários níveis, tanto socioculturais, como económicos, entre outros.

6.1.2. O Turismo em Portugal

> *"E se Portugal enfrenta sérios desafios, num mundo em crescente globalização, é a atividade económica do turismo que apresenta um inquestionável potencial, que importa saber desenvolver, de forma inteligente e sustentada"*[38].

Em Portugal, o turismo é encarado como uma importante ferramenta estratégica, tanto pelo Estado como pelos empresários, que têm vindo a fazer uma aposta constante na área, contribuindo para o surgimento do atual momento de prosperidade que se vive no sector do turismo.

No ano de 2016, o turismo alcançou, no nosso país, números recorde, traduzidos no aumento do emprego neste setor de atividade que representa 7% na economia nacional. O incremento da atividade turística está a expandir-se para meses da "época baixa", com crescimento em todas as regiões, diversificação de mercados e um aumento do reconhecimento internacional traduzido na conquista de prémios, neste domínio.

[38] FORTE, Atílio – *Turismo é a atividade determinante na economia portuguesa*. J-A Jornal Arquitectos nº196. Lisboa: 2000, p.54

No ano de 2017, o Instituto de Turismo de Portugal, assinalou "*todas as regiões com um crescimento significativo, com destaque para os Açores (+ 16%), o Centro (+ 15%) e o Alentejo (+ 12%)*"[39].

Com o objetivo de "*afirmar o turismo como hub para o desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território, posicionando Portugal como um dos destinos turísticos mais competitivos e sustentáveis do mundo*" (citado por Araújo, Luís em Estratégia Turismo 2027), surge "*A Estratégia Turismo 2027*". Como o próprio nome indica, trata-se de uma estratégia a dez anos, que estabelece prioridades em cinco eixos: valorizar o património; impulsionar a economia portuguesa; potencializar o conhecimento do país; projetar Portugal em geral; melhor as redes e ampliar a conectividade, isto é, fortalecer as rotas aéreas.

6.1.3. O Turismo no Alentejo

Neste crescimento do sector do turismo que, como se referiu anteriormente, é sentido, nos últimos anos, a nível nacional, o Alentejo não é exceção. Para isso contribui, por certo, um vasto conjunto de características locais que é de grande mais valia: o património arquitetónico e arqueológico, o património fortificado (castelos e fortalezas), o artesanato, as romarias e a gastronomia local e os vinhos. Todos estes elementos possibilitam aos visitantes o contato com uma cultura diferente daquela a que estão habituados no quotidiano e, por isso, se constituem como uma importante mais valia a ter em conta.

O acontecimento "*turismo*" está intimamente ligado ao progresso das zonas onde é realizado, o qual pode ser constatado a vários níveis, tanto sociais como económicos. O turismo representa, por exemplo, uma maneira eficaz de combater o decréscimo

[39] In http://www.turismode portugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx.

populacional e económico das regiões mais desertificadas. Por isso, se forem tomadas medidas para promover este tipo de atividade económica, isso resultará numa melhor qualidade de vida para a população local, ajudando a resolver os problemas destas regiões.

6.1.4. O Turismo e o Património

O património e o turismo mantêm uma relação de proximidade e simbiose, já que um alimenta o outro.

Mas com o turismo surgem também riscos de "*adulteração e degradação*"[40]. Segundo *José Sancho e Silva* (Diretor Geral do Turismo, à época), num debate de 1999, o património é um legado pertencente a todos, inseparável da "*identidade e da memória coletiva*". No entanto, para que o património se torne num recurso turístico e numa potencial fonte de retorno económico, é necessário ser adequadamente trabalhado.

O património assume-se, assim, como um elemento primordial, que se sobreleva a tudo, ou seja, um elemento cuja presença se deve manter no tempo, ao contrário das alterações que vão sendo realizadas com vista a novos usos e conforme desejos contemporâneos. E quando se fala em novos usos, é fundamental adotar um pensamento a longo prazo, já que as intervenções não são para "consumo imediato"[41], pois todos os dias impomos novos critérios de satisfação que o edifício deve cumprir, sendo, contudo, imperativo respeitar a validade e a identidade do património.

"*A partir do momento em que o património é entendido como um recurso, passa a ser-lhe aplicada a noção de sustentabilidade*"[42]. Isto é, a forma como a geração atual utiliza o seu património deve tomar em

[40] AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002, p.17
[41] Ciclo de Debates, Arquiteto João Paulo Rapagão pág 29
[42] AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002, p.77

atenção as gerações futuras, salvaguardando o seu direito de usufruírem também do mesmo.

Referindo-se aos centros históricos, o Prof. Alexandre Alves Costa, afirma:

> *"O centro necessita de tratamento, manutenção, requalificação; necessita de se abrir a novos usos e de se densificar com eles; necessita de observação cuidada, de uma intervenção cultivada e contemporânea que aceite a diversidade, lendo e preservando a sua unidade, que salvaguarde a sua lindíssima história, visível e oculta, que resista à demolição e à tendência geral para uma passiva aceitação da cultura da suburbanidade (…)"*[43].

Atendendo a que o turismo tem como uma das âncoras o património, uma correta intervenção passa pela adoção de projetos estruturantes que consigam valorizar estas zonas dos centros históricos. Os novos usos e funcionalidades, quando articulados corretamente com a disposição do centro histórico, representam um futuro para as edificações devolutas e degradadas.

E conclui ainda José Sancho e Silva que "*de facto, nos dias de hoje, a complexidade e diversidade das motivações subjacentes aos movimentos turísticos apontam para o reconhecimento de que o património constitui um dos pontos fundamentais da oferta turística de qualquer região ou país*"[44].

Segundo a Carta Internacional do Turismo Cultural, aprovada na cidade do México, em 1976, tendo Portugal entre os países subscritores, o turismo cultural define-se como sendo aquele "*que tem por finalidade principal, entre outros objetivos, o conhecimento dos sítios e*

---

[43] AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002, p.26

[44] AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002, p.16

dos monumentos e exerce sobre estes sítios e monumentos um efeito positivo considerável, na medida em que, pelos fins que pretende atingir, contribui para a sua manutenção e proteção. Com efeito, esta forma de turismo justifica os esforços que a manutenção e a proteção exigem da comunidade, face aos benefícios socioculturais e económicos que propicia para o conjunto das populações locais"[45].

6.1.5. A Escola de Hotelaria e Turismo e o Hotel de Aplicação

De início, a formação relacionada com a hotelaria e o turismo preparava, tendencialmente, profissionais para auxiliar na área hoteleira ou para servir de guia turístico. No entanto, com a contante evolução registada neste domínio, a formação profissional tornou-se também fundamental, quando se pretende responder adequadamente à procura do mercado, ou seja, para preparar pessoas com vista a outras modalidades profissionais ligadas à atividade turística. É que, como aponta *Isabel Marques*, a conexão entre a educação e o sistema de suporte, permite a consciencialização dos jovens para "*as questões do património e a manutenção das nossas tradições culturais* (…)"[46].

Fazendo agora uma aproximação ao caso de estudo que é a adaptação do "Palácio dos Maldonados" a escola de hotelaria e turismo e a hotel de aplicação, consideramos que é imprescindível tomar como ponto de partida a realização de uma análise cuidada do PDM do concelho de Beja, na parte relativa à cidade, pois este constitui-se como um instrumento fundamental que estabelece as regras e orientações relativas à ocupação, ao uso e à transformação do solo, no local da intervenção. Da sua análise conclui-se que o seu

[45] Carta sobre o Turismo Cultural, ICOMOS, Bruxelas, 1976
[46] MARQUES, Ana Isabel Figueira – Património Cultural e Turismo nos Planos Directores Municipais e nos Planos de Urbanização. Lisboa: Publicações Maitreya, 2005, p.57

objetivo primordial é a valorização do território, em simultâneo com o reforço da identidade do concelho.

As metas definidas por este PDM são bastante claras, ao destacar-se a cidade de Beja através dos seus centros de ensino superior e da promoção do fortalecimento das relações nacionais e internacionais no ensino, visando aproveitar o turismo para divulgar e valorizar o património cultural regional, apoiando atividades e promovendo a utilização de equipamentos e serviços direcionados para eventos com fins turísticos, como é o caso da qualificação de espaços relacionados com a restauração e a hotelaria, assim se valorizando e preservando o património cultural e natural do concelho.

Nos últimos anos, a região do Alentejo tem vindo a ganhar destaque como destino turístico, mas nem todas as parcelas desta vasta região do país têm evoluído ao mesmo ritmo. Beja tem ficado muito aquém do seu verdadeiro potencial. Por isso, o projeto que desenvolvemos apoia-se no rico património local e pretende contribuir para destacar a cidade das demais da região, inserindo aquele na urbe, de modo estruturante e sustentável. O seu objetivo primordial é ajudar na reabilitação do centro histórico da cidade, através de um aproveitamento exemplar de um dos seus maiores recursos, a gastronomia alentejana.

Embora já existam, a nível nacional, doze escolas de hotelaria e turismo, a sua implantação no território é irregular, sendo mesmo inexistente nesta zona do Baixo Alentejo, pois as unidades mais próximas situam-se em Setúbal e Portalegre. Por isso, a implantação de uma Escola de Hotelaria e Turismo em Beja, perspetiva-se como um importante meio de valorização do património da cidade, trazendo um novo dinamismo a toda a região.

6.2. Proposta de programa funcional

Proposta de Programa Urbano

A proposta projetual surge após o reconhecimento de vários problemas pré-existentes: a necessidade de requalificação e readaptação do palácio; a ausência de espaços verdes para usufruto público, no centro da cidade; a existência de um espaço urbano com necessidades de qualificação e caracterização e a carência de estacionamento no centro da cidade.

A análise destes problemas e a procura de soluções para os mesmos, remetem-nos para dois pontos estratégicos: a inserção de espaços verdes no centro da cidade e a introdução de novos usos que venham revitalizá-la.

A integração destes novos espaços permite que os mesmos se tornem lugares dinâmicos, com relevância na vida tanto dos residentes como na dos turistas.

O Jardim

A cidade de Beja apresenta características de um centro compacto, consistente e consolidado. No entanto, as opções urbanísticas que têm vindo a ser seguidas para a cidade, desde a origem da mesma, nem sempre respeitam as conexões existentes entre o núcleo histórico e a paisagem envolvente.

Adjacente à zona onde se pretende intervir, encontra-se um espaço urbano vazio, desligado da envolvente, com cerca de 3.000 m^2, delimitado pelas Ruas da Casa Pia e dos Pintores. A nossa proposta contempla a respetiva reconversão num espaço verde, de utilização pública, com vista sobre a planície alentejana.

Neste contexto, o projeto pretende constituir-se como um elemento estruturante, que permita apreender e vivenciar o novo espaço ao ar livre.

A forma circular do núcleo histórico da cida de serve como mote de inspiração para o desenho urbano.

Deste modo, a solução (Fig. 88.) adotada no projeto contempla a criação de diversas tipologias espaciais, como zonas de circulação, áreas de convívio e estar temporárias, esplanada e estacionamento. O principal objetivo desta solução é a organização espacial através dos fluxos de atravessamento e acesso, assim como da orientação visual.

Por outro lado, a criação de um conjunto de vários planos onde se vão formando espaços de estar, visa aproveitar a morfologia do terreno, ao mesmo tempo que se privilegia a paisagem. Estes distintos planos possibilitam que as mudanças de nível se façam de um modo suave, criando um espaço contínuo, flexível e aberto ao público, onde se favorecem novos modos de estar.

Fig. 88. Esquiço da proposta do espa
verde.

O Parque de Estacionamento

No centro histórico, um dos principais constrangimentos reside na dificuldade ou mesmo ausência de estacionamento. As ruas

zona das cozinhas e do laboratório, por exigências de higiene e segurança no trabalho, determinaram a opção por um pavimento epóxi autonivelante, de fácil limpeza e com bons níveis de resistência e impermeabilidade. E para as zonas de maior afluência, como o restaurante, pela sua resistência e caráter nobre, é proposto um pavimento em mármore.

6.4.3. Cobertura

A **cobertura** do hotel alinha com a expressão utilizada no centro histórico da cidade, sendo, por isso, inclinada e revestida a telha lusa, integrando também uma platibanda. Por sua vez, na escola de hotelaria e turismo, sendo também objetivo manter a identidade da cidade e a leitura formal existente, foi escolhido um desenho característico - cobertura inclinada com duas e três águas, revestida a pedra lioz vermelha, incorporando uma platibanda.

7. Conclusões

Como referimos no início deste trabalho, o seu principal objetivo foi associar a arquitetura ao fenómeno do turismo, dando a primeira resposta às necessidades do segundo mas, simultaneamente, tornando-o instrumental da recuperação do património edificado, reconvertendo-o ao uso coletivo e potenciando o desenvolvimento do território onde se insere, no caso particular, o Baixo Alentejo.

É sabido que com a evolução da sociedade, surgem novas exigências e hábitos, aos quais as construções antigas, como o edifício palaciano de que nos viemos a ocupar, não estão capacitadas a responder. Numa tentativa de contornar a situação, inúmeras casas nobres dos séculos XVII e XVIII, em Portugal, têm vindo a ter as suas funções iniciais reconvertidas em novos usos. Foi o que procurámos fazer com o "Palácio dos Maldonados", projetando a sua reconversão a escola de hotelaria e turismo e hotel de aplicação.

Se a dimensão generosa do imóvel, funcionou como elemento facilitador da sua adaptação a uma nova afetação, existe também um conjunto de condicionantes a ter em conta. Estas decorrem, em grande parte, do facto de a conceção de um estabelecimento hoteleiro comportar um programa bastante mais exigente, na qual se devem contemplar duas zonas: uma de cariz público e outra de cariz privado (áreas de serviço).

Por outro lado, quando se pretende intervir no património existente, devem ter-se em consideração todas as consequências que a intervenção poderá ter, pois o objetivo é manter a sua autenticidade, preservando os seus valores histórico e artístico e, consequentemente, evitar qualquer impacto negativo na comunidade local.

No caso, a memória do palácio é mantida presente e viva, através de uma intervenção com baixo impacto no pré-existente, com uma

riqueza única e característica desta zona da cidade que se pretende valorizar e promover, ao mesmo tempo que se cuida da sua preservação.

O que se fez foi, afinal, associar a arquitetura à gastronomia, ao clima e a outros recursos potenciadores do turismo, dando um contributo para preservar e valorizar o património edificado da cidade de Beja, fortalecendo também o desenvolvimento de toda a região do Baixo Alentejo.

8. Listagem de Referências Bibliográficas

AA.VV. – 100 Anos de Património: Memória e Identidade. Lisboa: IGESPAR, 2010.

AA.VV. – Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

AA.VV. – *Ciclo de Debates 1999*, Património e Turismo; Desenvolvimento e Turismo – Livro de Actas. Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002.

AA.VV. – *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Coimbra: Impresa da Universidade de Coimbra, 2015.

AA.VV. – *Prototypo nº001: Máquinas, engenhos, artefactos.* Lisboa: Prototypo, 1999.

AZEVEDO, Carlos Mascarenhas Martins de – *Solares Portugueses introdução ao estudo da casa nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

BRANDI, Cesare – Teoria da Restauro. Lisboa: Orion, 2006.

CARITA, Helder; CARDOSO, António Homem – *A casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya, 2015.

CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000.

CHOAY, Françoise – *As Questões do Património*. Lisboa: Edições 70, 2011.

FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos – *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015.

LINCHY, Kevin – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982.

MARQUES, Ana Isabel Figueira – *Património Cultural e Turismo nos Planos Directores Municipais e nos Planos de Urbanização*. Lisboa: Publicações Maitreya, 2005.

MATOS, Gastão de Melo de – *Nicolau de Langres e sua Obra em Portugal.* Lisboa, 1941.

LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitetura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – *Património Arquitectónico e Arqueológico: Noções e Normas de Proteção Cartas, Recomendações e Convenções internacionais*. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

ORBASLI, Aylin – *Tourists in Historic Towns: Urban Conservation and Heritage Management*. London: Taylor & Francis, 2000.

PAIVA, José; AGUIAR, José; Pinho, Ana – Guia Técnico de Reabilitação Habitacional. Lisboa: LNEC, 2006.

PORTAS, Nuno – *Conservar renovando ou recuperar revitalizando.* Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 1983.

QUEIROZ, Francisco; PORTELA, Ana Margarida – *Conservação Urbana e Territorial Integrada: reflexões sobre salvaguarda, reabilitação e gestão de centros históricos em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

SILVA, José Custódio Viera da – *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico, 2002.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE O LUGAR

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Beja*. I volume. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes, 1992.

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES; ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Beja*. II volume. Lisboa: Academia Nacional de Belas–Artes, 1992.

CAMARA MUNICIPAL DE BEJA – *3ª Parte: Apontamentos para a História de Beja: Praças, Largos, Ruas e Becos da Cidade*. Boletim do Município de Beja nº16. Beja: A comissão Executiva da Camara, 1922.

BORRELA, Leonel – *Palácio dos Maldonados*. Diário do Alentejo nº1273. Beja: 2006, p.3.

MASSAPINA, António; MASSAPINA, João; MARTINS, Jorge – *Beja: centro histórico: plano de Salvaguarda e recuperação*. Beja: Federação das Associações de Estudo, Defensa e Divulgação do Património Cultural e Natural, 1981.

MESTRE, Joaquim Figueira – *Beja: olhares sobre a cidade*. Beja: Câmara Municipal de Beja, 1991.

VIANA, Abel – *Origem e evolução histórica de Beja*. Beja: Minerva Comercial, 1944.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

AA.VV. – *Escuela de Hostelaría y Turismo* in Domesticar la arquitectura Eduardo Souto de Moura (2009-2014). El Croquis nº176. Madrid: 2015, p.28-47.

AA.VV. – *Hotelaria e Turismo do Algarve, Convento de São Francisco, Faro* in Anuário de Arquitectura Interiores e Design. Lisboa: ESTAR, 2002.

FERNANDES, Manuel – *Arquitectura Recente em Faro: Dois exemplos Qualitativos*. Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos nº24. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2006.

FORTE, Atílio – *Turismo é a actividade determinante na economia portuguesa*. J-A Jornal Arquitectos nº196. Lisboa: 2000, p.54-56.

FONSECA, Pedro Henrique Quirino da – *Palácio Belmonte*. Architécti nº52. Lisboa: 2000, p.86-95.

LEGISLAÇÃO, NORMATIVAS E RECOMENDAÇÕES

CAMARA MUNICIPAL DE BEJA – *Plano Diretor Municipal de Beja*. 2014. Acedido a 13 de abril de 2018 http://www.cm-beja.pt/docs/PDFs/DPO/PDM_2014/DR-28-03-2014.pdf

CAMARA MUNICIPAL DE BEJA – *Plano Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Beja II*. 2017. Acedido a 13 de abril de 2018 http://www.cm-beja.pt/docs/PDFs/Documentos/Boletim_electronico/2018/ORU_CHB_II_ProgramaEstrategico.pdf

TESES CONSULTADAS

GODINHO, Maria – *Potenciar o Desenvolvimento Comunitário através do Turismo Acessível para todos*: Um projeto piloto para a cidade de beja. Beja: IPB, 2012.

GOMES, Marta – *Reconversão de Edifícios Habitacionais em Lisboa:* Aplicação ao Caso de Estudo das Unidades Hoteleiras. Lisboa: IST-UTL, 2011.

NETO, Joana – *Edifícios Híbridos*: Casos de reconversão de uso e proposta para a Fábrica Grande de Freamunde. Minho: Universidade do Minho, 2015.

SERRANO, Ana – *Reconversão de Espaços Industriais*: Três projetos de intervenção em Portugal. Lisboa: IST, 2010.

VARELA, Ana – *O Turismo como Desencadeante da Memória e Identidade*: Reabilitação do quarteirão do antigo Palácio Parreira Cortez. Lisboa: FAUL, 2017

VENDA, Cátia – *Reabilitação e reconversão de usos:* o caso das pousadas como património. Lisboa: IST-UTL, 2008.

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

- A Europeana
- Arquivo Distrital de Beja
- Arquivo Municipal de Beja
- Biblioteca de Arte Gulbenkian
- Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
- Biblioteca Francisco Keil do Amaral – OASRS
- Biblioteca Municipal de Beja
- Biblioteca Nacional de Portugal
- The European Library

WEBGRAFIA

ARCHDAILY EDITORIAL TEAM – Hotel & Catering School / Eduardo Souto de Moura + Graça Correia. Archdaily, 2012. Acedido a 6 de Dezembro de 2017 https://www.archdaily.com/297474/hotel-catering-school-eduardo-souto-de-moura-graca-correia

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural – Palácio dos Maldonados. Acedido a 24 de novembro de 2017

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73276/

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio dos Maldonados. Acedido a 24 de novembro de 2017 http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=118

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Palácio Belmonte/ Pátio de D.Fradique. Acedido a 7 de abril de 2018

http://www.monumentos.gov.pt/SITE/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3134

TURISMO DE PORTUGAL I.P – Estratégia Turismo 2027. 2017. Acedido a 10 de Maio de 2018 http://www.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/Estrategia/estrategia-turismo-2027.pdf

9. Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

Processo de Trabalho

Anexo V

Maquetes Finais

Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final

Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

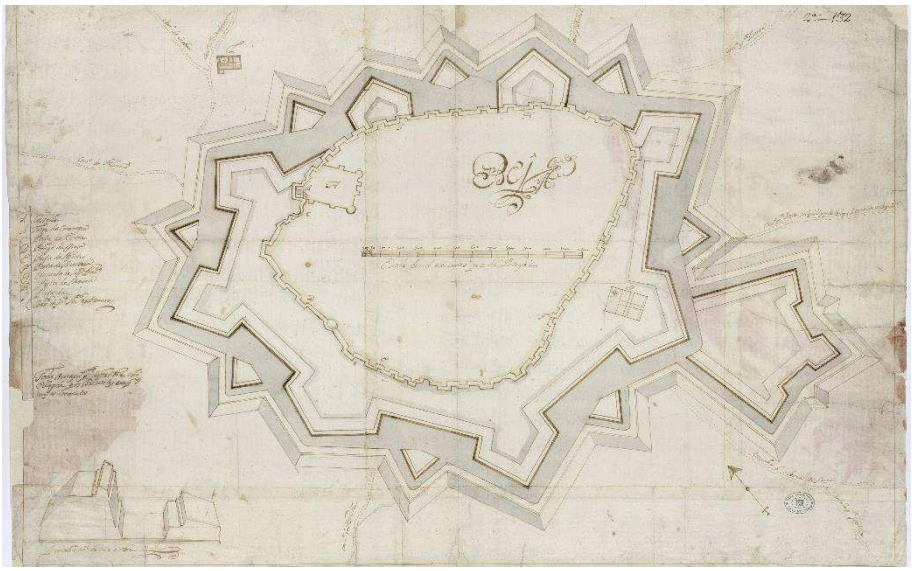
Processo de Trabalho

Anexo V

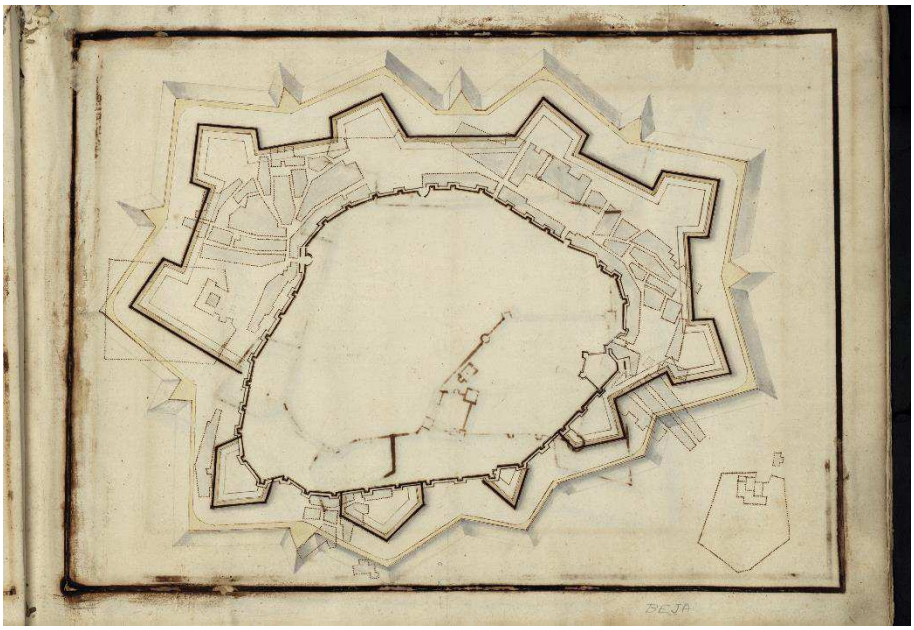
Maquetes Finais

Anexo VI

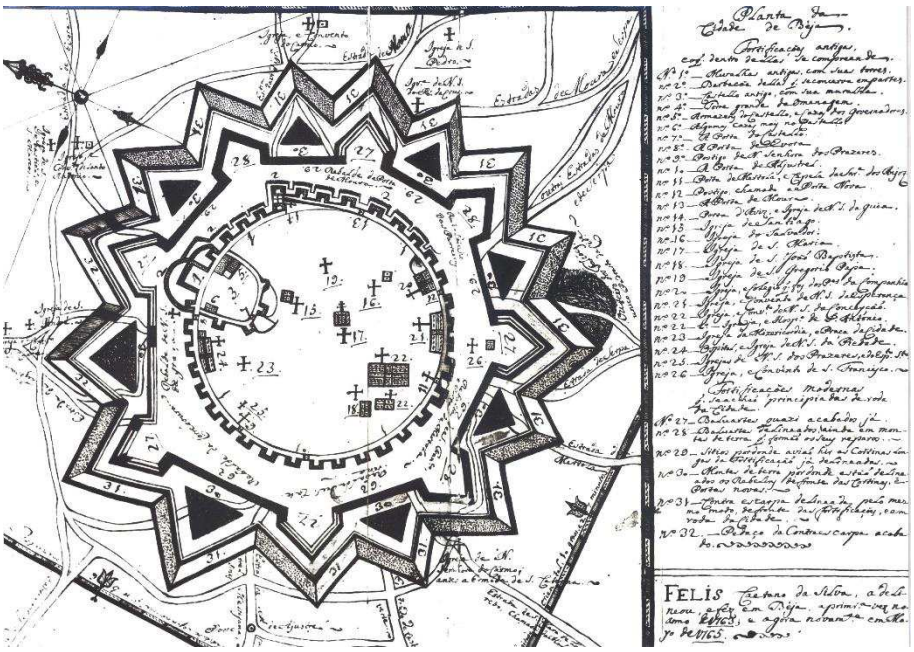
Peças Desenhadas do Projeto Final



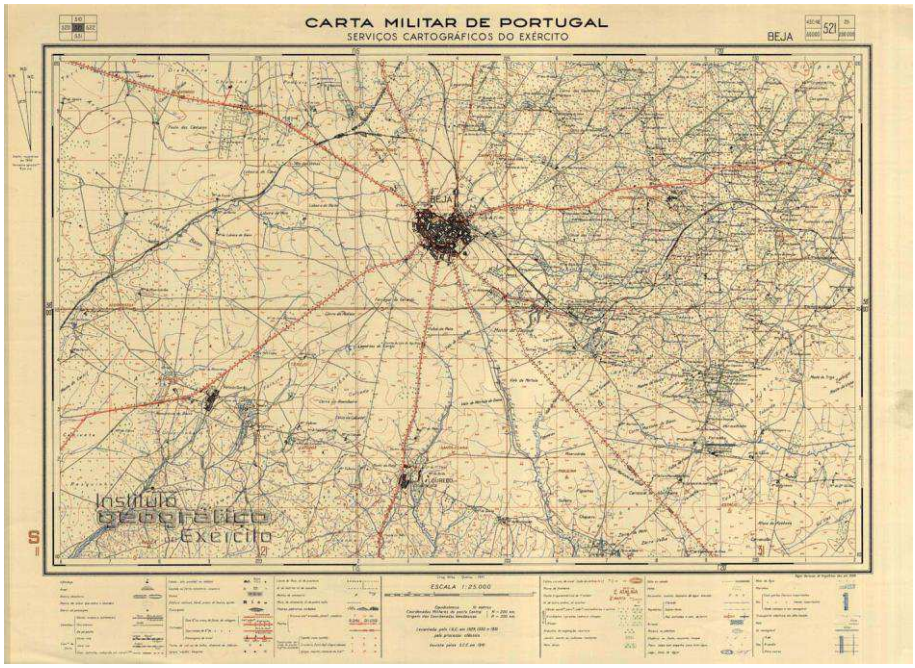
Projeto de Fortificação da Cidade de Beja, autor anónimo, 1707-1742.



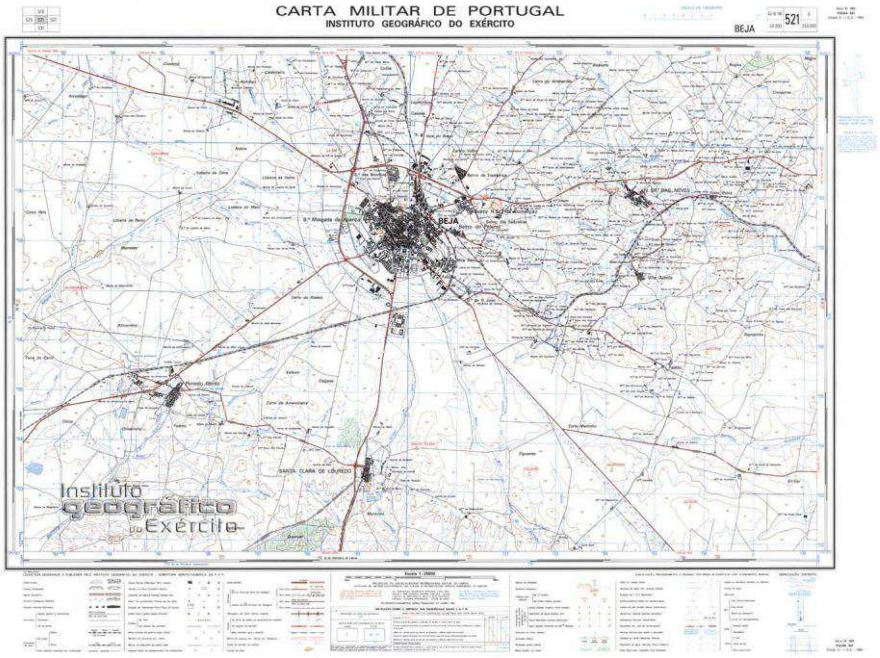
Projeto de Fortificação da Cidade de Beja, segundo Nicolau de Langres, séc. XVIII.



Plano Esquemático da Defesa da Cidade de Beja, segundo Félix Caetano da Silva, 1763.



Carta Militar da Cidade de Beja, 1941.



Carta Militar da Cidade de Beja, 1994.

Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

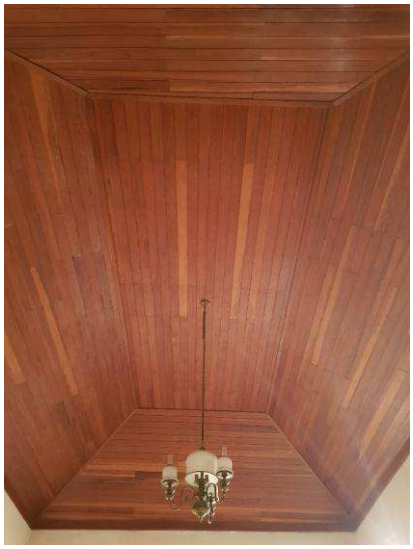
Processo de Trabalho

Anexo V

Maquetes Finais

Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final



Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

Processo de Trabalho

Anexo V

Maquetes Finais

Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final

(à esquerda) Pé no Monte, [i] da Arquitectos, Portugal, 2014

(à direita) Torre de Palma Wine Hotel, João Mendes Ribeiro, Portugal, 2014

(à esquerda) EcorkHotel, José Carlos Cruz, Portugal, 2013

(à direita) Sobreiras – Alentejo Country Hotel, Fat – Future Architecture Thinking, Portugal, 2015

(à esquerda) Monte do Córrego, Atelier dos Remédios, Portugal, 2016

(à direita) House in Alentejo Coast, Aires Mateus, Portugal, 2015

São Lourenço do Barrocal, Souto de Moura, Portugal, 2016

(à esquerda) Paço de Vitorino Hotel, PROAD arquitectura & design, Portugal, 2015

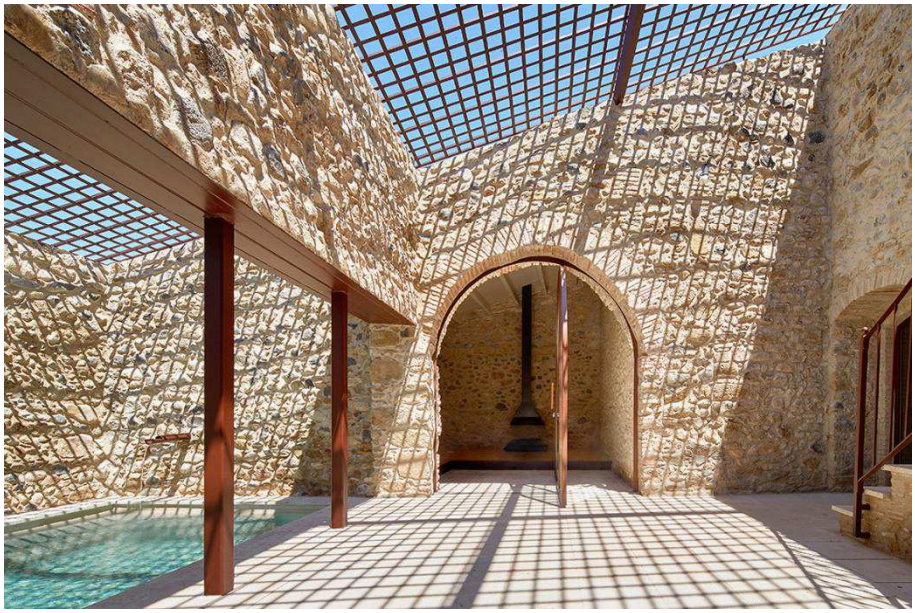
(à direita) Villa Extramuros, Vora Arquitectura, Portugal, 2011

(à esquerda) Convento de Santa Maria do Bouro, Souto de Moura, Portugal, 1997

(à direita) Paço de Vitorino Hotel, PROAD arquitectura & design, Portugal, 2015

(à esquerda) Inspira Santa Marta Hotel, Promontório, Portugal, 2010

(à direita) Casa no Crato, Guilherme Machado Vaz,



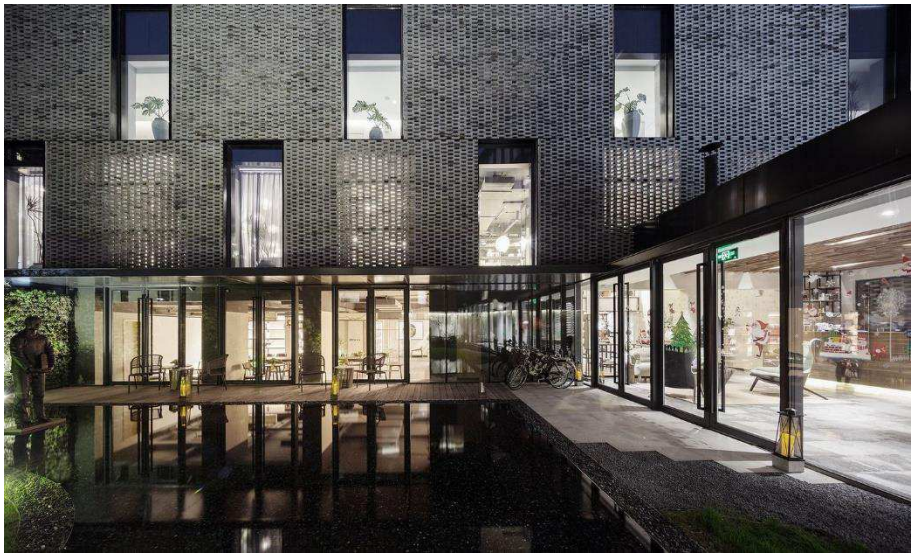
Farmhouse Reabilitation, Arquitectura G, Espanha, 2015

(à esquerda) Casa Termiteiro, Tropical Space, Vietnam, 2014

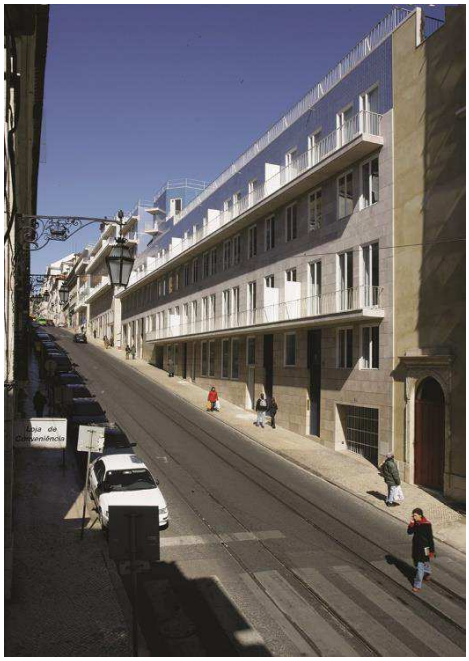
(à direita) Lagere School Sint-Gillis, Lens Ass Aechitecten, Bélgica, 2012

(à esquerda) Lantern Hotel, ZLGdesign, Malásia, 2015

(à direita) Casa em Gyopyeong-Ri, Studio Origin, Coreia do Sul, 2015



Seclusive Jiangnan Boutique Hotel, gad, China, 2016

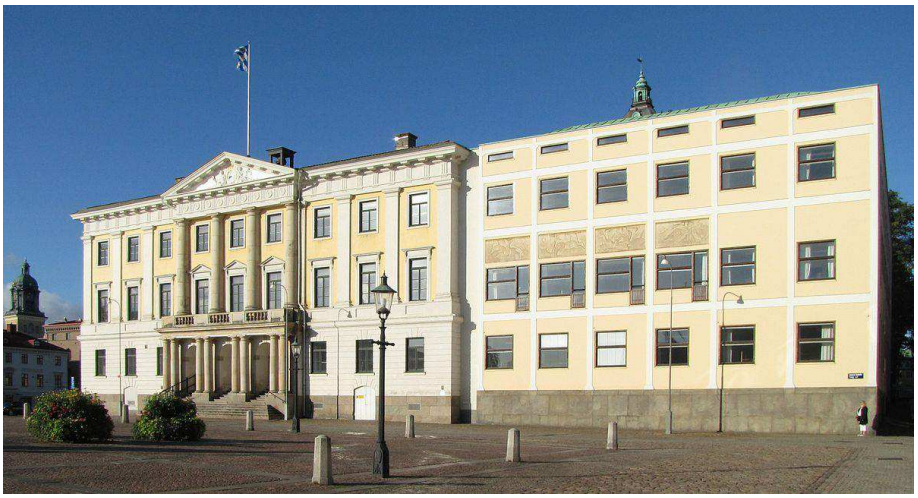


(à esquerda) Terraço dos Bragança, Siza Vieira, Portugal, 2004

(à direita) Monte do Córrego, Atelier dos Remédios, Portugal, 2016

(à esquerda) Toornhuset, Terroir + Kim Utzon Arkitekter, Suécia, 2014

(à direita) Convento Lorette, dmvA, Bélgica, 2014



Townhall de Gothenburg, Erik Gunnar Asplund, Suécia, 1937

Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

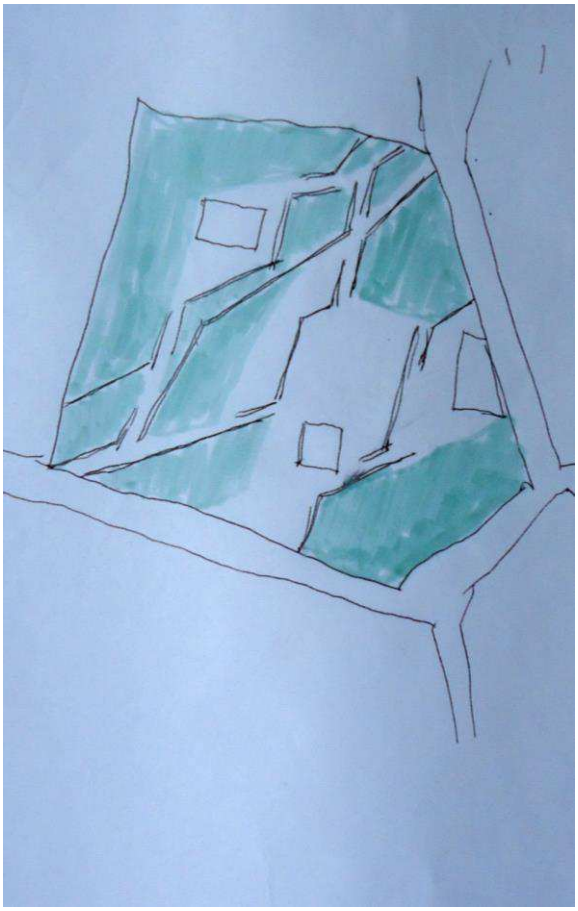
Processo de Trabalho

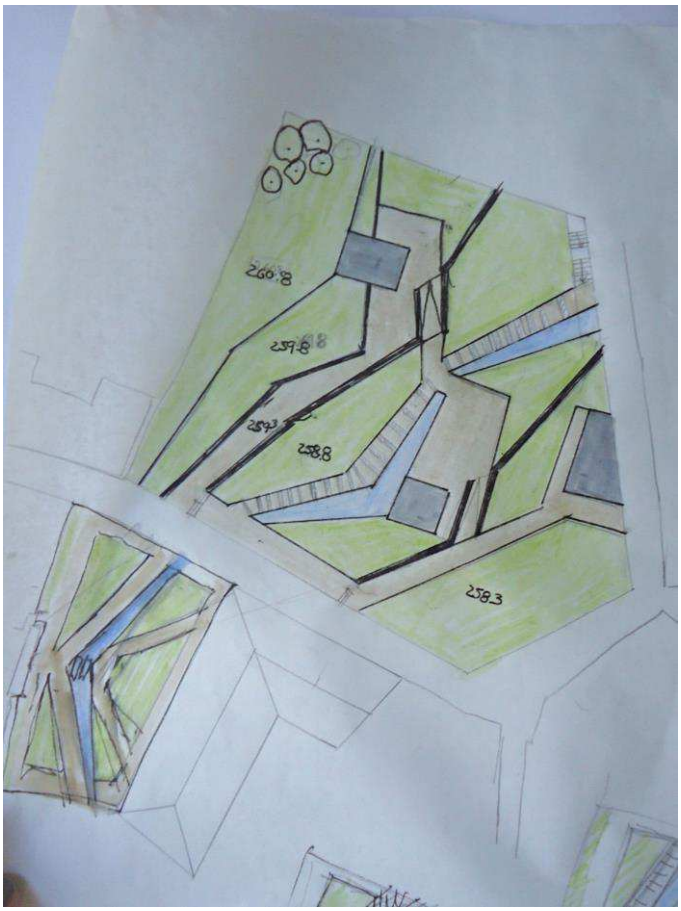
Anexo V

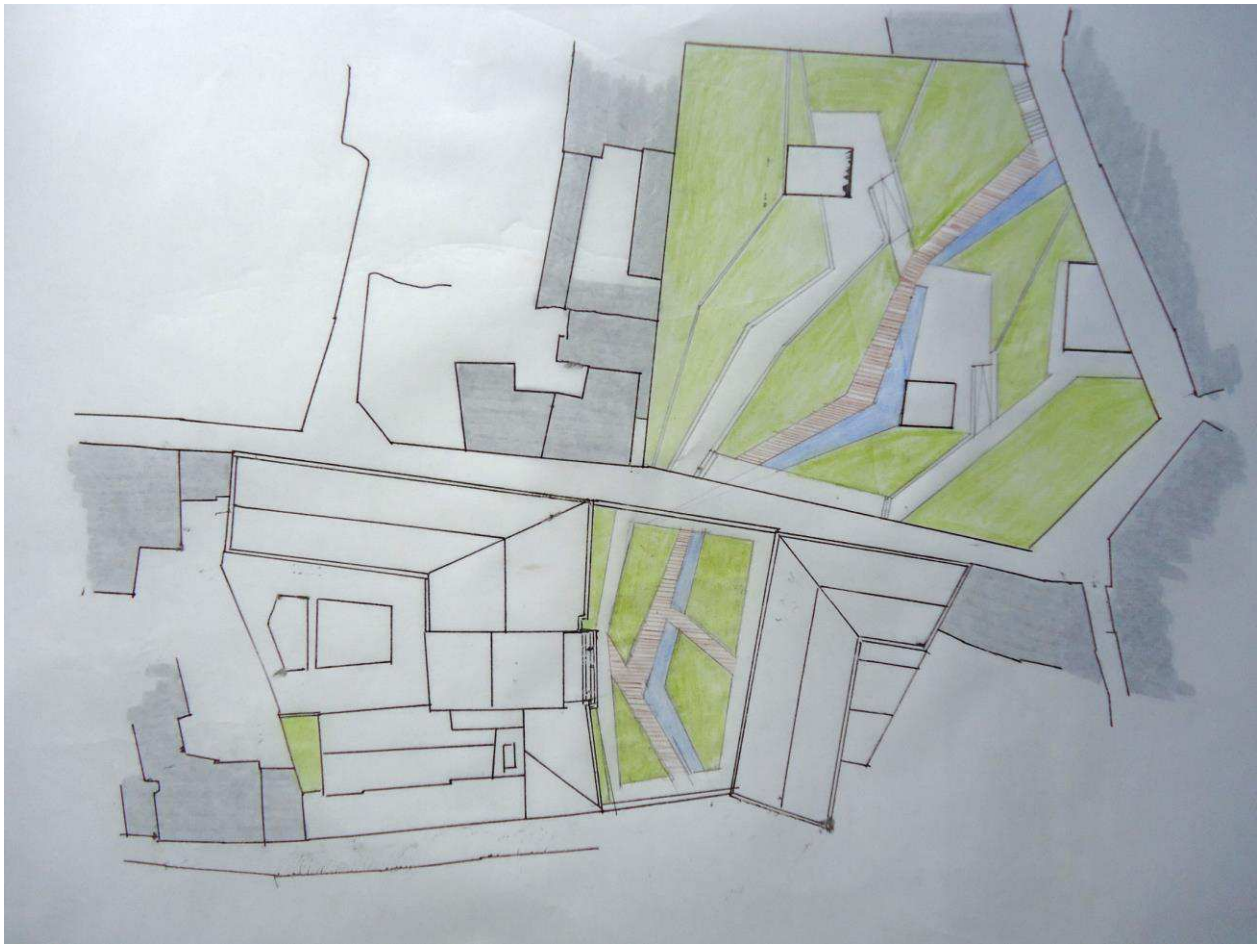
Maquetes Finais

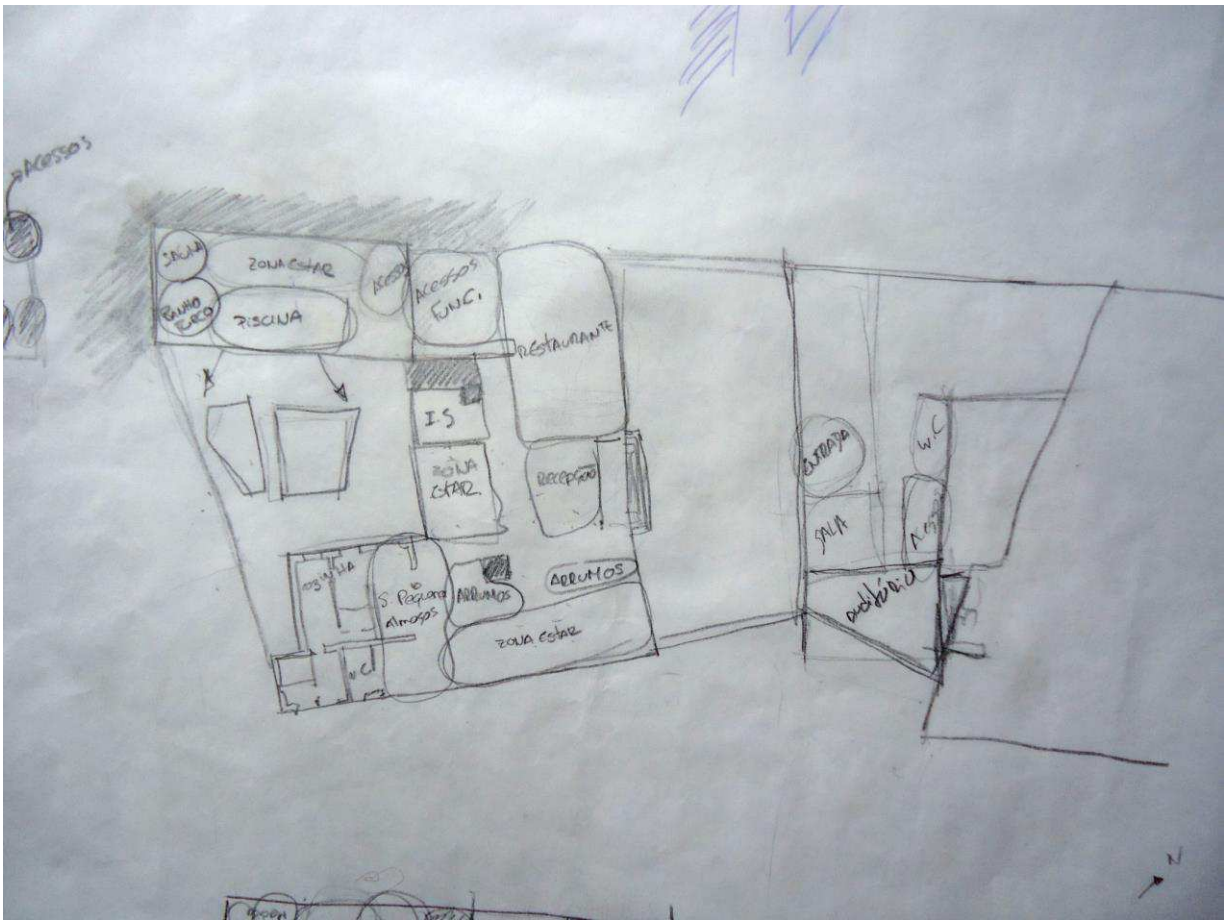
Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final

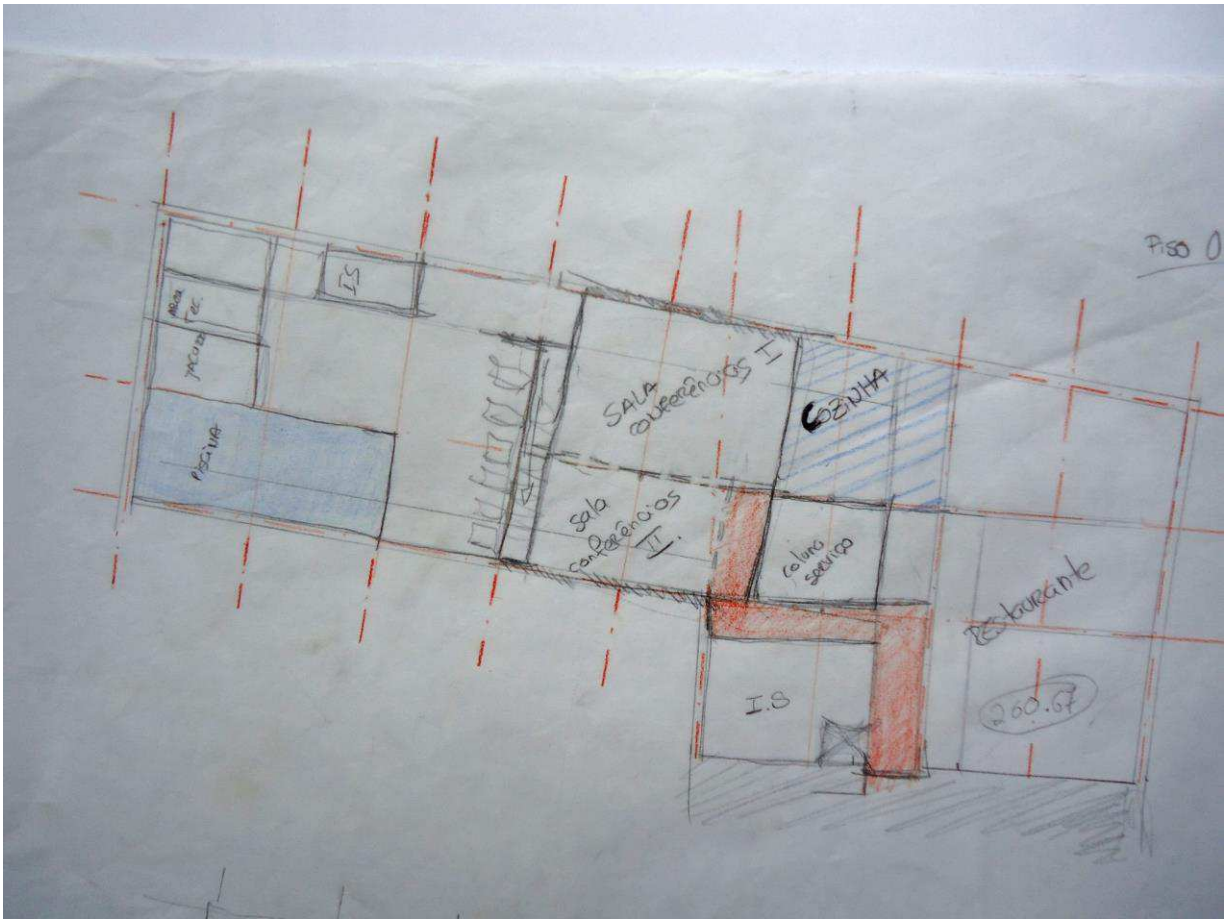


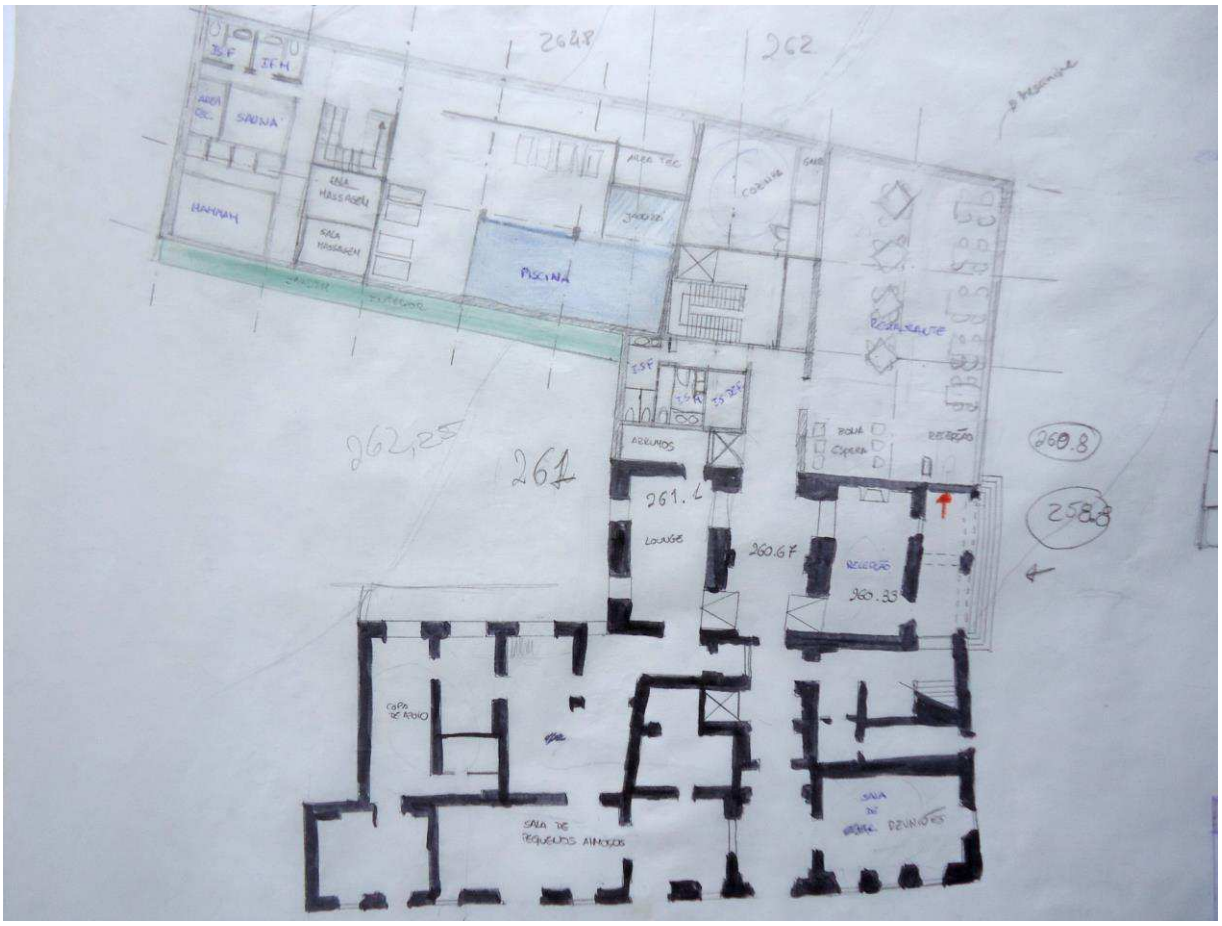

260.8
257.8
258.8
258.3

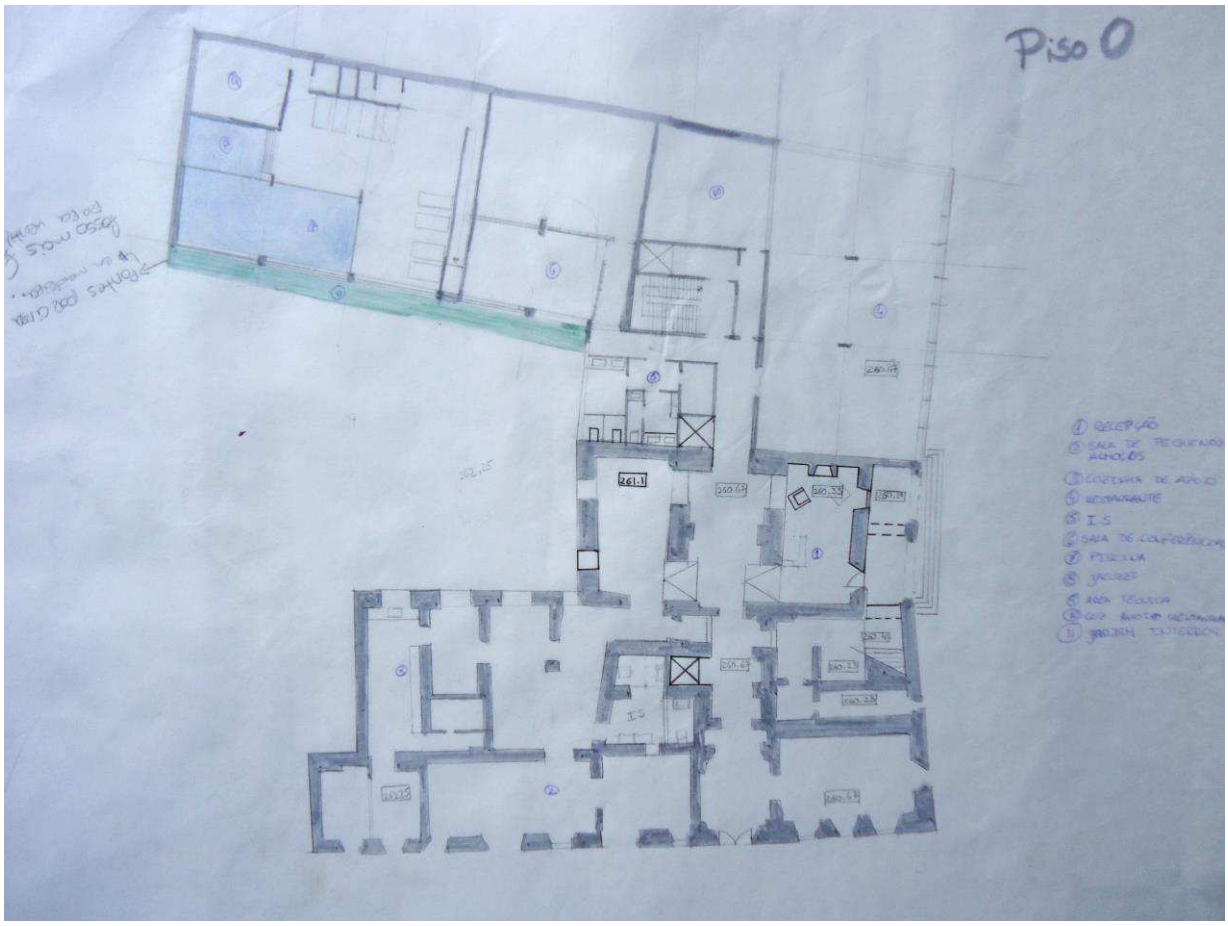


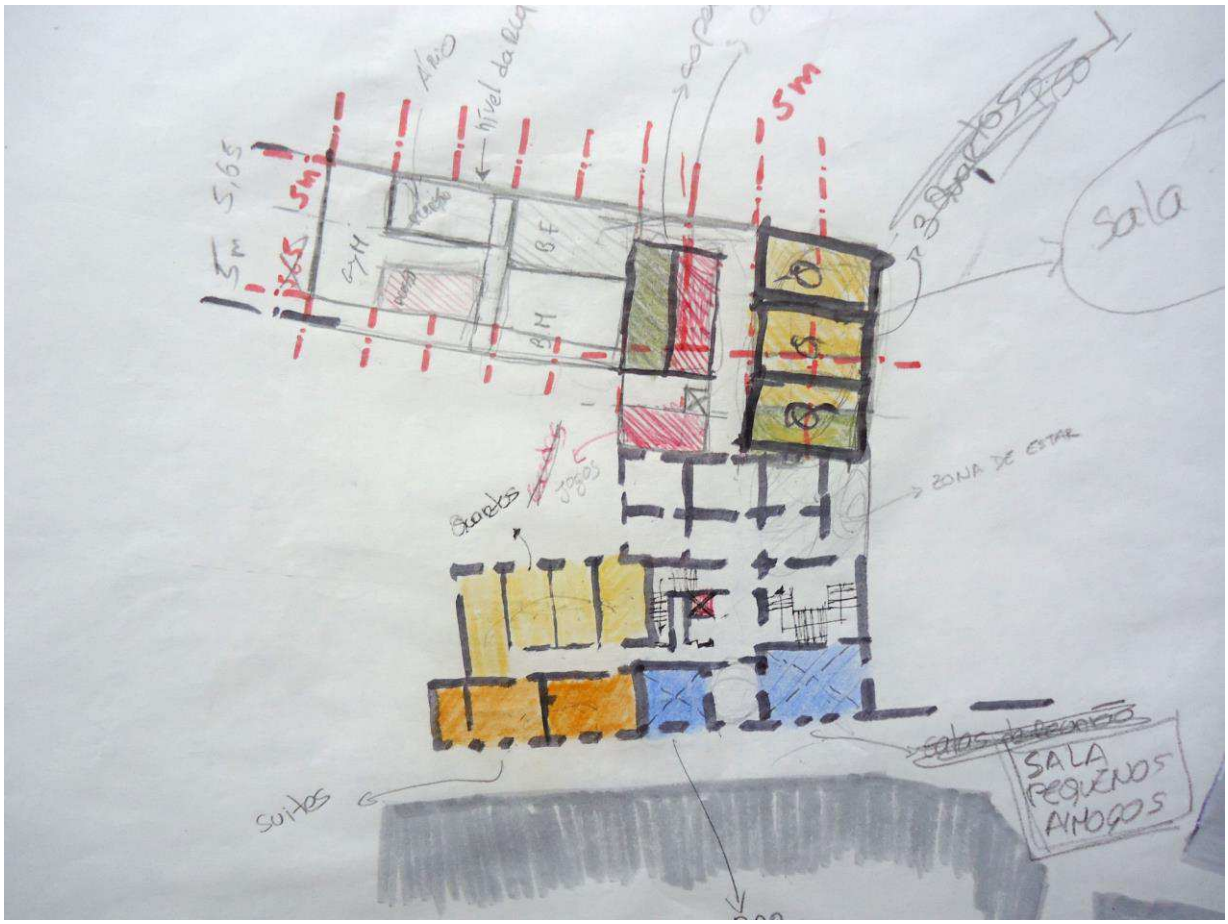

ACESSOS
ZONA ESTAR
PISCINA
ACESSOS FUNC.
RESTAURANTE
I.S
ZONA ESTAR
RECEPÇÃO
ARRUMOS
ZONA ESTAR
ENTRADA
W.C
SALA
N

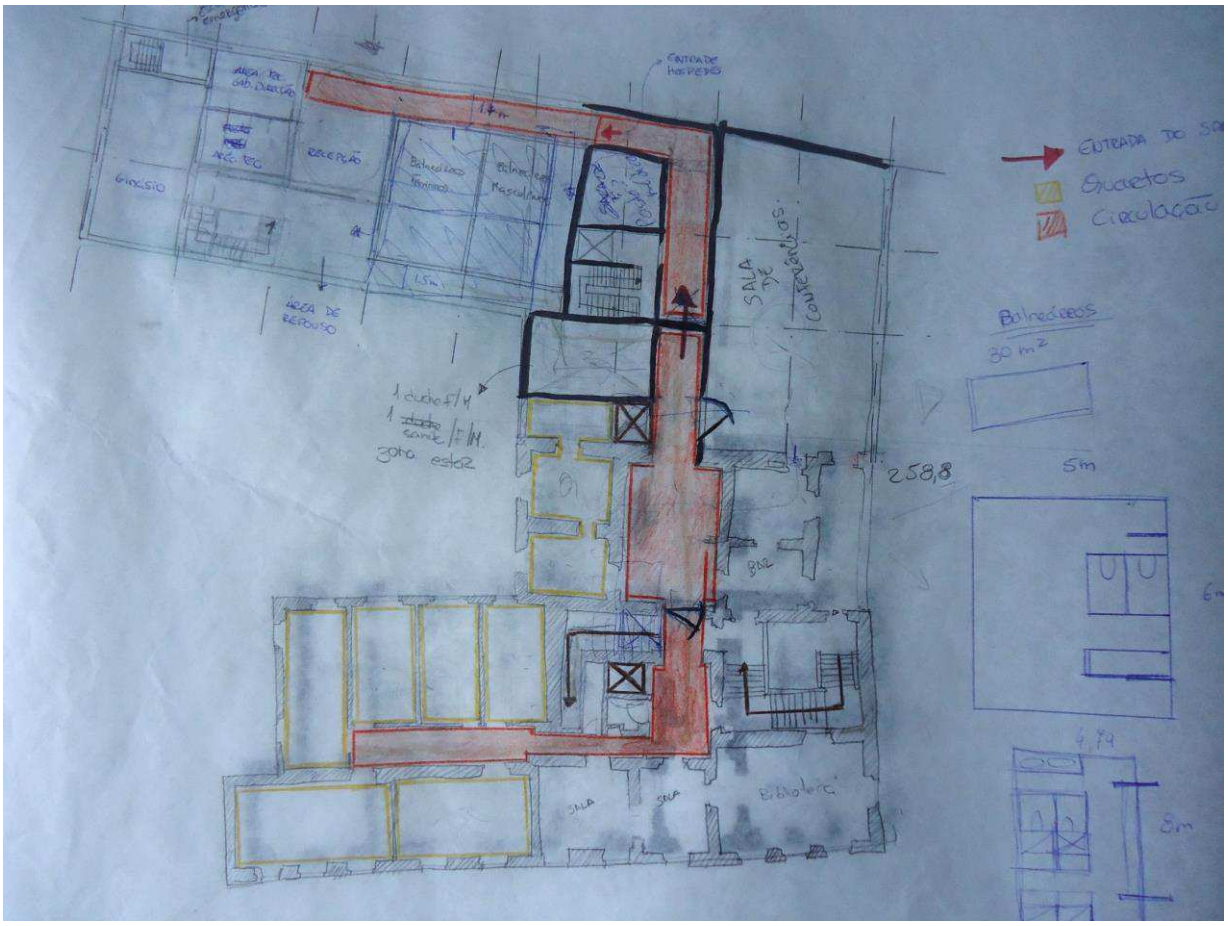
RECEPÇÃO
GYM
B N
COPA
SR.
N

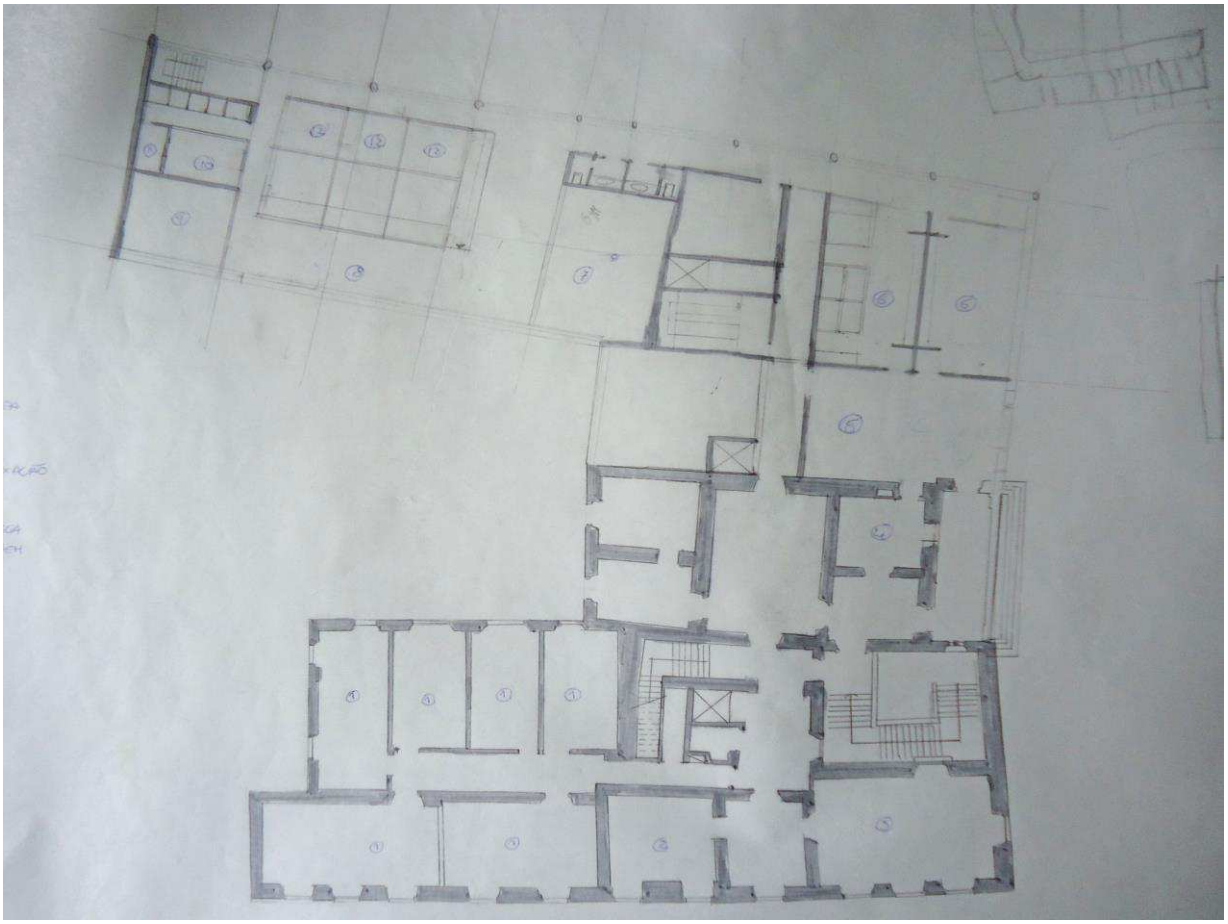

Piso 0
I.S
PISCINA
SALA CONFERÊNCIAS II
COZINHA
sala conferências II
Restaurante
I.S
260.67

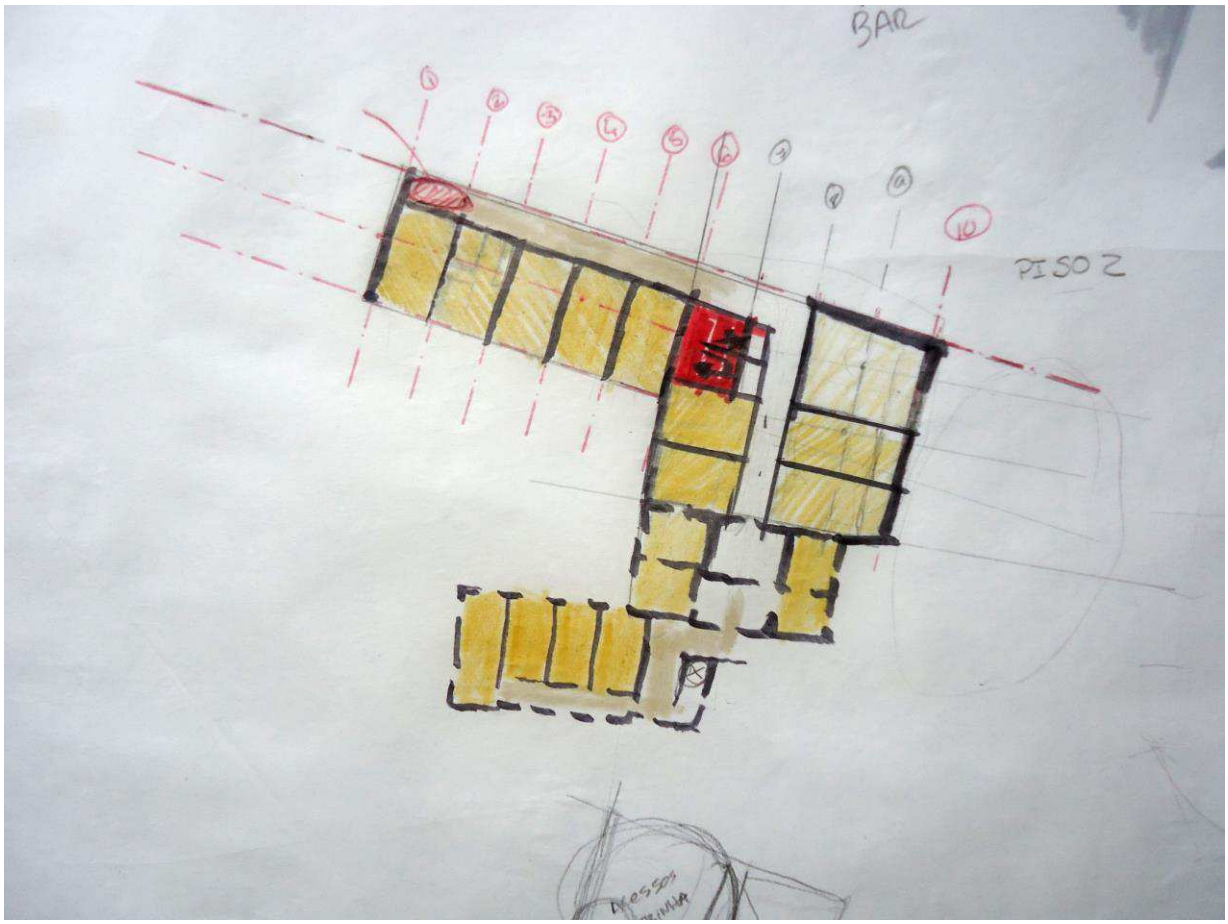

262.8
262
SAUNA
HAMMAM
SALA MASSAGEM
PISCINA
COZINHA
RESTAURANTE
262.25
261
REUNIÕES
261.6
LOUNGE
260.67
260.35
260.8
258.8
SALA DE PEQUENOS ALMOÇOS

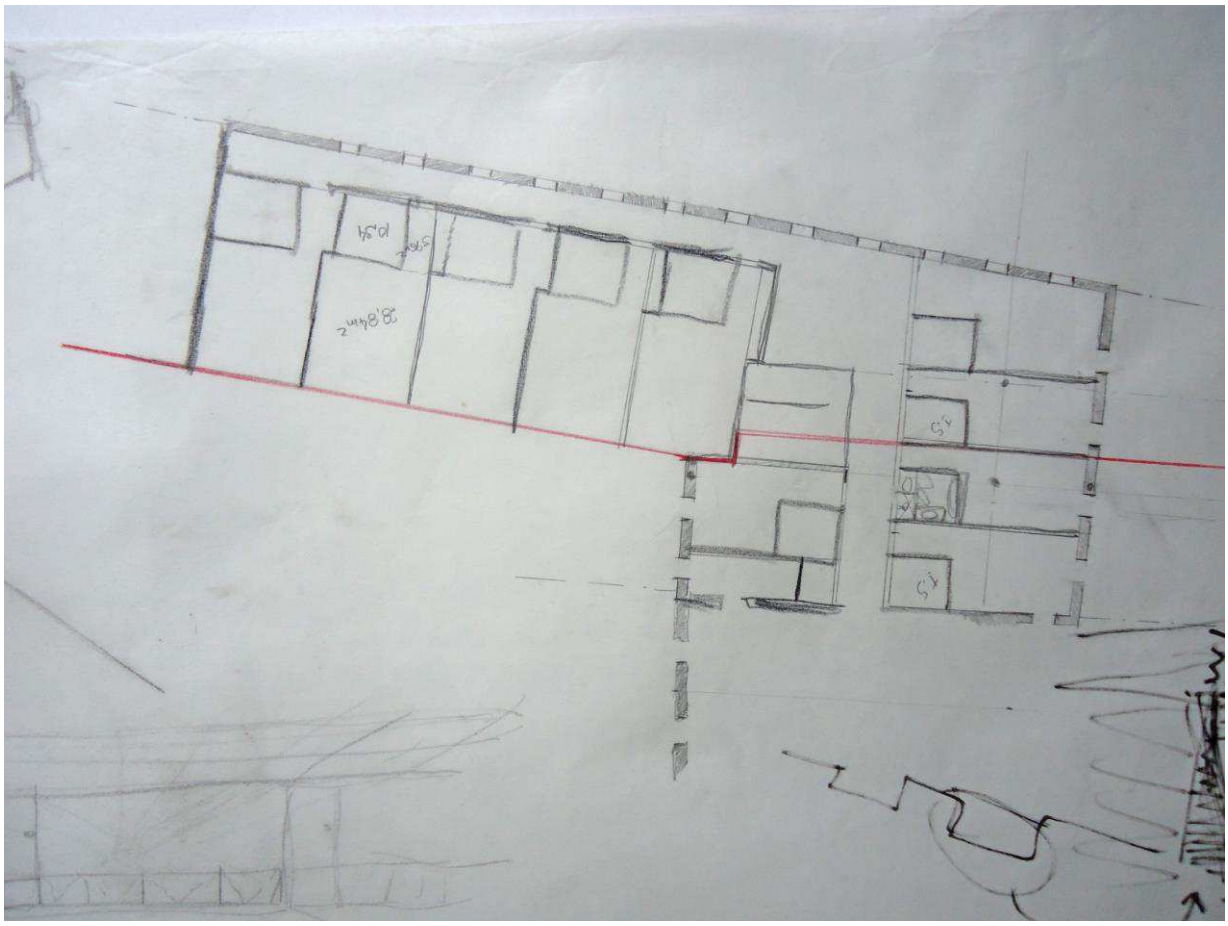

Piso 0
1 RECEPÇÃO
2 SALA DE PEQUENOS ANIMAIS
3 COZINHA DE APOIO
4 RESTAURANTE
5 I.S
6 SALA DE CONFERÊNCIA
7 PISCINA
8 JACUZZI
9 ÁREA TÉCNICA
261.1


5,65
5m
GYM
BF
BH
5m
Sala
ZONA DE ESTAR
SALA PEQUENOS ANIMAIS
SUITES

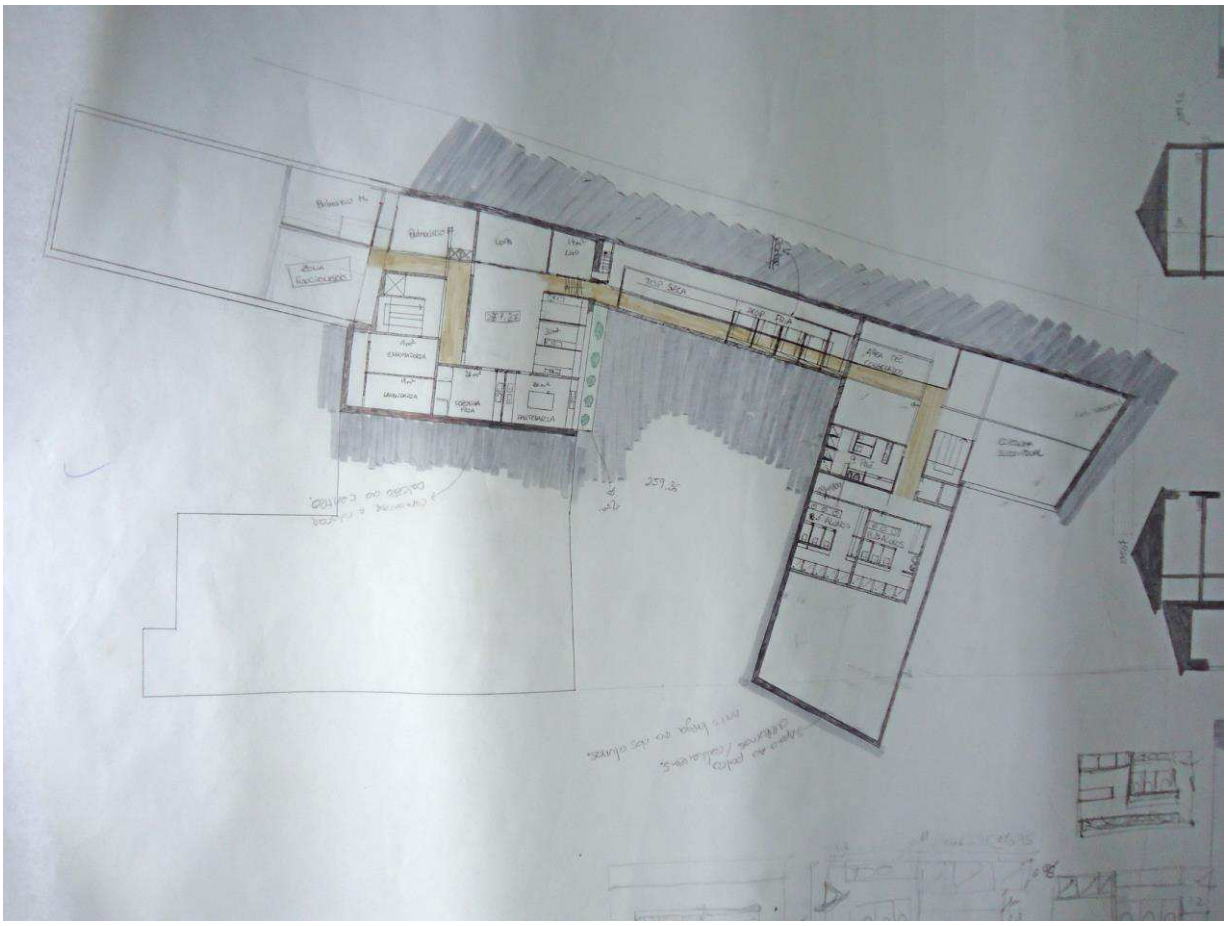

ENTRADA HOSPEDES
RECEPÇÃO
Balneários femininos
Balneários masculinos
SALA DE CONVERSADOS
AREA DE REPOUSO
1 duche f/4
1 sanita f/14
30m² estar
258,8
Balneários
30 m²
5m
4,74
Biblioteca
SALA
SALA



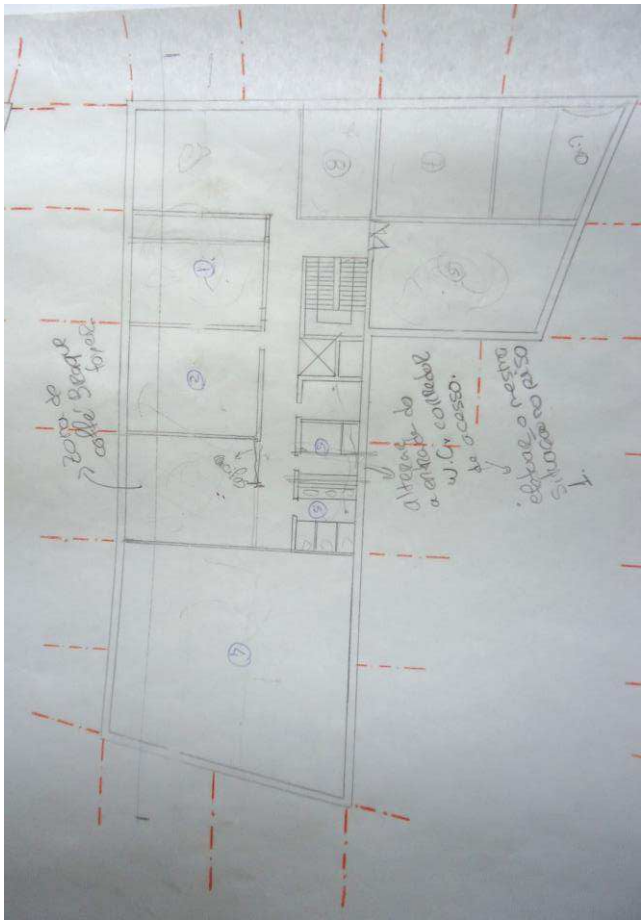

BAR
PISO 2

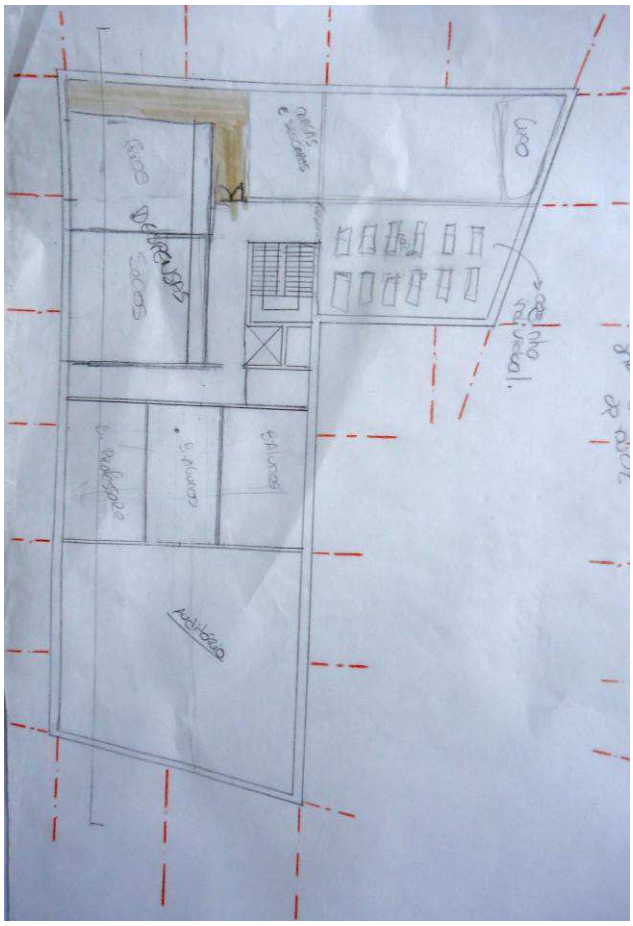


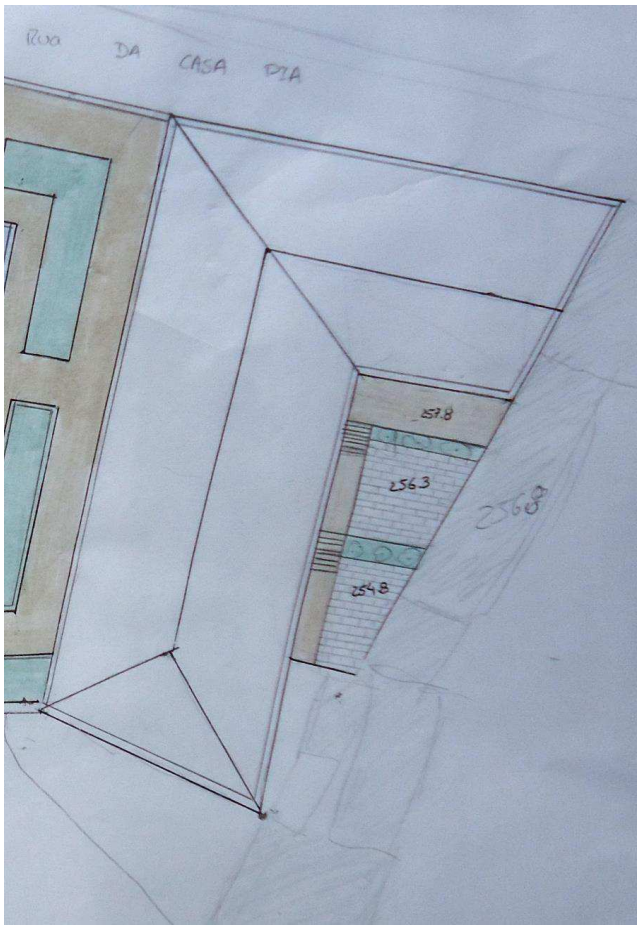
ZONA CONFEÇÃO
ZONA PREP.
B.F. PROF.
B.H. PROF.
B.F. ALUNOS
B.H. ALUNOS
COZINHA CENTRAL
• PASTELARIA - 25 - 35 m²
• COZINHA FRIA - 25 - 30 m²
• ZONA PREPARAÇÃO - 40 m² - 30
• COPA SUJA / LIMPA - 20 - 30 m²
• ZONA CONFEÇÃO -
• LIXO - 10 - 17 m²

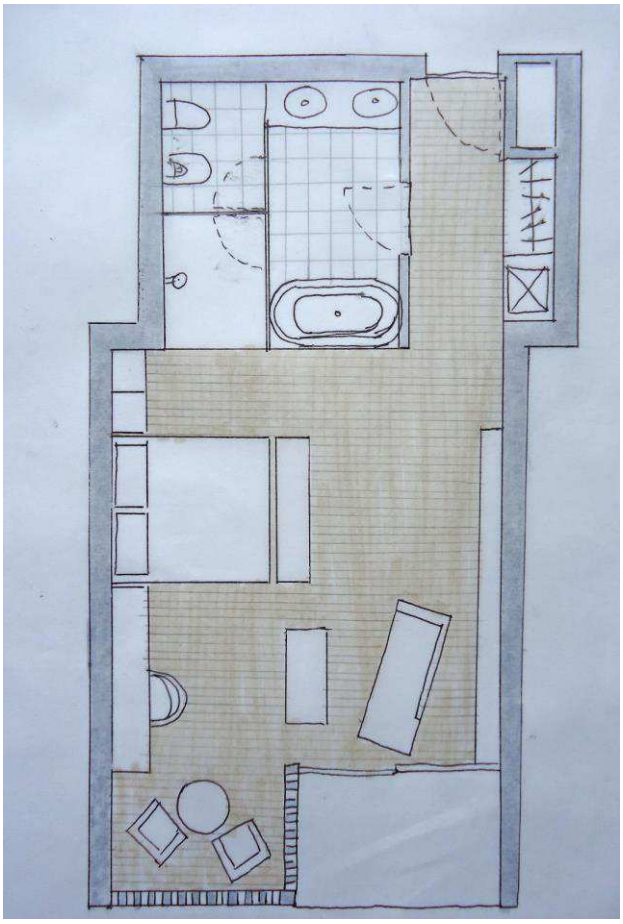


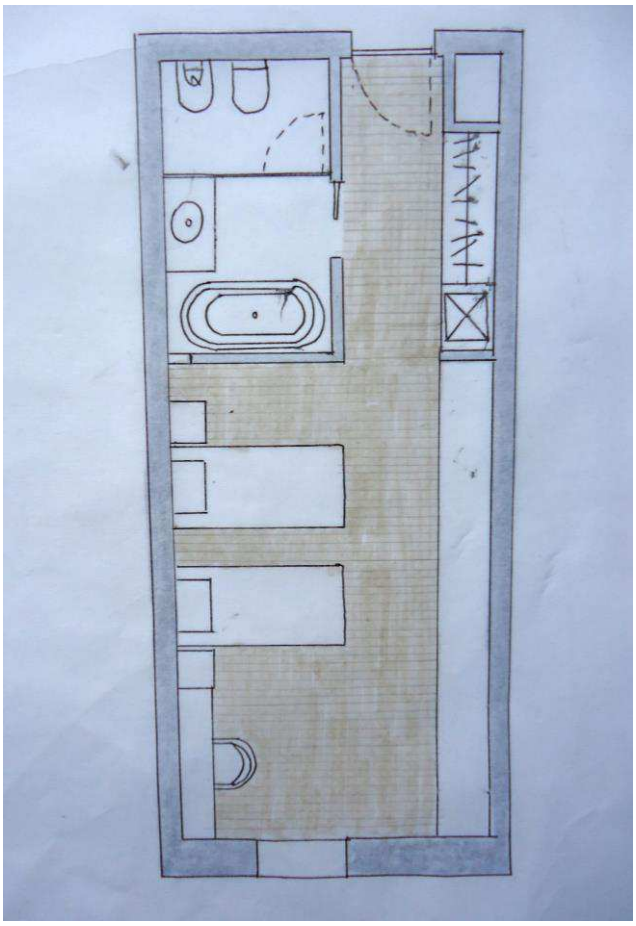
PISO 1

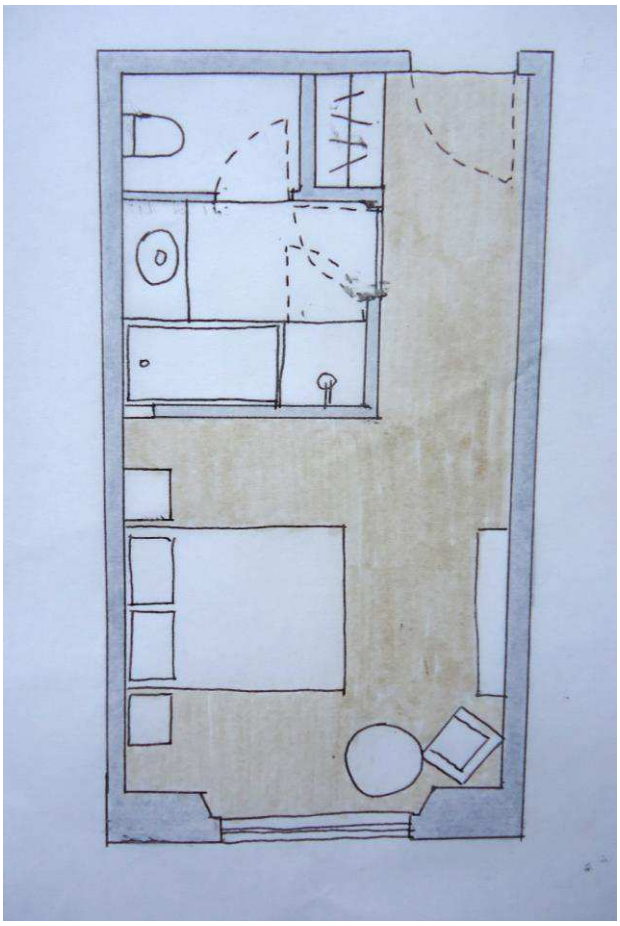





RUA DA CASA DIA
157.8
256.3
256.8
254.8







Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

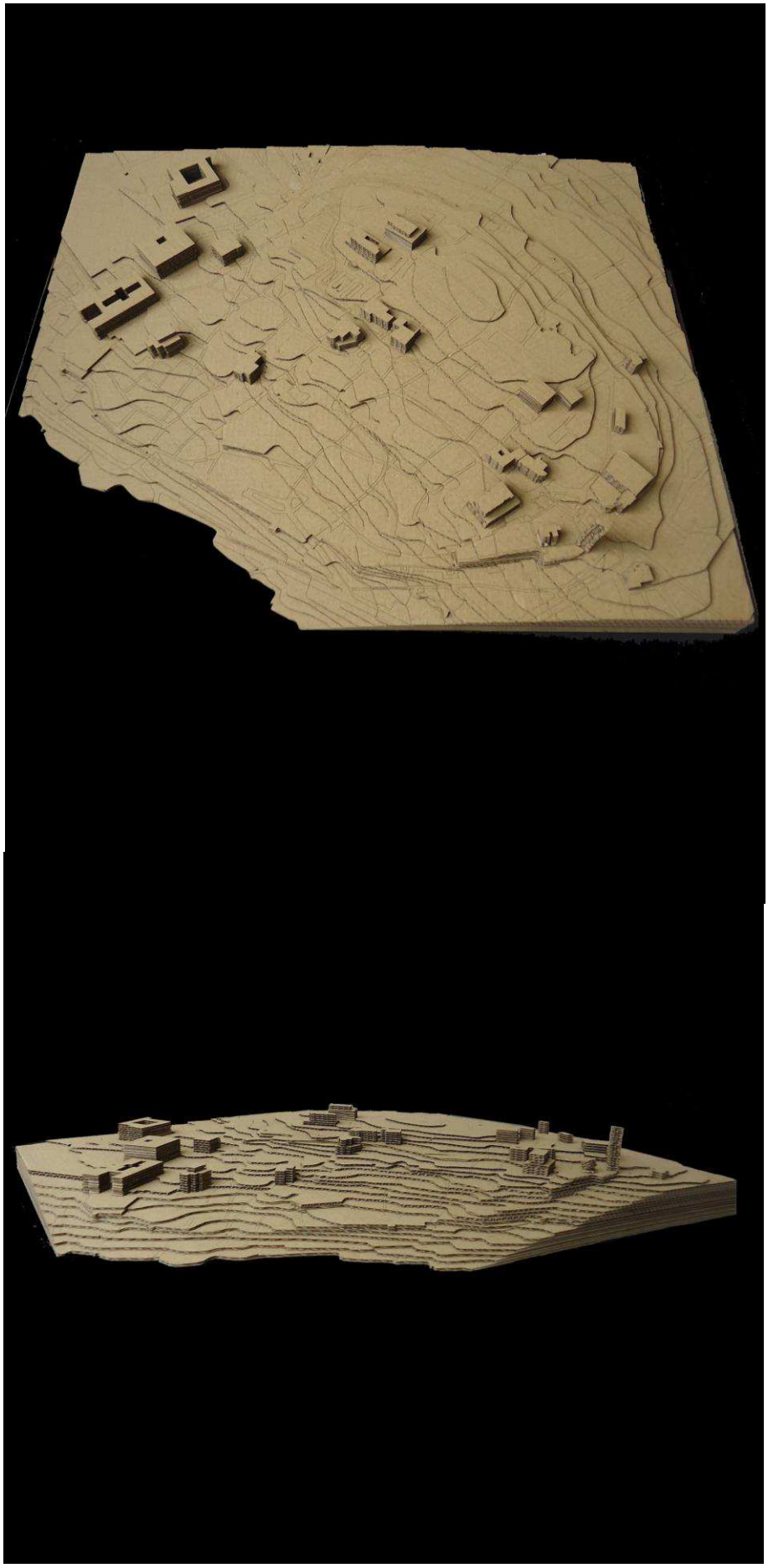
Processo de Trabalho

Anexo V

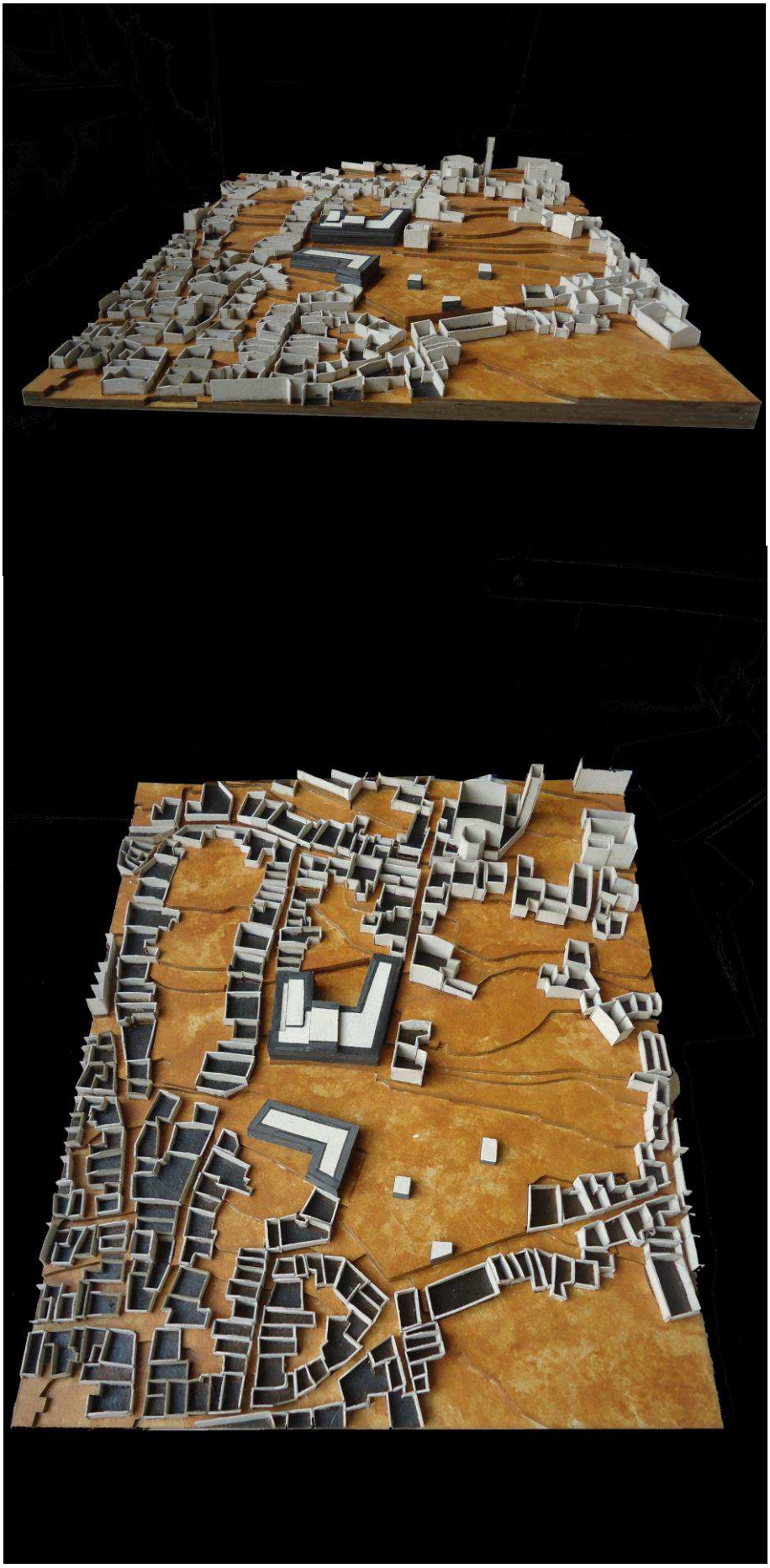
Maquetes Finais

Anexo VI

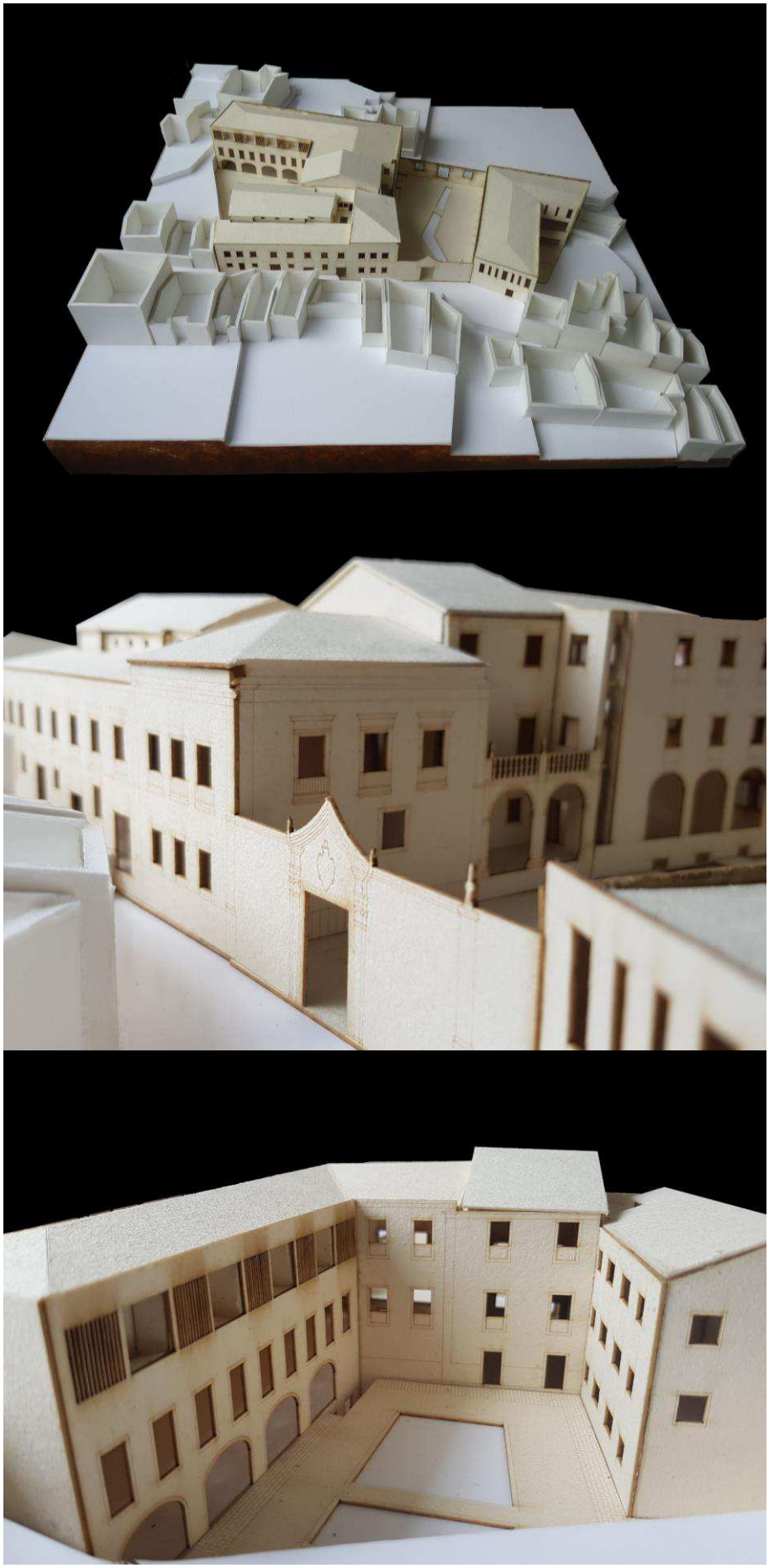
Peças Desenhadas do Projeto Final



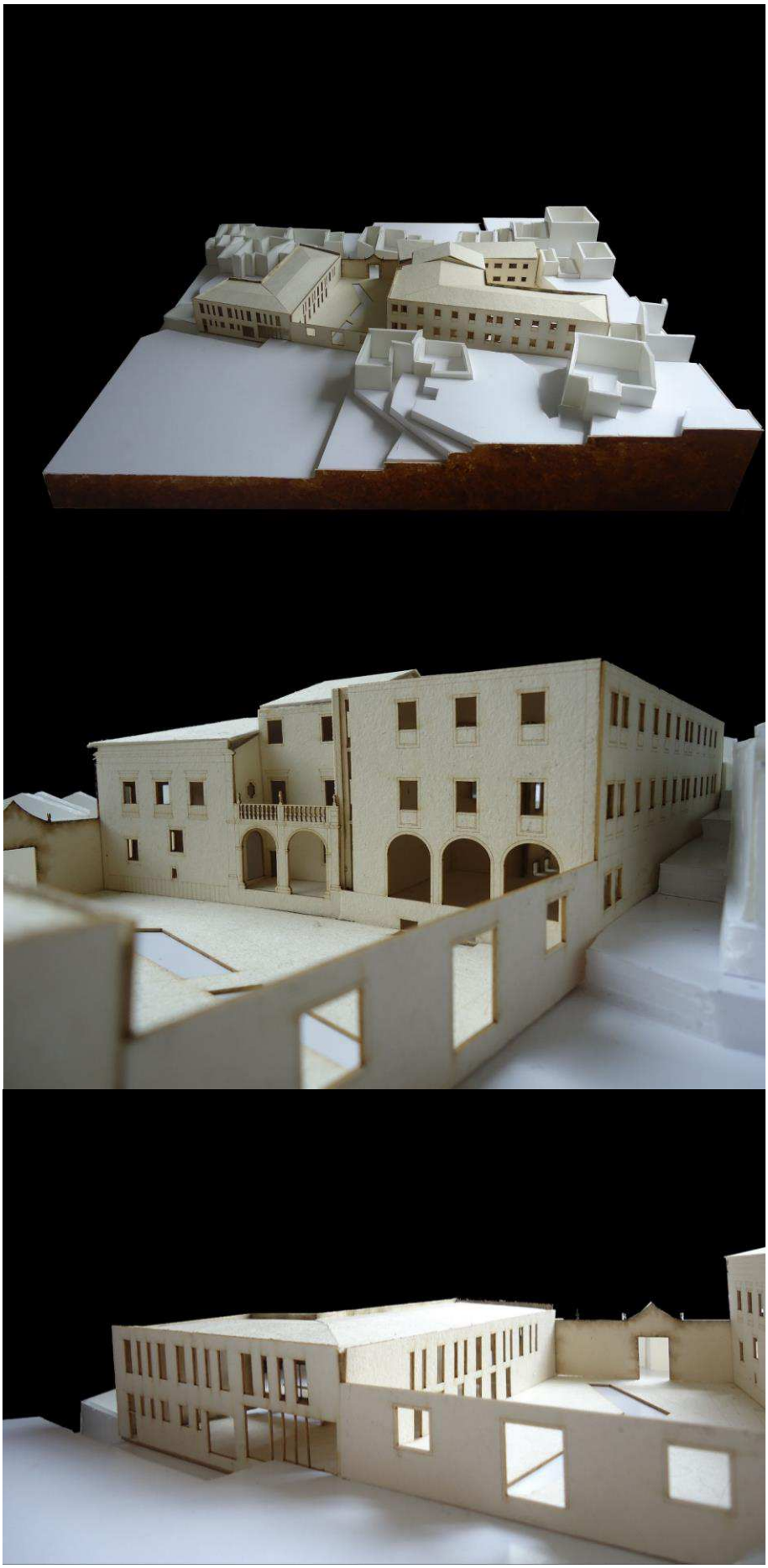
Maquete de Enquadramento
Escala 1/2000
Material: Cartão Canelado Castanho



Maquete da Proposta Urbana
Escala 1/500
Material: Cartão Prensado Pintado.

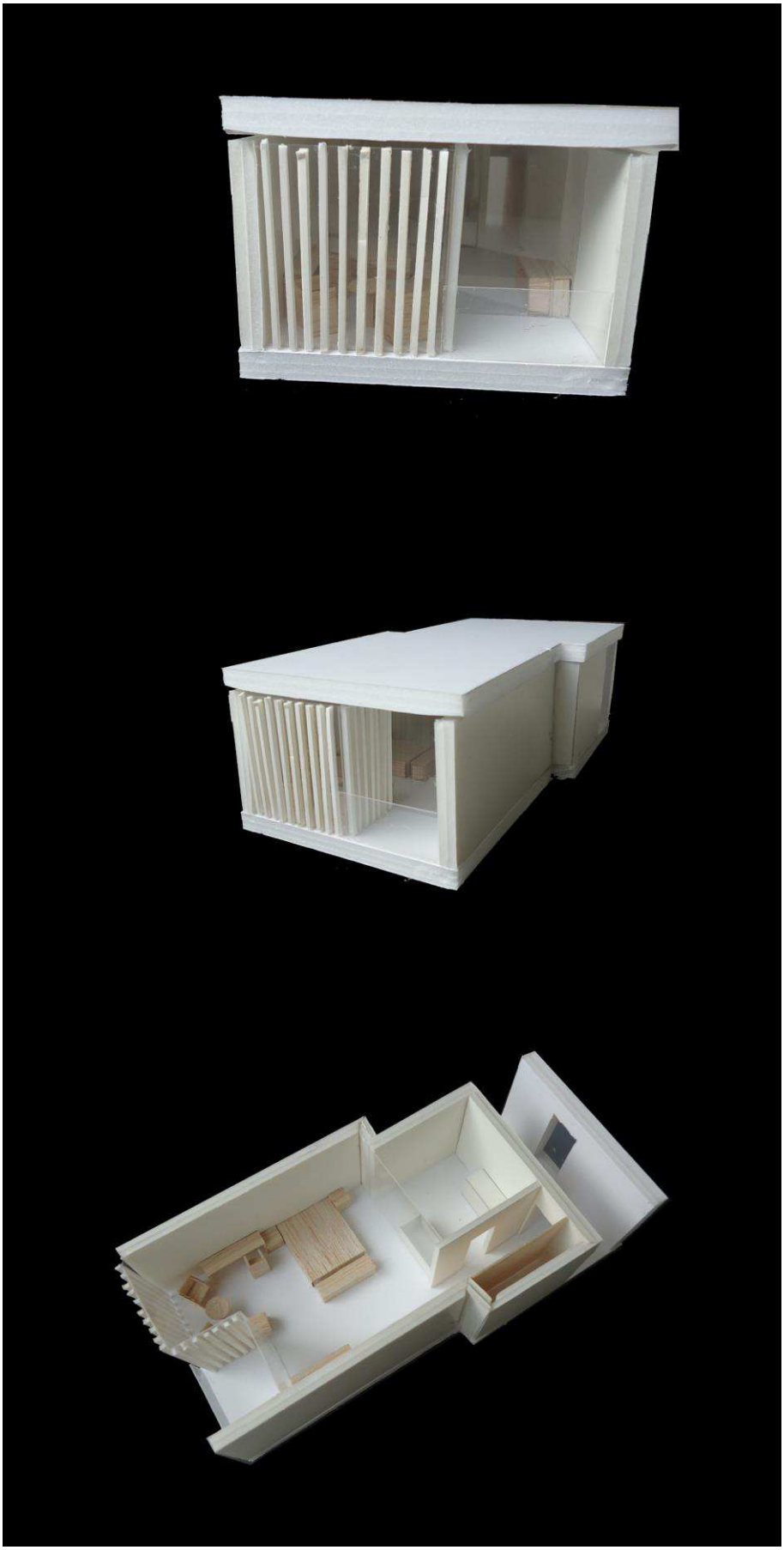


Maquete da Proposta Arquitetónica
Escala 1/200
Material: K-line Branco e Cartão Madeira



Maquete da Proposta Arquitetónica
Escala 1/200
Material: K-line Branco e Cartão Madeira

Maquete da Proposta Arquitetónica
Escala 1/200
Material: K-line Branco e Cartão Madeira



Maquete de Pormenor de Quarto
Escala 1/50
Material: K-line Branco e Balsa

Anexos

Anexo I

Cartografia e Iconografia antiga

Anexo II

Levantamento Fotográfico do Palácio dos Maldonados

Anexo III

Referências de Projeto

Anexo IV

Processo de Trabalho

Anexo V

Maquetes Finais

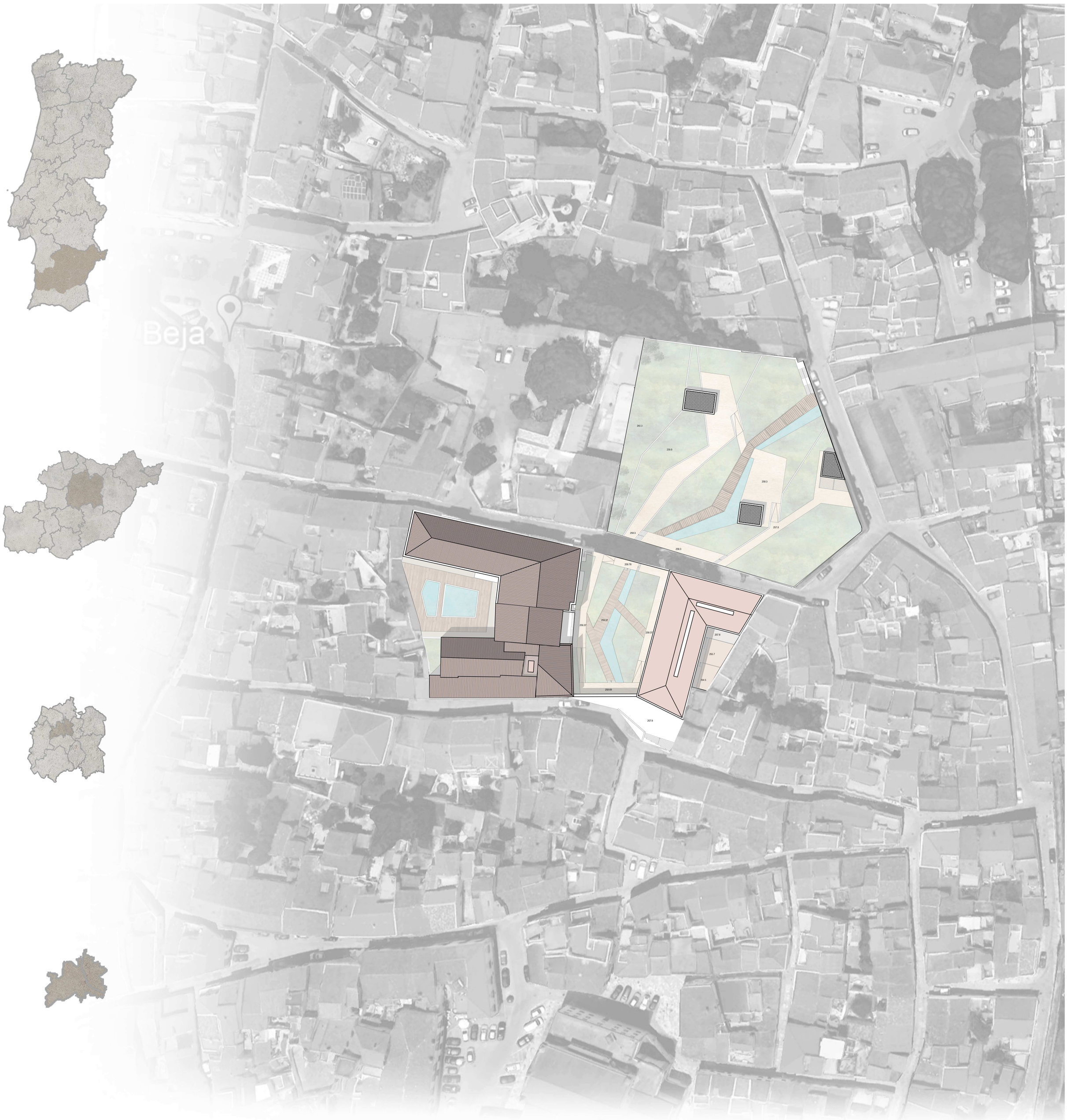
Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final

Anexo VI

Peças Desenhadas do Projeto Final

1. Proposta Urbana | Planta Piso Térreo |1:500
2. Proposta Urbana | Axonometria | Planta Piso -1 | 1:500
3. Proposta Arquitetónica | Planta Piso -1 | Alçado Sul | 1:200
4. Proposta Arquitetónica | Planta Piso 0 | Alçado Este| 1:200
5. Proposta Arquitetónica | Planta Piso 1 | Alçado Oeste Escola de Hotelaria | 1:200
6. Proposta Arquitetónica | Planta Piso 2 | Corte Transversal Escola de Hotelaria | 1:200
7. Proposta Arquitetónica | Cortes Longitudinais | Corte Transversal | 1:200
8. Proposta Arquitetónica | Corte Longitudinal | Alçado Norte| 1:200
9. Proposta Arquitetónica | Pormenor de Quartos | Fotomontagens| 1:50
10. Proposta Arquitetónica | Fotomontagens
11. Proposta Arquitetónica | Corte Construtivo | Detalhe Construtivo | 1:50 | 1.20



Beja - Um aspeto da cidade

REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA

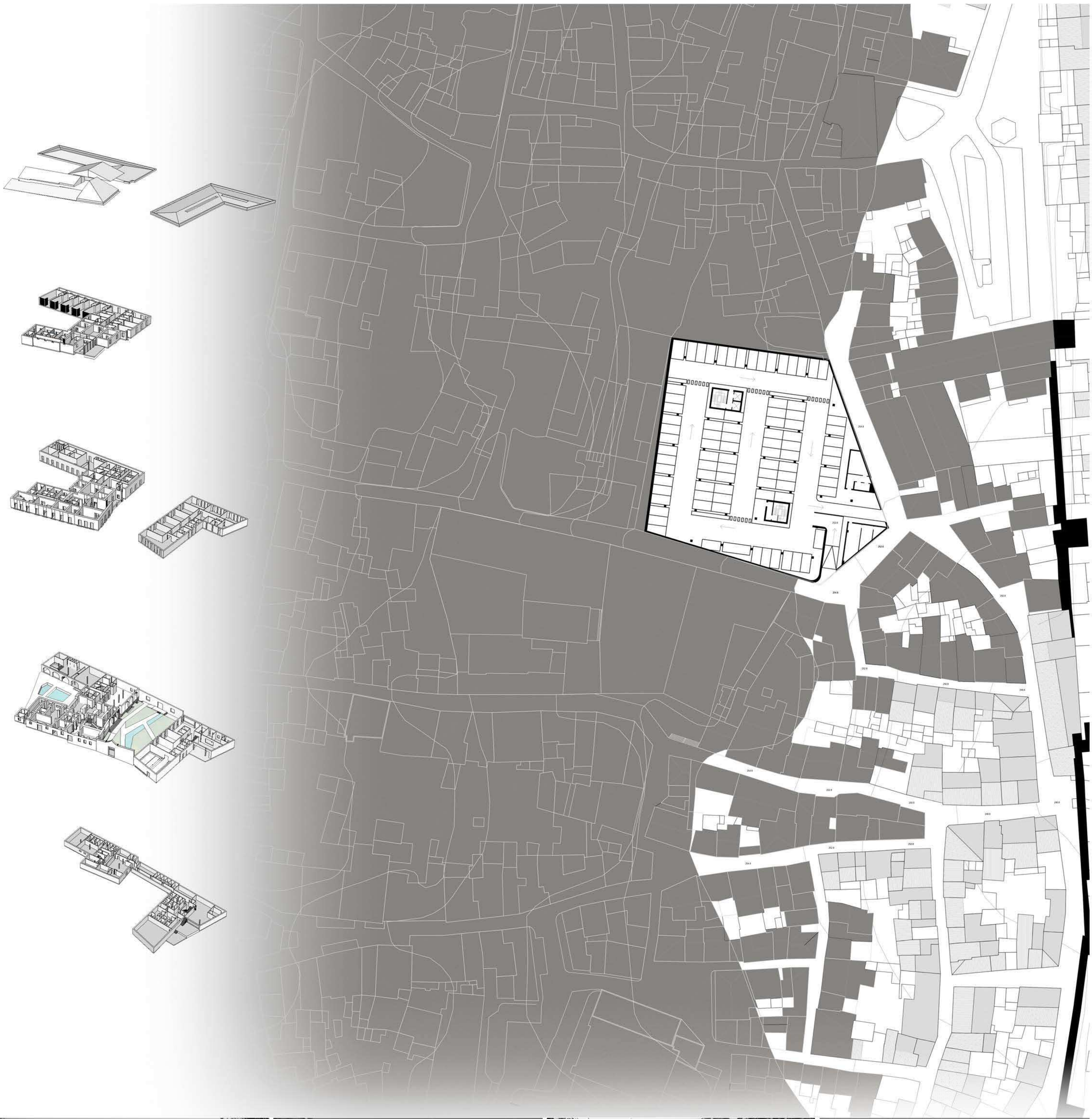
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Urbana | Planta Piso Térreo | 1:500

UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077

Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 01



Convento de S. Francisco

Portas de Mértola

Igreja de Nª Sª da Conceição

Igreja da Misericórdia

Castelo e Torre de Menagem

Arco Romano -Porta de Évora

Praça da República e Pelourinho

Sé de Beja

REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA

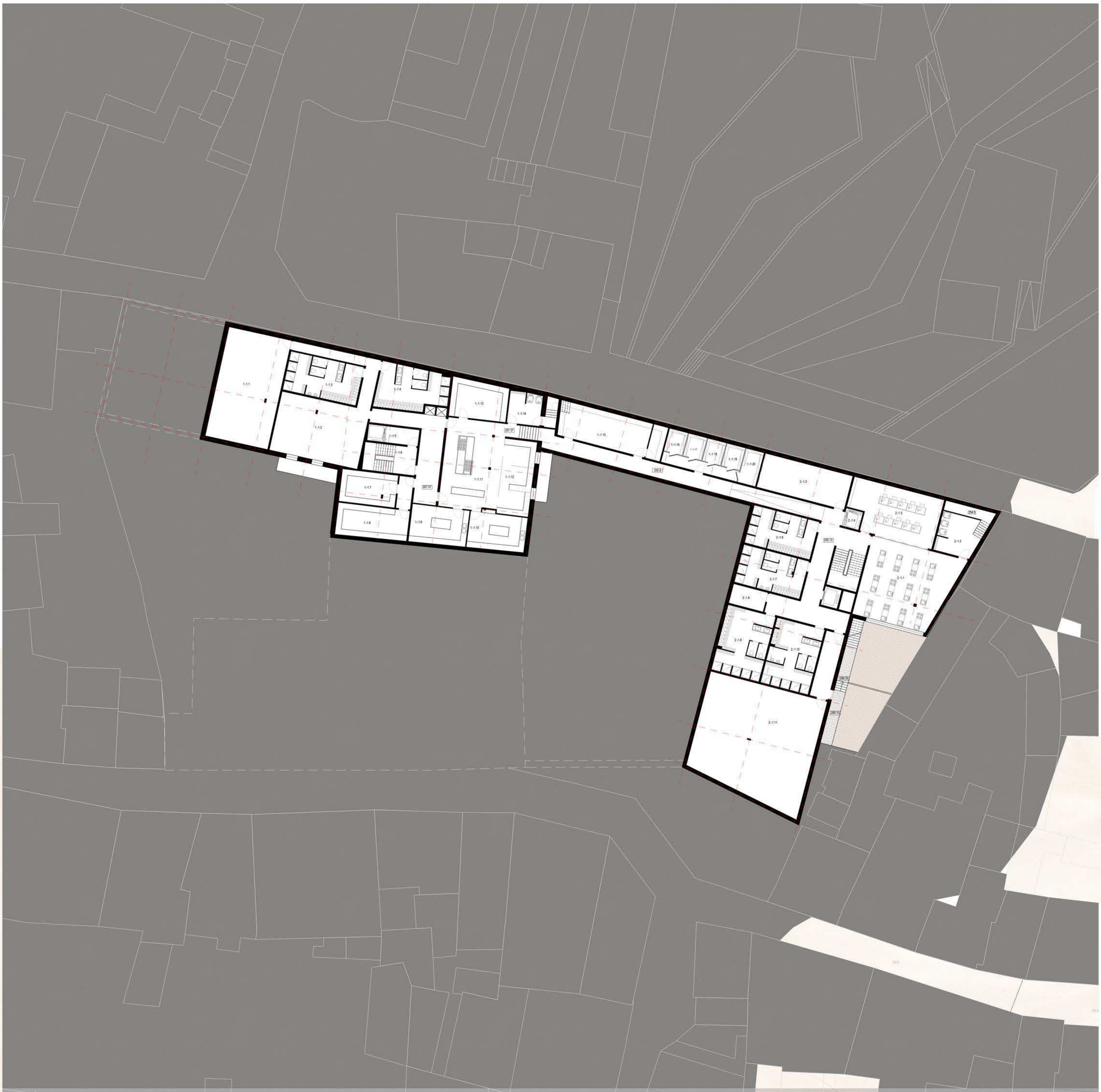
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Urbana | Axonometria | Planta Piso -1|1:500

UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077

Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 02



1.-1.1 Área Técnica | 1.-1.2 Zona de Estar Func. | 1.-1.3 Vest. Baln. Mas | 1.-1.4 Vest. Baln. Fem. | 1.-1.5 Elevador de Serviço | 1.-1.6 Escadas de Serviço/ Emergência | 1.-1.7 Rouparia | 1.-1.8 Lavandaria | 1.-1.9 Cozinha Fria | 1.-1.10 Pastelaria | 1.-1.11 Cozinha Central – Zona de Confeção | 1.-1.12 Zona de Preparação | 1.-1.13 Copa Suja/ Limpa | 1.-1.14 Lixo | 1.-1.15 Despensa Seca | 1.-1.16 Mise en Place | 1.-1.17 Desp. Fria – Fruta e Legumes | 1.-1.18 Desp. Fria – Lacticínios e ovos | 1.-1.19 Desp. Fria – Peixe | 1.-1.20 Desp. Fria – Carne
2.-1.1 Cozinhas Individuais | 2.-1.2 Lixo | 2.-1.3 Lab. Sensorial | 2.-1.4 Monta Cargas | 2.-1.5 Área Técnica | 2.-1.6 Vest. Baln. Fem. Profs | 2.-1.7 Vest. Baln. Mas. Profs | 2.-1.8 Arrumos | 2.-1.9 Vest. Baln. Fem. Alunos | 2.-1.10 Vest. Baln. Mas. Alunos | 2.-1.11 Área Técnica

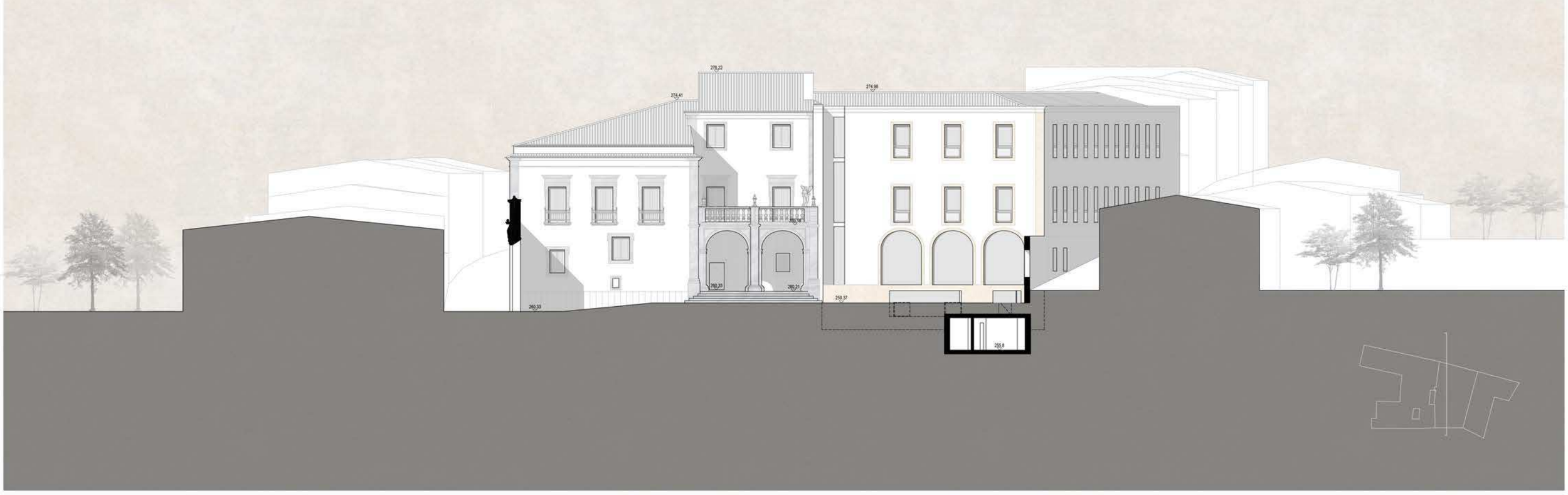
REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Planta Piso -1| Alçado Sul | 1:200
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077
Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 03

1.0.1 Receção | 1.0.2 Lounge | 1.0.3 Cafetaria/ P. Almoços | 1.0.4 I.S de Apoio à Caf./ P. Alm | 1.0.5 Cozinha de Apoio à Caf./ P. Alm | 1.0.6 Zona Apoio Func. | 1.0.7 Sala de Reuniões | 1.0.8 I.S Feminino | 1.0.9I.S Masculino | 1.0.10I.S Def. | 1.0.11 Restaurante | 1.0.12 Cozinha Geral | 1.0.13 Elevador de Serviço | 1.0.14Escadas de Serviço/ Emergência | 1.0.15 Sala Polivalente | 1.0.16 Sala Polivalente | 1.0.17 Piscina Interior | 1.0.18 Jacuzzi | 1.0.19 I.S \ 1.0.20 Área Técnica | 1.0.21 Piscina Exterior

2.0.1 Átrio de Entrada | 2.0.2 Secretaria | 2.0.3 Vigilante | 2.0.4 Arrumos | 2.0.5 Sala Professores | 2.0.6 Foyer |2.0.7 Auditório | 2.0.8 I.S Masculino | 2.0.9 I.S Feminino | 2.0.10 Acesso Cargas e Descargas | 2.0.11 Monta Cargas | 2.0.12 Cozinha de Apoio ao Refeitório | 2.0.13 Compartimento Lixo | 2.0.14 Refeitório 2.0.15 Pátio



REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA

Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Planta Piso 0| Alçado Este | 1:200

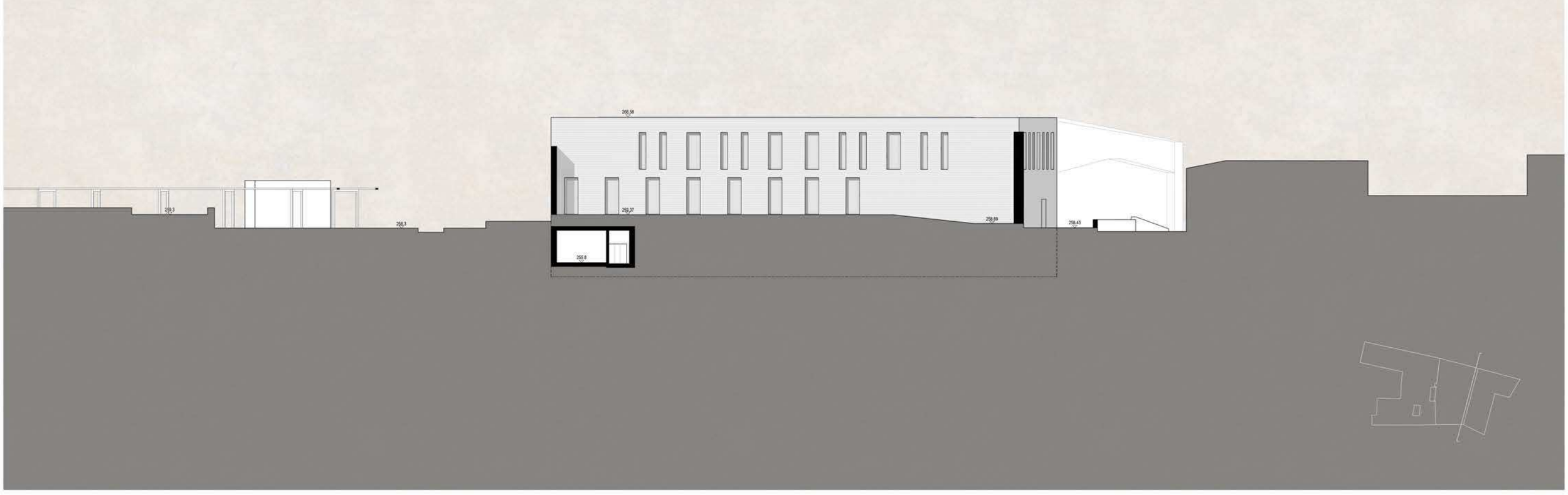
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077

Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 04

1.1.1 Acesso Principal | 1.1.2 Arrumos | 1.1.3 Biblioteca | 1.1.4 Suite | 1.1.5 Suite | 1.1.6 Quarto Simples | 1.1.7 Quarto Simples | 1.1.8 Quarto Simples | 1.1.9 Quarto Simples | 1.1.10 Quarto Simples | 1.1.11 Bar | 1.1.12 Administração | 1.1.13 Átrio do Spa | 1.1.14 Receção do Spa | 1.1.15 Arrumos | 1.1.16 Gabinete Direção | 1.1.17 Vestiários Masculinos | 1.1.18 Vestiários Femininos | 1.1.19 Gabinete Médico | 1.1.20 I.S | 1.1.21 Ginásio | 1.1.22 Sala de Massagem | 1.1.23 Sala de Massagem | 1.1.24 Gab. Epilação | 1.1.25 Gab. Polivalente | 1.1.26 Escadas de Emergência | 1.1.27 Duche Contraste | 1.1.28 Área Técnica | 1.1.29 Sauna | 1.1.30 Hammam | 1.1.31 Zona de Relaxamento | 1.1.32 Elevador de Serviço | 1.1.3 3 Escadas Serviço/ Emergência | 1.1.34 Arrumos

2.1.1 Sala de Aula | 2.1.2 Sala de Aula | 2.1.3 Sala de Aula | 2.1.4 Sala de Aula | 2.1.5 Sala de Aula | 2.1.6 Biblioteca/ Sala de Estudo | 2.1.7 Administração da Biblioteca | 2.1.8 Arrumos | 2.1.9 I.S Masculino | 2.1.10 I.S Feminino | 2.1.11 Sala de TIC | 2.1.12 Sala de TIC | 2.1.13 Sala de Reuniões | 2.1.14 Gabinete | 2.1.15 Gabinete

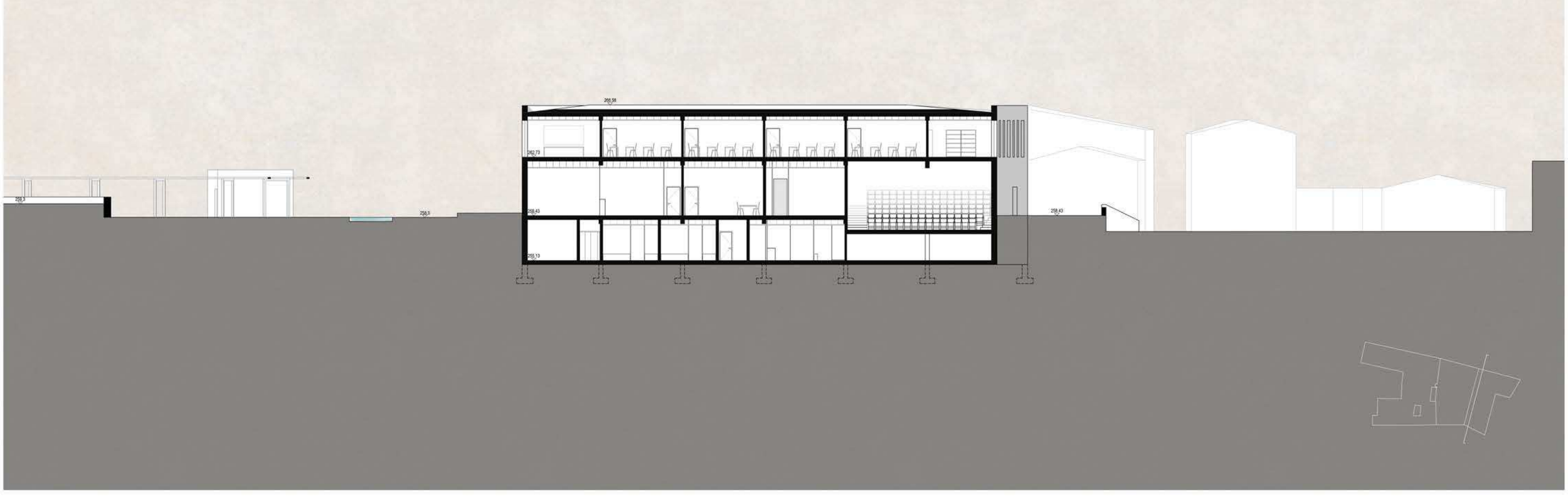


REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Planta Piso 1| Alçado Oesta Escola de Hotelaria | 1:200
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077
Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 05

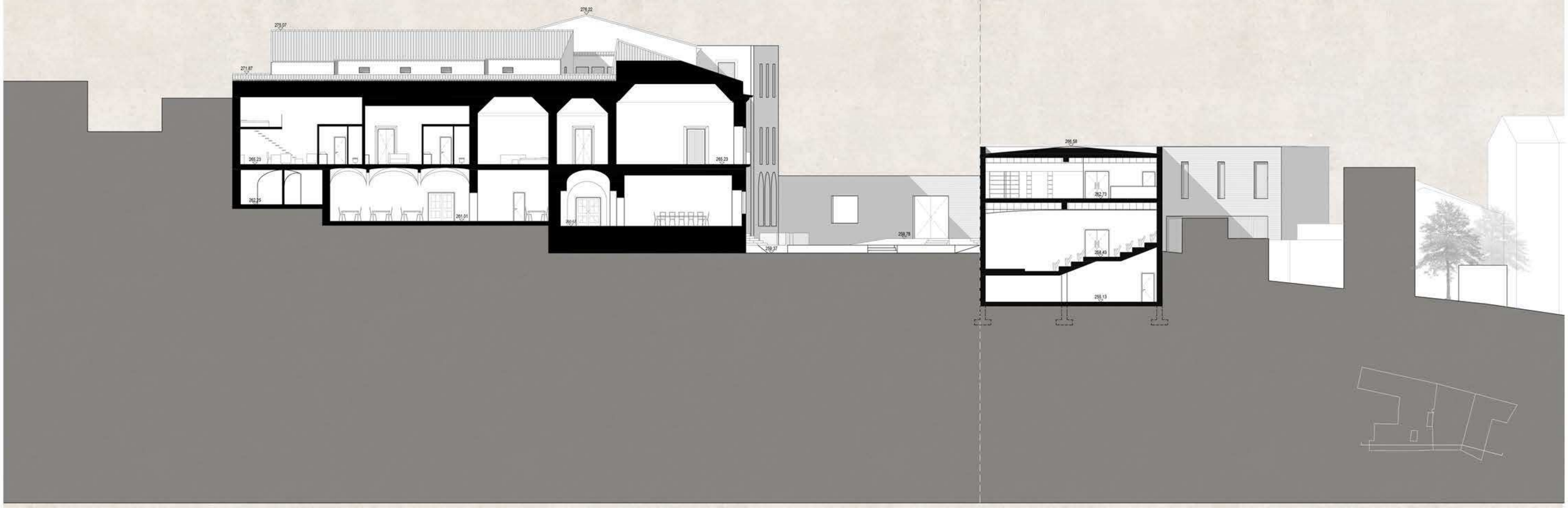
1.2.1 Acesso Principal | 1.2.2 Quarto Simples | 1.2.3 Quarto Simples | 1.2.4 Quarto Simples | 1.2.5 Quarto Simples | 1.2.6 Quarto Simples | 1.2.7 | 1.2.8 Quarto Duplo | 1.2.9 Quarto Duplo | 1.2.10 Quarto Duplo | 1.2.11 Quarto Duplo |1.2.12 Quarto Duplo | 1.2.13 Escadas de Serviço/ Emergência | 1.2.14 Elevador de Serviço | 1.2.15 Quarto Plus | 1.2.16 Quarto Plus | 1.2.17 Quarto Plus | 1.2.18 Quarto Plus | 1.2.19 Quarto Plus | 1.2.20 Escadas Emergência

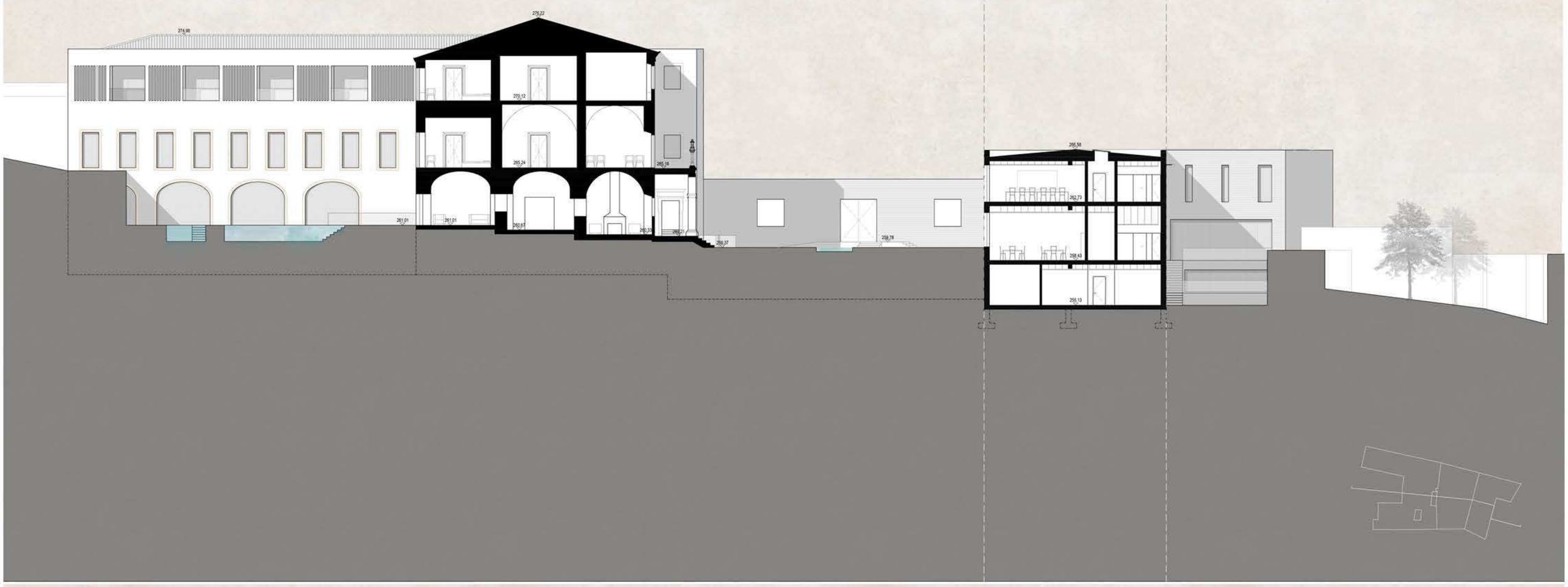


REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Planta Piso 2| Corte Transversal Esxola de Hotelaria| 1:200
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077
Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 06





REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA

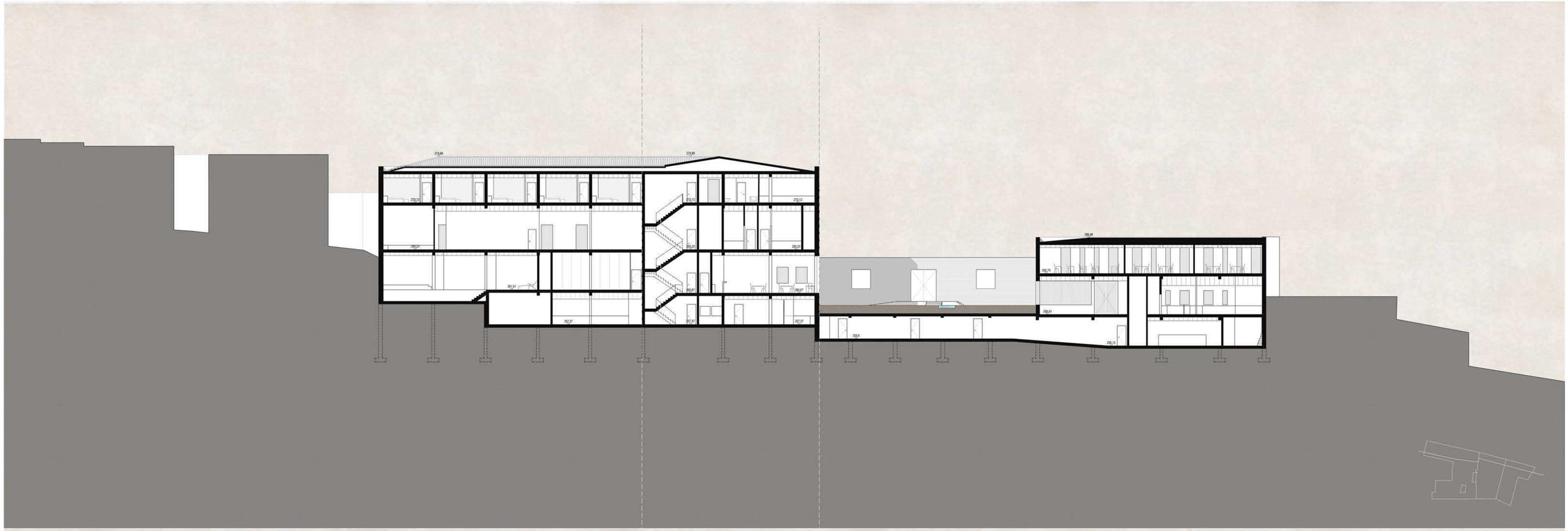
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

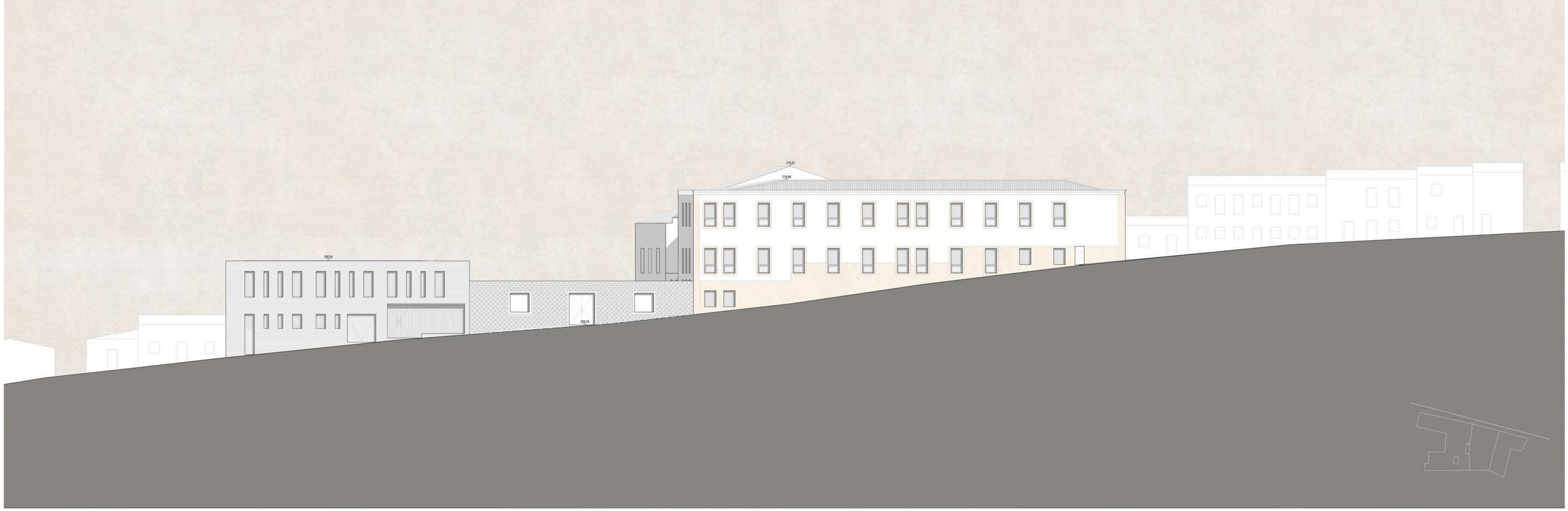
Proposta Arquitetónica | Cortes Longitudinais| Corte Transversal | 1:200

UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077

Orientação Cientifíca: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 07





REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA

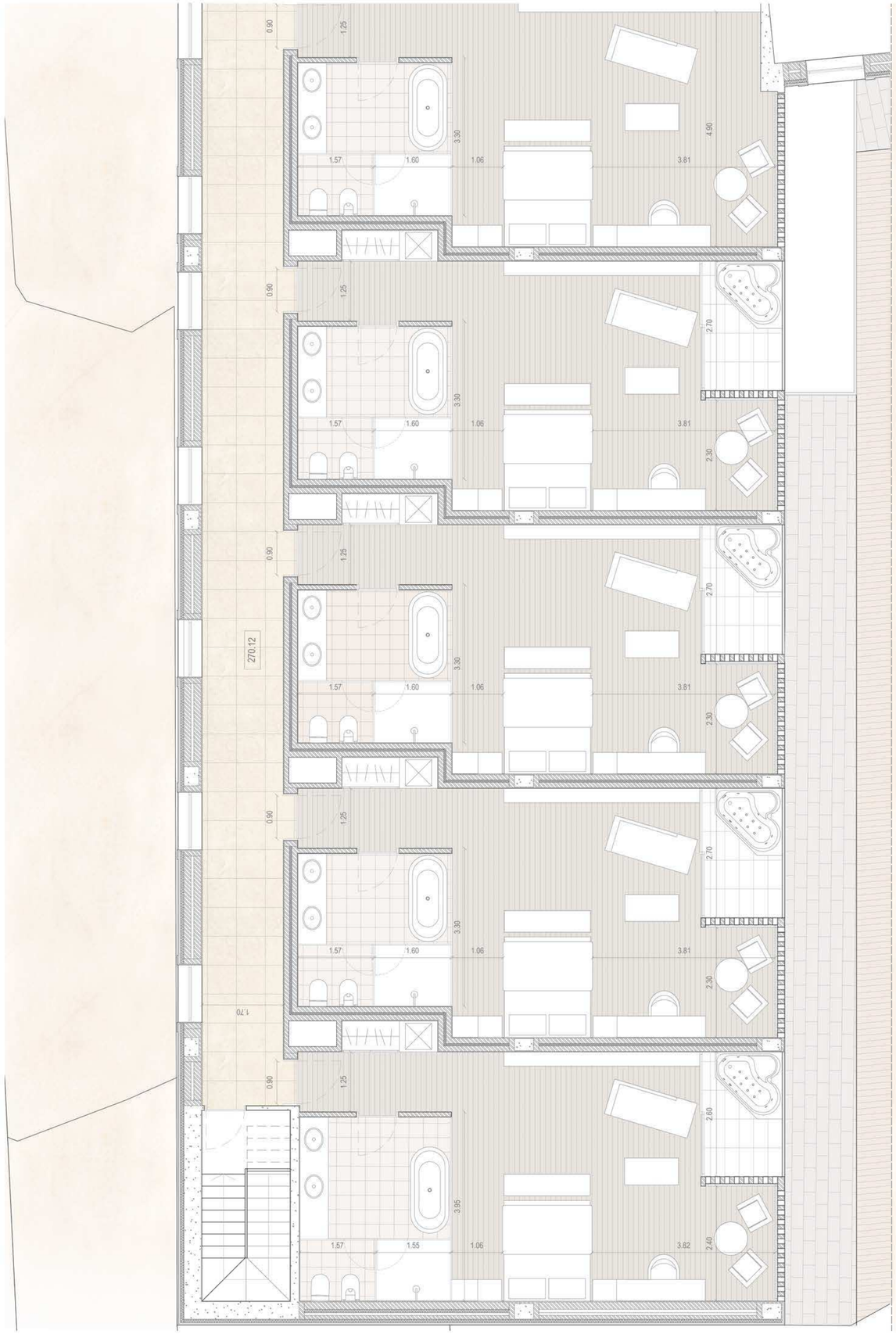
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Corte Longitudinal| Alçado Norte | 1:200

UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077

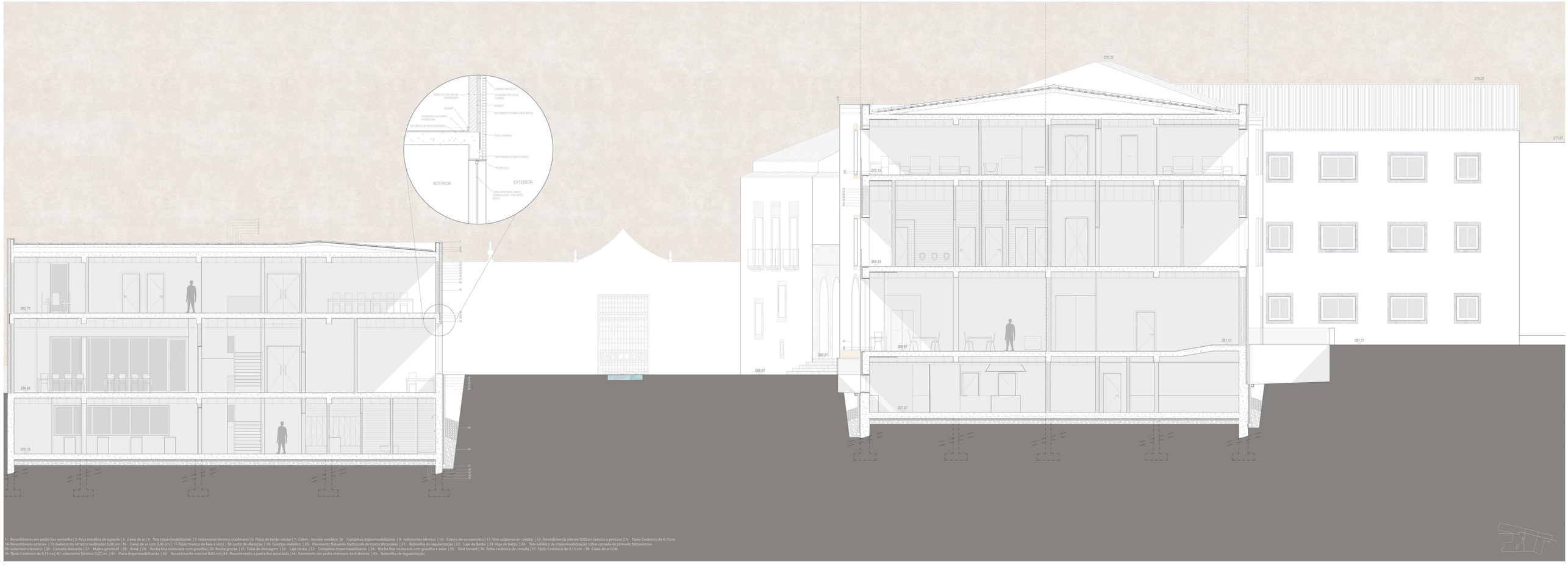
Orientação Científica: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes

P 08



REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Pormenor de Quartos| Fotomatagens | 1:50
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 20121077
Orientação Científica: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes



1- Revestimento em pedra liòz vermelha | 2-Peça metálica de suporte | 3- Caixa de ar | 4- Tela impermeabilizante | 5-Isolamento térmico (roofmate) | 6-Placa de betão celular | 7- Cobre - murete metálico |8- Complexo impermeabilizante | 9- Isolamento térmico | 10- Caleira de escoamento | 11-Teto suspenso em pladur | 12- Revestimento interior 0,02cm (reboco e pinturas) |13- Tijolo Cerâmico de 0,15cm
14-Revestimento exterior | 15-Isolamento térmico (wallmate) 0,06 cm | 16- Caixa de ar com 0,05 cm | 17-Tijolo branco de face à vista | 18-Junta de dilatação | 19- Grampo metálico | 20- Pavimento flutuante Hydrocork da marca WiCanders | 21- Betonilha de regularização | 22- Laje de Betão | 23-Viga de betão | 24- Tela asfáltica de impermeabilização sobre camada de primário betuminoso
25-Isolamento térmico | 26- Camada drenante |27- Manta geotêxtil | 28- Areia | 29- Rocha fina misturada com gravilha | 30- Rocha grossa | 31- Tubo de drenagem | 32- Laje térrea | 33- Complexo impermeabilizante | 34- Rocha fina misturada com gravilha e areia | 35- Tout Venant | 36- Telha cerâmica de canudo | 37- Tijolo Cerâmico de 0,15 cm | 38- Caixa de ar 0,06
39-Tijolo Cerâmico de 0,15 cm| 40-Isolamento Térmico 0,07 cm | 41- Placa Impermeabilizante | 42- Revestimento exterior 0,02 cm | 43-Revestimento a pedra liòz amaciada | 44- Pavimento em pedra mármore de Estremoz | 45- Betonilha de regularização

REABILITAR E VALORIZAR A MEMÓRIA DE BEJA
Escola de Turismo e Unidade Hoteleira: Palácio dos Maldonados

Proposta Arquitetónica | Corte Construtivo e Detalhe Construtivo| 1:50 | 1:20
UL- Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Cristina Santos Palma | 201210T7
Orientação Científica: Prof. Dr. Isabel Rosa e Prof. Dr. Flávio Lopes